



DIA DO PATRIMÔNIO

Pelotas . Rio Grande do Sul

TERRITÓRIOS DAQUI:
**IDENTIDADES E
PERTENCIMENTO**

18, 19 e 20 de agosto de 2017

O Dia do Patrimônio chega a sua quinta edição valorizando o que a cidade tem de melhor: sua gente. Porque ao falar nos territórios daqui, nos encontros e reencontros, nas narrativas cotidianas ou míticas que acontecem em cada um de nossos bairros, estamos falando de nós, desse povo intenso e diverso, que construiu a cidade, e a reinventa a cada dia. Nossa maior riqueza é nossa diversidade. As etnias portuguesa e africana, mescladas mais tarde à cultura dos imigrantes alemães, italianos, franceses, japoneses, libaneses constituem uma cidade peculiar. Some-se a isso as paisagens pampeanas, de serra, de águas por todos os lados aliadas a uma forte cultura erudita, cuja expressão mais visível está na arquitetura, e a uma cultura popular das mais pujantes, tudo isso temperado com um universo estudantil cheio de sotaques e culturas, e teremos o perfil da Pelotas de hoje.

Nossos bairros representam esta riqueza e esta diversidade de forma extraordinária. São espaços que possuem personalidades muito específicas, cuja soma produz a complexidade espessa de nossa identidade. As histórias, os pequenos monumentos, as marcas do tempo, as mitologias, as personagens de cada lugar formam um mosaico com nome próprio e imaterial: patrimônio. Da Balsa, com sua tradição original e centenária, à Vila Princesa, bairro criado a meio-caminho entre o rural e o urbano, estendendo-se também pelas paisagens da Serra dos Tapes, Pelotas se descortina em todos os bairros e distritos através de sua gente, seu maior patrimônio, seu legado indelével.

Paula Mascarenhas
Prefeita de Pelotas

Nosso Dia do Patrimônio tem sido um convite para investigar coletivamente a formação de nossa identidade assim como seus desdobramentos contemporâneos e, possivelmente, algumas perspectivas para o futuro.

Nesta edição de 2017: “Territórios daqui: identidades e pertencimento”, direcionamos este convite a todas as regiões de nossa cidade, envolvendo lideranças comunitárias, pesquisadores, artistas e agentes culturais para um exercício quanto aos sentidos múltiplos de nosso patrimônio a partir da dinâmica territorial. Ao ativar memórias e evocar saberes e fazeres das nossas áreas urbana e rural procuramos, através das atividades propostas pela comunidade, pelos diálogos das “Conversas do Dia do Patrimônio”, assim como dos textos nesta revista, mais do que a visibilidade da história e das riquezas culturais de nossos territórios, o entendimento dos espaços públicos de Pelotas como lugares de diálogos, reduzindo desigualdades e ampliando a inclusão social.

Ao propor as territorialidades de Pelotas como tema propulsor da quinta edição do nosso Dia do Patrimônio, acabamos revisitando todas as edições anteriores, encontrando muito da cultura negra em nossos bairros assim como o protagonismo das mulheres nas lideranças comunitárias, nas práticas artísticas e na produção de conhecimento.

Esperamos que as atividades e reflexões propostas sejam tão inspiradoras quanto tem sido para nossa equipe e nossos colaboradores. Revisitar as paisagens urbanas, rurais e humanas sob as diversas camadas temporais nos leva a uma reencenação das histórias de dor, luta e conquista de todos as pessoas que nos antecederam na construção de nossa cidade, mas também nos aproxima como cidadãos que dividem e reinventam diariamente este território chamado Pelotas.

Giorgio Ronna
Secretário Municipal de Cultura

"QUAL É O SEU BAIRRO?" A FORMA COM A QUAL AS PESSOAS IDENTIFICAM-SE COM SEU TERRITÓRIO

Joseane da Silva Almeida¹

Com temática inspiradora, relacionando território, elemento aparentemente constituído por delimitações físicas, com o patrimônio imaterial, considerando este também um elemento constitutivo do território, o Dia do Patrimônio coloca uma série de oportunidades para olhar a cidade e reconhecer o valor do espaço na maneira de viver das pessoas, e como essa maneira de viver constitui o espaço. E ainda como esse espaço assim constituído potencializa as noções de identidade e pertencimento.

Alguns estudiosos da cidade constatarem essa formação do território. Conforme VIEIRA (2005), a produção do espaço está ligada ao uso do solo, ao modo de ocupação de um lugar específico da cidade, concluindo que o espaço que deve ser considerado é o social, um produto complexo da sociedade que, ao mesmo tempo que é resultado, é também condição da produção e da reprodução social.

Para SOUZA (2003), "lugar" é um espaço vivido e dotado de significado, uma realidade intersubjetivamente construída com base na experiência concreta de indivíduos e grupos.

A abordagem trazida aqui neste texto é sobre os territórios no III Plano Diretor de Pelotas, e como as noções de identidade influenciaram na delimitação e conceituação de região e bairro.

O território como ponto de partida e objeto do planejamento

O Planejamento Urbano sempre teve por objetivo o ordenamento do território. Porém, o crescimento das cidades, na maioria das vezes de forma desordenada, e a dificuldade de entendimento de sua organização, levam a uma indefinição dos limites das "manchas urbanas" (MEYER, 2006) que compõem esse território. Portanto, o objeto principal do planejamento deve ser re-estudado. Entender a lógica dessa ocupação é fundamental.

O urbanismo tradicional até início do século XX foi voltado para o objeto claramente definido: a cidade.

Foi a partir da constatação da presença de alterações profundas no seu objeto de estudo e projeto (a cidade), assim como da insuficiência de seus instrumentos de análise, que o urbanismo reencontrou, na segunda metade do século XX, o termo território.

O processo de elaboração do III Plano Diretor de Pelotas incorporou o conceito de território no sistema de planejamento, identificando e definindo escalas regional, municipal/rural e urbana. A escala regional abrange o município e os municípios vizinhos, citando alguns recortes territoriais formais dos quais Pelotas faz parte: Aglomeração Urbana do Sul e Corede Sul.

A escala municipal/rural engloba todo município, área urbana e área rural, com seus distritos e ainda com o que foi caracterizado como "localidades", entendidas como aglomerações populacionais consolidadas pelo processo de ocupação do território rural.

A sede, ou área urbana da cidade de Pelotas é dividida legalmente em zonas administrativas. Porém estas regiões são muito grandes, guardando dentro de si muitas meso e micro-regiões, com características diferenciadas, com identidade própria. Entender estas especificidades é fundamental para o planejamento.

Flávio Villaça denomina este espaço de "intra-urbano", explicando que esta expressão não deveria ser necessária, já que "espaço urbano" já é suficiente para designar o que está dentro do perímetro urbano. Porém, como já foi apontado por MEYER, há uma indefinição das manchas urbanas, que também podem se referir ao espaço regional, e por isso surgiu a necessidade de criar outra expressão para o espaço urbano propriamente dito.

No caso de Pelotas, o III Plano Diretor organizou o espaço intra-urbano da seguinte forma:

- 7 MACRO-REGIÕES – regiões administrativas (divisão legal)
- 29 MESO-REGIÕES – regiões de planejamento
- 109 MICRO-REGIÕES – sistema de informações

No entanto, estas delimitações territoriais são suficientes apenas como metodologia de trabalho. O recorte deve ser entendido através de diversos elementos estruturadores, não só os físicos, mas também funcionais, temporais e, sobretudo, sociais.

Espaço & Território

A ocupação do planeta pelo ser humano é de extrema complexidade. No terceiro Plano Diretor o "Sistema de Territórios" é complementado com o que foi chamado de "Sistema Temático", que propicia um método contínuo de superposição dos diversos aspectos da vida humana. Tem-se então o Modelo Espacial. O território é um dado, o espaço é uma produção.

A delimitação das agora chamadas Regiões Administrativas, baseou-se na divisão historicamente conhecida por Bairros. Assim, Centro, Fragata, Três

¹Arquiteta e Urbanista, Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal de Lanus, Argentina, Professora no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas. Funcionária pública municipal aposentada, foi coordenadora técnica da elaboração do Projeto de Lei do III Plano Diretor de Pelotas (lei 5502/08).

Vendas, Areal e Laranjal, não são mais bairros. São Regiões Administrativas, legalmente constituídas (lei nº 5.490, de 24 de julho de 2008), somando-se a elas mais duas novas: Barragem e São Gonçalo.

A mudança de nomenclatura foi apoiada por pesquisa de opinião, onde a população era convidada a responder a pergunta “qual é o seu bairro?”. Constatou-se que a grande maioria das pessoas respondia dando como referência uma unidade territorial menor, uma localidade ou loteamento, e não o grande “bairro”. Portanto, as noções de identidade influenciaram na delimitação e conceituação de região e bairro.

O Dicionário de Urbanismo (FERRARI, 2004), conceitua Bairro como uma unidade de origem espontânea, integrada por indivíduos e grupos primários que podem manter entre si contatos simpáticos, desinteressados, e ter consciência de pertencerem à mesma comunidade. Corresponde a uma unidade de vizinhança, não é uma unidade administrativa.

Entende-se Bairro como aquele território que engloba o conceito de vizinhança, ou seja, proximidade de moradias suscetíveis de criar elos de interesses comuns. Um grupo de vizinhança é um grupo formado de indivíduos em que as relações e os contatos se devem à proximidade espacial, e, às vezes, à conscientização da existência de interesses comuns que os aproxima.

Como já foi dito, as Regiões criadas para fins administrativos, são 7, claramente delimitadas em lei. Para os Bairros não existe uma legislação que os defina e delimite, nem sabe-se ao certo quantos são, e talvez tenha que ser assim mesmo, já que são “territórios” em constante mutação, produzidos socialmente, com fronteiras flexíveis.

Após nove anos de vigência da lei que cria as Regiões Administrativas, os moradores da cidade ainda não têm clareza das mudanças de nomenclatura. A maioria continua referindo-se ao seu núcleo mais próximo, mas alguns ainda referem-se à grande região quando perguntados onde moram. Não há problema nisso, cada ser humano pode expressar da forma como lhe convém sua noção de pertencimento. Observa-se que ninguém responde que mora no São Gonçalo ou na Barragem, regiões com nomenclatura nova, justamente por isso, não existiam como Bairros antes, e continuam não sendo bairros.

Para finalizar o texto, destacando que o assunto é vasto, e a cidade está em constante mutação, levanta-se um tema na produção atual dos territórios: a proliferação de grandes condomínios horizontais fechados, e mais recentemente em Pelotas surgem os “bairros planejados”, abertos mas com controle, e com extrato social homogêneo.

Essa formação difere da formação histórica da cidade, aquela que produziu a identidade atual, e que segundo VIEIRA (2005) nada mais é que o resultado da interação

verificada entre a sociedade e a natureza.

Não há notícias ainda de que unidades de vizinhança artificialmente implantadas tenham conseguido criar comunidades. No entanto é possível afirmar que esses territórios não são “lugares” construídos com base na experiência concreta de indivíduos e grupos. Falta aí a presença do patrimônio imaterial, considerado também como elemento constitutivo do território, conforme a temática proposta para o Dia do Patrimônio.

Referências

FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo: Disal, 2004.

MEYER, Regina Maria Proserpi. **O Urbanismo: entre a cidade e o território**. In: Revista Ciência e Cultura – Ano 58 – nº 01 – jan/fev/mar 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A Cidade Fragmentada. O Planejamento e a Segregação Social do Espaço Urbano em Pelotas**. Pelotas: UFPel, 2005.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.



TERRITÓRIO, AUTONOMIA E PERTENCIMENTO.

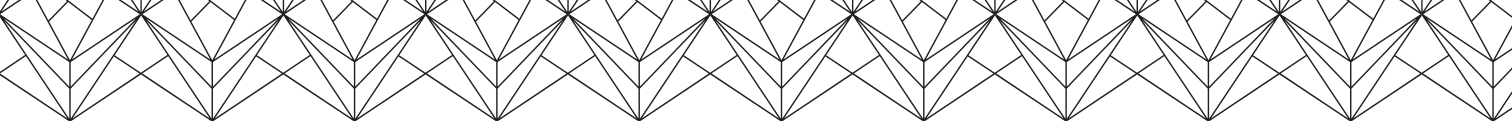
Herberto Peil Mereb¹

Loteamento Dunas

A territorialidade urbana na cidade de Pelotas, de uma forma geral, e as definições dos respectivos espaços e fronteiras administrativas municipais, no que diz respeito aos loteamentos populares tiveram sua configuração baseada na lógica de organizar os mais economicamente desfavorecidos longe das áreas centrais da cidade. Estes locais, por terem maior estrutura urbanística e social, são habitados por pessoas mais favorecidas economicamente. Nessa perspectiva os loteamentos populares vão se constituindo na periferia em relação ao centro da cidade.

No que se refere ao Loteamento Dunas não foi diferente. Seus moradores foram sendo deslocados de áreas mais próximas do centro e esses terrenos começaram a ganhar valor de mercado e serem adquiridos por pessoas com maior poder aquisitivo. Para facilitar a situação a Prefeitura Municipal, através de seus técnicos e por decisão política respaldada pelo poder legislativo, idealizou um projeto de loteamento popular

¹Coordenador da ONG AMIZ e Atuante no Loteamento Dunas desde 1996.



urbanizado, localizado numa área distante do espaço central e em situação de grande precariedade de infraestrutura e deslocamento. Isso influenciou uma migração de pessoas de outros bairros, da zona rural, e também de moradores do centro da cidade, que tendo a sua renda reduzida foram re-localados na periferia por falta de recursos para a compra de imóveis e o custeio dos aluguéis residenciais nas áreas próximas ao centro da cidade.

Podemos dizer que não existe um posicionamento geográfico absoluto entre centro (“é aqui”) e periferia (“é ali”), porque nas relações de poder da sociedade há centros dentro das periferias e vice-versa. Gilles Deleuze - Felix Guattari (Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, volume 1) tratam as relações entre centro e periferia como relações de multiplicidades que somente possuem determinações e grandezas, de maneira que o centro e a periferia estão intimamente conectados com os acontecimentos vividos, com as relações de poder, com os conceitos pensados, com os grupos e com as formações sociais. Para os filósofos a sociedade é entendida como um “rizoma”, cheia de linhas, segmentaridades e fuga, segundo as quais a relação “sujeito – território” é estratificada, territorializada e organizada, mas que compreende também linhas de desterritorialização pelas quais essa relação foge sem parar.

Portanto centro e periferia, com suas linhas de fuga que não param de remeter-se um ao outro não podem ser entendidos como um dualismo ou uma dicotomia na compreensão das relações de poder. Mas é possível partir do entendimento de que é em um território específico de centro ou de periferia que as práticas, saberes e instituições que determinam as relações de poder atuam, definem e exercitam seus interesses e entendimento de mundo, para além da dicotomia centro e periferia.

centro e a periferia estão intimamente conectados com os acontecimentos vividos, com as relações de poder, com os conceitos pensados, com os grupos e com as formações sociais.

O “sentimento” sócio-econômico e cultural dos moradores e moradoras do Loteamento Dunas que ainda hoje prevalece é o de des-favorecimento (i)material. Digo material me referindo às condições materiais objetivas de estruturas de ambiência urbana e social dentro da sociedade em que vivemos, assim como também às condições imateriais como modos de subjetivação, saberes e condução das condutas nas relações de poder. Nesta perspectiva cabe salientar que há uma divisão

urbana no Loteamento Dunas; Uma parte mais favorecida economicamente que vai até o campo da 14 (rua 14), onde foram construídas as estruturas institucionais do Comitê de Desenvolvimento do Dunas / CDD, da Escola Núcleo Habitacional Dunas, da Associação de Moradores, da Unidade Básica de Saúde, da Escola Infantil Paulo Freire, do Centro Comercial e da Incubadora de Pequenos Empreendimentos. Nesse local prevalece um sentimento de favorecimento em relação ao Loteamento como um todo.

A parte menos favorecida de ambiência urbana vai da rua quatorze até a vinte e nove (e a vinte nove fundos), com muito poucos equipamentos sociais e estruturas de ambiência urbana, ainda que há poucos anos tenha sido construída a Escola de Ensino Fundamental Deogar Soares (gestão 2001 – 2004) e atualmente as obras do CEU (Centro de Cultura e Lazer - em construção e previsão de inauguração setembro de 2017). Estas são as poucas estruturas institucionais dessa área e quase nenhuma de ambiência urbana, local onde prevalece o sentimento de desfavorecimento em relação ao Loteamento como um todo.

Outra situação que “cria” um sentimento de desfavorecimento do Loteamento Dunas em relação a outras territorialidades da cidade foi potencializada por necessidades políticas nas relações de poder que constituíram o Dunas, pois era preciso justificar o “porquê” dos grandes investimentos, em especial os investimentos do PRORENDA Urbano (1996 – 2001) no Loteamento e não em outro território da cidade com as mesmas condições de desfavorecimento. Essa necessidade política abriu espaço para que midiaticamente se criasse para o Loteamento uma imagem de violência Biopsicossocial, em especial pelos meios de comunicação (rádios, programas de televisão e jornais impressos), que incessantemente veiculavam o local como “violento”, onde moram os criminosos mais procurados pela polícia, enfim, uma simples discussão doméstica no Loteamento era tratada como um ato de alta violência. Ainda hoje, mesmo que a “moldura” tenha sido transformada pelas relações de poder ao longo dos anos se pode observar tais ocorrências como forma de justificar ou retirar os investimentos no local.

Por fim, cabe ressaltar que o Loteamento Dunas teve muitos desdobramentos em função do PRORENDA Urbano (1996 - 2001). O primeiro, logo após o final do PRORENDA Urbano, momento conturbado, em função do novo posicionamento político do governo municipal que havia assumido em 2001. Neste momento vários parceiros estratégicos se afastaram e retiraram suas ações do loteamento em função de entenderem que começou a se restringir a participação do CDD e dos parceiros na tomada de decisões sobre os investimentos e os recursos de ambiência urbana para o Dunas. Principalmente pelo posicionamento da Secretaria de Desenvolvimento



Econômico que coloca o CDD como uma extensão da secretaria e do governo municipal, uma prática visivelmente instrumental. Ao contrário do PRORENDA Urbano, inaugurou-se uma prática instrumental de exercício de poder unilateral, a partir da manipulação da informação e comunicação sobre os investimentos locais e os projetos e programas de ambiência urbana para o Loteamento Dunas.

Outro desdobramento importante pós PRORENDA Urbano foi no momento subsequente (2005 - 2011), que em certa medida se estende até os dias atuais, onde o Loteamento potencializa novamente seu envolvimento autônomo nas relações de poder da cidade e do mundo, outra vez, envolvendo diversas instituições públicas, privadas e indivíduos que, a partir da experiência Piloto da construção da Rede Vidadania colocaram na prática o PRODUNAS – Programa de Desenvolvimento do Dunas, uma “reorganização” do PRORENDA Urbano. O PRODUNAS se constitui a partir de 2006, em função de que no ano anterior 2005 havia sido realizado o POPULARTE, um encontro tipo Fórum Social Mundial com o foco na cultura. Este encontro envolveu a criação do Instituto Universidade da Periferia / Uniperiferia e em comum acordo com a Unidade de Formação e Capacitação Humana e Profissional / AMIZ, e o Comitê de Desenvolvimento do Dunas / CDD criaram a Rede Vidadania, e mais recentemente com a execução do Ponto de Cultura Outro Sul e Ponto de Cultura Paralelo 33 (2011 - 2017).

O PRODUNAS teve como meta envolver e comprometer organizações governamentais e não governamentais utilizando como referência a metodologia de Planejamento Estratégico Participativo da GTZ – Sociedade Alemã de Cooperação Técnica - Que durante a execução do Projeto PRORENDA Urbano do RS teve o Loteamento Dunas como um dos interlocutores. Seu objetivo geral foi potencializar o desenvolvimento autônomo e sustentável do Loteamento Dunas, estimulando a participação das comunidades de suas diferentes áreas territoriais no empoderamento da Organização Local através de Comitês de Desenvolvimento Local, e também servir de modelo a outras comunidades / territórios de periferia urbana da cidade de Pelotas.

O PRODUNAS se organizou comunitariamente em quatro Frentes de Ação sob a articulação do CDD para dar conta das necessidades de desenvolvimento para o loteamento. As Frentes de Ação deste programa, que é efeito e desdobramento do PRORENDA Urbano, se organiza da seguinte forma: a) Ambiência Urbana; b) Educação, Cultura e Lazer; c) Saúde e Segurança Social e d) Tecnologias da Informação e Comunicação.

A Rede Vidadania foi outro efeito e desdobramento das relações de poder constituídas no processo PRORENDA Urbano. Trabalha a perspectiva de que somos

construtores e construtoras da nossa própria vida: VIDADANIA, e não necessariamente construtores da cidade: CIDADANIA. É uma Rede de Atitudes e Proteção da Vida que integra diversas instituições e pessoas e ganhou força a partir da realização de vários Fóruns Sociais Comunitários de Periferia e alguns convênios com o Poder Público em todas as esferas. Mais recentemente (2001 - 2017) temos dois projetos mais expressivos que são os Pontos de Cultura Outro Sul e Ponto de Cultura Paralelo 33, Transformundo; Ambos focados na educação e cultura, respectivamente, o Outro Sul tendo a “Periferia - Dunas” estendendo suas experiências para a cidade de Pelotas; E o Paralelo 33 interagindo com a região sul, tendo em vista que atua em 5 cidades da região sul do RS.

Neste contexto o Loteamento Dunas está inserido numa rede que busca garantir espaços educativos públicos e comunitários fora das rotinas dos sistemas oficiais, para potencializar os recursos culturais, econômicos e de lazer existentes nos espaços públicos, colocando-os a serviço do resgate ou da construção da dignidade das populações e cuidados com o ambiente, valorizando a auto-organização. Condições fundamentais para dar suporte a ações “transdisciplinares” que se pautem pela perspectiva de assegurar um desenvolvimento autônomo e sustentável das comunidades e seus territórios; A partir da participação e do empoderamento nas relações de poder, da geração de informação e comunicação, e da interconexão dos saberes de cada comunidade com saberes de outros lugares das suas próprias cidades, de outras Unidades da Federação e do Mundo.

Acesse:

<http://loteamentodunasesuamicrofisicadepoder.blogspot.com.br/>

/

<http://paralelo33transformundo.blogspot.com.br/>

<http://pontodeculturaoutrosul.blogspot.com.br/>

<http://redevidadania.blogspot.com.br/>



ENTRE BRUXAS E PESARES... POTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: A VIDA QUE PERSISTE NA COLÔNIA DE PESCADORES Z3

Angelita Soares Ribeiro
Francine Marques

A Colônia de Pescadores São Pedro, ou a Colônia Z3 como é mais conhecida, está situada no 2º distrito do município de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Conformando parte do território costeiro à Laguna dos

Patos, é lugar onde ainda hoje se manifestam modos de vida, trabalho e conhecimento marcados por uma origem portuguesa açoriana. Na costa da Laguna dos Patos os açorianos que chegavam ao Brasil, podiam enfim formular uma nova territorialidade e um novo início¹, principalmente a partir da pesca artesanal. Com eles chegaram também muitos dos costumes culturais, como a benzedura, os ditados populares, o culto aos santos católicos e, também as histórias sobre bruxas e lobisomens².

Na Colônia Z3 o lobisomem é personagem conhecido de grande parte da comunidade. Aqueles que não viveram uma experiência direta com ele, pelo menos conhecem alguém que já teve. Maria Helena Rosa da Silveira (55 anos), a Lelena como é conhecida na comunidade, conta de sua experiência com o lobisomem:

“É! Lá na casa da vó, bem no ladinho da casa do vó tinha um que era lobisomem. Então quando ele chegava lá na vó as minhas primas diziam assim: 'Tu não fala nada pra ele'. Mas eu começava a olhar pra ele e ele chamava todas de 'Lucinha': 'Que tu tá me olhando, Lucinha? Tu sabe que eu tô todo pisado que eu briguei um pouquinho com as gurias, porque as gurias queriam me namorar!' Eu dizia: 'Ah, acredito'. E as gurias me empurravam, e eu queria falar que eu sabia que ele era lobisomem, e as gurias não deixavam. Eu ia dizer: 'Bonitinho ele, tá todo pisado porque é lobisomem!' [risos] E as gurias não deixavam eu dizer que ele era lobisomem! Não cheguei a falar pra ele. Mas era um gozo, todas as sexta-feiras... Quando chegava sábado ele aparecia lá na vó, mas todo arranhado, todo pisado!”

Na fala de Luiz Eduardo Pontes Guimarães (53), pescador da colônia, se na Z3 tem lobisomem, ele deve ser pescador...

“Se aqui tem lobisomem, ele é pescador, né? Eu acho que eu não sou. Não sei, né?(risos). O que tinha aqui que diziam que era lobisomem já morreu. Dizem que tem, eu nunca vi. Mas se tem eu não quero ver também, né? Esse mesmo, o meu cunhado, diz que viu um barulho na frente da casa. A minha irmã mora nessa rua do meio aqui... Diz ele que escutou um barulho e que tinha um baíta dum bicho assim, e que era um lobisomem. Aí nós ficamos mexendo com ele: 'Quê, viesse pra cá uns pouco dias e já tá vendo lobisomem?’”

(Risos). *Ele disse que já viu duas ou três vezes.*”

Enquanto o lobisomem surge nas narrativas despertando risos, a bruxa é apresentada como aquela que se deve temer, já que na Z3 ela adentra o espaço da casa podendo provocar a morte das crianças. Neste cenário, diante a essa imagem invertida da mulher-mãe, as mães da colônia se empoderam, buscando a proteção de seus filhos com o auxílio das benzedadeiras. Rosa Maria Mota Souza (58 anos), a Rosinha, conta sobre o rito de descobrimento e cura do embruxamento:

“Ele começou a ficar magrinho, e a mãe dele apavorada. Aí eu disse pra ela: 'Será que esse guri não tá sendo embruxado?' Eu olhei a boca dele e o céu da boca todo roxo, como um chupão sabe? Tem uma senhora que benze lá na ponta da rua, benze de bruxa, duas já faleceram, a outra tá viva... Aí eu disse pra ela pra gente levar no médico... Mas eles não encontravam nada, e o guri não melhorava... Aí levamos na benzedeira e ela disse que o guri tava embruxado. Então ela começou a benzer e o guri começou a engordar, tem gente que na o acredita, né?”

Ainda que a presença açoriana demarque um forte traço nas manifestações culturais da Colônia Z3, manifesta no trabalho na pesca, nos costumes e nas repetidas histórias de bruxas e lobisomens, a presença ameríndia e afro-brasileira também se coloca dos vestígios materiais³ às narrativas mitológicas. Nesse cenário surgem narrativas sobre bandos de índios que passam cavalgando e gritando em correria e escravos que caminham arrastando correntes. Além disso, surgem histórias que, não configurando elementos repetidos nos mitos de origem portuguesa, podem denotar a elaboração de um conjunto de mitos que surgem da congruência dos diversos povos étnico-raciais que foram fazendo da costa da Laguna dos Patos seu lugar de trabalho e vida⁴.

Além das bruxas, lobisomens e assombrações, há um outro personagem que se repete, são as misteriosas crianças que correm pela Z3, sem nome, origem e destino conhecido... Para alguns elas são anjos, que correm e, por vezes choram, zelando pela colônia, preparando-a para o pior. Na casa de Luis, o pescador que acima nos falou sobre o lobisomem, podemos ouvir sua tia falando de algumas dessas crianças:

¹Em 1746, após uma série de calamidades naturais, e com o interesse de povoar a província, prevenindo uma ocupação espanhola, a Coroa Portuguesa começa a trazer ao Brasil os ilhéus açorianos. Os açorianos que chegaram em 1750 foram levados diretos para Rio Grande, no Rio Grande do Sul, mas devido às guerras e os impasses entre Portugal e Espanha, ficaram quase duas décadas acampados nessa província, sem destino. Temendo uma ofensiva espanhola à Colônia de Sacramento, a partir de 1763 e 1776, se dispersaram, instalando-se muitos deles na faixa litorânea entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico(SOUZA, Arno André Dias de. Cotidiano, imaginação e memória: bruxaria no Brasil meridional na primeira metade do século XX. Dissertação- Programa de Pós- Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2005).

²Para Santa Inêze Rocha (2007) são aspectos açorianos presentes em nossa cultura, a adivinhação do futuro por meio de tesoura, principalmente para saber o sexo do bebê, além da crença em mau-olhado, quebranto que se previne usando figa e benzedura, a crença em bruxaria e em lobisomem (ROCHA, Santa Inêze da. (org). Açorianos no Rio Grande do Sul- Brasil- II. Porto Alegre: Edições Caravela, 2007).

“ Uma vez aconteceu um acidente no mar aí, né? Então, acho que foi na noite do acidente. Eu ouvi uma criança chorando. Passou na frente da minha casa. Da casa da minha vizinha assim, passou na frente da minha casa. Passou pra lá e passou pra cá correndo. Era um choro de menina. Chorava, chorava, que nem sei aquela criança... Antes do acidente. Aí eu disse assim: ‘Óh Cláudio, vamos ver quem é. Tem uma criança chorando aí na frente’. Aí eu me levantei, abri a fresta da porta assim pra olhar, mas eu não vi ninguém. Aí aquela criança veio pra cá e passou na frente da casa dos rapazes que morreram afogados. E a mulher dele também ouviu... A mãe deles também ouviu, quando ela passou correndo e chorando da praia. Aí quando foi daqui ha pouco já veio a notícia que eles tinham morrido no mar.”

Para Néstor Ganduglia, escritor uruguaio que há décadas pesquisa as histórias mágicas da América Latina, o universo oral que conta destas experiências entre pessoas, grupos e seres e acontecimentos mágicos, está relacionado com formas de resiliência e enfrentamento das mais injustas condições de vida e de morte as quais foram submetidos os povos do continente latino-americano desde a invasão européia. No território que hoje conforma a Colônia Z3, encontram-se rastros da presença e do extermínio de povos ameríndios, de afro-brasileiros que ainda hoje trazem como marca no corpo o peso das correntes arrastadas por seus antepassados, e, ainda, dos imigrantes açorianos, que persistiram fugindo de desgraças naturais, da fome, das guerras e das frustradas promessas de um novo início.

No contexto do advento da modernidade, cabe dizer que a revolução industrial culminou com o processo de consolidação do capitalismo no Brasil, sistema excludente que segrega as populações periféricas, e se manifesta nas mais diversas formas de expressão da questão social. A concentração da riqueza nas mãos de uma minoria, onde o trabalhador não usufrui da totalidade do produto do seu trabalho, resulta em uma sociedade com um grande índice de miséria, desemprego, fome, violência, entre outras consequências. A produção da desigualdade social, manifestada na questão social, é reconhecida como produto da sociedade capitalista, ressaltando as diferenças econômicas, sociais e políticas

da população, bem como, as condições de vida da mesma, focadas no mundo do trabalho e em todos os aspectos que o envolve.

Na Colônia Z3 vivem cerca de 5000 pessoas que sobrevivem direta ou indiretamente da atividade pesqueira. Esta comunidade (sobre)vive cotidianamente enfrentando todos os reveses de um modo de produção capitalista neoliberal que mercantiliza a vida e glorifica o mercado da grande pesca industrial, virando as costas às problemáticas sociais que surgem como consequência da vulnerabilidade econômica, como o alcoolismo dos pescadores, o envolvimento das crianças e jovens com a dependência química, o tráfico de drogas e a pedofilia, os crescentes casos de sofrimento psíquico, a convivência frágil com as enchentes e as intempéries climáticas, entre outras.

A vulnerabilidade socioeconômica que os pescadores enfrentam pela escassez do peixe, a proibição de pesca de determinadas espécies e a ação exploratória do atravessador – agente que negocia o peixe com o pescador e comercializa nas cidades, centralizando o lucro – inviabiliza o sustento das famílias, deixando-as dependentes dos programas sociais de transferência de renda, como o Seguro Defesa e o Programa Bolsa Família. Neste cenário torna-se evidente a necessidade de um mais olhar cuidadoso para esta região, rica na beleza natural proporcionada pela exuberância da Laguna dos Patos, e também nas já citadas histórias e narrativas de seu povo.

As potências ali existentes são múltiplas e distintas das demais regiões do município de Pelotas, podendo ainda ser citadas: a culinária, o território e seu povo com seus mitos e modos de vida que se distinguem até mesmo com um linguajar próprio da região, e ainda as inúmeras práticas de resistência que a comunidade encontra como saída para o enfrentamento da situação econômica. Cabe aqui ressaltar, sobretudo as experiências de grupos auto-organizados de mulheres, que vem trabalhando com artesanato, transformando o resíduo dos peixes e as redes danificadas em arte, gerando renda e garantindo muitas vezes o sustento das famílias.

É assim visível a forma como o cuidado e a gestão da vida na colônia são atribuições femininas. São as mulheres que aqui cuidam do espaço doméstico e público, já que na maioria das vezes são elas que estão

³Para Rafael Milheira (2011), pode-se afirmar a presença no entorno da Laguna dos Patos de indígenas do grupo de construtores de Cerritos e também de Arachanes, Tapes e Patos- que originaram o que hoje chamamos de povo Guarani. Sítios arqueológicos foram localizados na Ilha da Feitoria e na Praia do Totó (praia localizada entre o bairro Barro Duro e a Colônia Z3). A forte presença de água na região pode ter sido um dos elementos que fez as comunidades se fixarem por aqui. (MILHEIRA, Rafael. MARINHO, J. R. Amaria. Diário Popular, Pelotas, 27 de agosto de 2011. Diário Popular 121 anos, p.03. A pré-cidade: A Pelotas antes de Pelotas).

⁴Nas narrativas de homens, mulheres e crianças que vivem na Z3 costumam aparecer os seguintes personagens: um homem de preto e com um chapéu tapando o rosto que aparece e some rapidamente; uma sombra que passa pela barraca dos pescadores e dá um tapa balançando tudo; uma sombra sentada no bote; um som de correntes arrastando; um som de índios passando em bando correndo; uma mulher de branco que sobe no ônibus urbano quando ele passa pela Praia do Totó e some antes do mesmo chegar a Z3; uma árvore sagrada que gera coelhos. Trata-se de assombrações, personagens sem uma forma definida (RIBEIRO, Angelita Soares. Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos – Colônia Z3, Pelotas: Etnografia, mitologia, gênero e políticas públicas. Dissertação- Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012).

⁵Vinculado à Secretaria Municipal de Justiça Social e Segurança.

presentes nos espaços de negociação da escola, do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos⁵, da Unidade Básica de Saúde, dos sindicatos e demais organizações. São também as mulheres as maiores portadoras das tradições orais e das práticas de cura, como o conhecimento das ervas medicinais e a benzedura.

É nesse espaço do feminino formulado dentro da Colônia Z3 que se engendram modos de sobrevivência a um sistema econômico que produz cotidianamente a barbárie, é nesse espaço que se reconhece um embruxamento e trata-se de curá-lo, é daqui que se ouvem crianças em choro e anúncio, correntes e cavalgadas. Ainda que as bruxas, as drogas e a violência ameacem a vida de suas crianças, e que a falta do peixe torne a existência quase insuportável, a vida aqui persiste em potência... E é gerada, gestada e protegida dentro de um ventre feminino.



A COLÔNIA DE PESCADORES Z3 PELA VOZ DAS MULHERES

Alessandra Braga Carvalho
Maria Helena Rosa da Silveira
Eva Regina Pereira Campos
Rosa Maria Mota Souza

Rosa Maria

Eu nasci aqui e me criei aqui na Z3. Com quatro anos perdi meu pai, eu nem me lembro dele... A fisionomia dele nem lembro porque eu tinha 4 anos. Quando eu tinha seis anos a mãe se juntou com um senhor mais moço que ela, catorze anos parece que era mais moço. Quando eu tinha de doze pra 13 anos, ela começou a me dar pra um e pra outro. Ela me dava por medo que ele abusasse de mim. Aí eu rolei um bocado. Minha mãe me deu pra uma irmã, depois me deu pra outro irmão e pra outro e assim eu andava...

Mas lembro de quando ia acampar com minha mãe para pescar, dormia em rancho de palha, comia ovos de marreco d'água. Minha vida é aqui, e eu gosto de viver aqui. Aqui casei e tive 10 filhos, sempre pescando, descascando camarão, fazendo filés... E com os filhos na volta.

Só que o meu maior desamoramento é com as enchentes que cada vez são piores, principalmente no Cedrinho, lugar onde moro aqui na Z3. Está sempre cheio de água, eu não aguento mais viver assim... Agora mesmo está tudo cheio de água lá, de novo. Então entra ano sai ano e tu te vê sempre no meio da água, perdendo tudo que

se luta tanto para conseguir. Perde tudo. Compra uma coisinha em 10 vezes, aí vem a água de novo e leva tudo embora. Então o meu sonho é sair do Cedrinho. Eu gosto da Z3, é um lugar bom de morar. Só que isso me desacorçoa. Toda vida, morando há 30 anos no Cedrinho e é sempre assim. Na época das enchentes grandes, vem muita gente aqui, promete muita coisa... Mas nada se resolve. E eu vejo a cada ano a lagoa avançar, cada vez pior, cada vez mais perto. Eu gosto daqui, mas é muito difícil de conviver com isso, tudo se repetindo há 30 anos, e cada vez pior.

Eva Regina

Eu conheci meu marido na Vila do Povo Novo, em Rio Grande. Eu sou de lá também. Meu pai demorou a aceitar nosso casamento, porque meu marido é branco. Então começamos a namorar e fugimos para a Z3. Aí meu pai fez a gente voltar ao Povo Novo e casar. Casamos e voltamos para a Z3. Aqui vivemos da pesca. Tive só uma filha e tenho três netos e uma bisneta.

E vivo aqui, no Cedrinho, sempre passando trabalho nas enchentes. Quando vim morar aqui, fui morar com a minha sogra, num rancho de palha.

Na última enchente que teve aqui na Z3, ficamos vivendo no meio da água, porque meu marido não quis deixar a casa. É sempre tudo dentro d'água, dentro d'água. Eu por mim voltava para o Povo Novo. Lá é seco e estaria perto dos meus irmãos. Mas temos que ficar aqui por causa da pescaria. Então, se tem que ficar, tem que ficar.

Maria Helena

Já faz mais de trinta anos que eu estou aqui na Colônia Z3! Sou de São José do Norte! Antigamente a família dos meus pais trabalhava na cebola, aí depois viraram pescadores!

Eu vim para a Z3 cuidar uma amiga que ia operar, aí conheci meu marido. Tive dez filhos. Meu marido, meus filhos, todos trabalham na pesca. Eu pesco camarão, descasco camarão, faço filés e cuido da casa, dos filhos e de uma neta. Sobre como é ser mãe? Se é difícil? Ai, meu Pai do Céu! Nem me fala! Criei meus filhos no trabalho nas galgas, dava mamadeira para um, outro brincava com a cabeça do camarão, e assim foram se criando.

Eu tenho muita vontade de voltar para perto da minha mãe, lá do outro lado da lagoa... Mas tenho que ficar aqui para poder pescar. E a pesca está cada dia mais difícil, cada vez menos peixe. Mas tenho que ficar aqui... Então eu fico até quando Deus quiser.

Alessandra

Moro na Z3 há 30 anos. E posso dizer que a Colônia Z3 é lugar de sabedoria popular, magia e cultura, de mulheres guerreiras; Guerreiras sim, não no sentido figurado, mas no sentido literal da palavra. Mulheres que enquanto os

maridos estão no mar elas cuidam de tudo: da educação dos filhos, dos afazeres da casa... Tudo elas resolvem! Isso quando não vão acampar na lagoa com os maridos.

Aqui vivem mulheres guerreiras que mesmo passando o pior dos problemas continuam com um sorriso no rosto, rosto esse judiado com tantas dores: a perda de filhos, a falta de peixe e pelas enchentes que tiram o sono, com o aumento da violência, o consumo de drogas e pedofilia...

São tantas dores vivenciadas que as mulheres da Z3, com a ajuda dos trabalhadores sociais, tiveram a ideia de fazer um comitê para tentar ajudar os jovens da comunidade. O projeto, que se chama "Comunidade em Rede" logo ganhou muitos apoiadores, e já está tendo muitas atividades. Os guris que praticam Muay Thai já participaram de uma competição no município de Encruzilhada do Sul, e ganharam medalhas. Isso já mudou o comportamento deles, tanto na escola como em casa, o que mostra o poder das mulheres guerreiras da Z3 em cuidar de seus filhos. O importante agora é conseguir consolidar o projeto com apoiadores públicos e da sociedade civil.

Enfim, quem já visitou a Z3 sabe que a cordialidade é e sempre foi a marca registrada da comunidade, só que é claro... Sempre no início com o olhar desconfiado dos mais velhos. Mas, aos poucos, são conquistados. Os saberes com ervas medicinais são incríveis, quem segue as receitas pode ter certeza que vai melhorar. Fazer rodas de conversas é muito bom, as horas não passam voam, e assim a vida vai aqui passando.

Concluimos com a seguinte reflexão, e seguimos por aqui cuidando dos filhos, da casa, da colônia...

“ Sabe qual é a ironia da vida? É ter pressa para crescer e, depois, suspirar pela infância perdida! É perder a saúde, para ter dinheiro e, depois, perder dinheiro para ter saúde! É pensar ansiosamente no futuro e esquecer o presente e, mesmo assim, não viver nem o presente e nem o futuro! É viver como se nunca fôssemos morrer e morrer sem nunca ter vivido! A vida é feita destas contradições. A palavra “vida” tem uma letra “V”, o resto é “ida”... Desfrute do presente e da companhia de quem te faz feliz! O amanhecer é a parte mais bonita do dia, porque é quando Deus te diz: Levanta-te! Te presenteio com outra oportunidade de viver e de começar, novamente. Os dias bons te dão felicidade, os dias ruins te dão experiência, as tentativas te mantêm forte, as provas te mantêm humano, as quedas te mantêm humilde, mas, somente Deus te mantém de pé! Então vamos a vida!

Autor Desconhecido ”



SOBRE NEGROS PASSOS, MEMÓRIAS E SOBREPOSIÇÃO DE TEMPOS (QUE PRECISAM PASSAR)

Igor Simões¹

Nasci nesse lugar. Um lugar de passagens...Passagens de escravos que chegavam na região sul para algumas das mais cruéis práticas de servidão. O lugar ficou conhecido como Passo dos Negros. Lembro que durante muito tempo esse nome/lugar era motivo de vergonha.

No Brasil, onde negro é mão de obra ou mão que porta arma nas representações das diversas telas, ser negro e orgulhar-se disso, exige um trabalho constante sobre si.

Não à toa, o lugar Passo dos Negros que nasci é próximo ao Bairro Navegantes, periférico e com grande concentração de pobres, logo, de negros.

Os Negros e Negras mulheres que passaram ali no século que parece não ter fim, sem saber, assinalavam o lugar território que lhes seria relegado na cidade moderna.

No entanto, esse passo dos Negros também é lugar das memórias de tudo que eu e os meus sabemos sobre nossa família. Lá meu avô negro casou com minha avó branca e tiveram 12 filhos em mais de meio século de amor. Lá eles construíram suas casas.

Ali, na margem do arroio participaram diretamente, mas sem saber com as palavras sabedoras da academia, da mudança na face da industrialização a partir do trabalho no engenho Cel. Pedro Osório.

Da divisão de terras entre funcionários, estratégia importada das práticas de vila operária, onde a vida era trabalho em todos os momentos, até a chegada de maquinários levando a mudança no perfil da mão de obra. Ali, o campo de futebol, lazer controlado, de todos os meus tios e meu terror (por minha total incapacidade) já nos meus tempos.

Ali, a estrada que continua cheia de barro em marcas de pés de homens e mulheres negras trabalhadores e trabalhadoras... ali, onde a malha da nova cidade já chega e encontra valores na lógica de condomínios caros impulsionadas em nomes que remetem ao histórico para agregar simbolismos estéticos revertidos em lucro e, provavelmente, produzindo gentrificação.

Ali. Tudo na minha família era e é ali.

Com as atividades que enfim se ampliam para uma noção estendida de patrimônio, a Prefeitura de Pelotas dá ouvidos a seus moradores e assim nasce a fala e as águas

¹Professor assistente de História, teoria e Crítica da arte- UERGS
Doutorando em Artes Visuais- História, Teoria e Crítica da Arte- Instituto de Arte/ Ufrgs.

Negro que cresceu no Passo, sobrinho da Dona Marina

salgadas que brotam nos olhos da mais velha das minhas senhoras. Ali, ao narrar, minha senhora Marina é Walter Benjamin. Ela é o narrador que reúne o mestre que sabe das histórias do lugar e aqueles que chegam para contar de outros mares e paragens.

Naquela noite no salão da casa grande, a mulher neta de escravos, filha de um casamento entre um Branco e uma Negra, falou. Falou naquilo que disse, mas além. Falou naquilo que não pode ser fala e se instaura pelo silêncio, pela pausa, pela respiração, pela mão marcada que esfrega a textura do trabalho de uma vida. Conheço aquelas histórias e conheço aquele olhar que encontrou desde a minha infância a linha do horizonte pra se perder e se achar.

*Conheço aquelas histórias e
conheço aquele olhar que encontrou
desde a minha infância a linha do
horizonte pra se perder e se achar.*

Da cozinha onde fui criança ela ainda mira a ruína do engenho, de um projeto de cidade, de uma modernização assimétrica que por anos fez da sua experiência de vida, um daqueles contos que se ouve apressado. Agora, sua voz se expande, agora seu olho fita a cidade mediado pela janela da casa grande, sua voz chega ao centro, passa pelas praças e se inscreve como história possível. Isso é grande, é imenso. Não, não há um favor. Há sim, uma dívida que agora parcialmente é paga.

Mulher negra como sujeito que narra a história a partir de si. Não é uma benesse é, sim, uma demanda. As diversas cidades que compõe o tecido do sensível que chamamos de Pelotas urgem por essas histórias. Urgem para que compreenda a si própria para além dos estuques, para além da venerada Dama estanceira sentada na sala dourada, a repetir incansável a história que sempre esteve autorizada a contar.

Hoje, a cidade parece compreender que só se completa essa montagem quando o fragmento da senhora encontra o fragmento da negra e explodem em sentidos. Sentidos que vão dos seus encontros e desencontros porque a vista é diferente desde a sala até a cozinha.

Acima de tudo, se escreve enfim outras narrativas. Escreve-se a possibilidade de uma história feita de vozes que ficaram mudas. Histórias que falam um pouco dessa vida feita no pequeno e que se expande. A história que sendo a nossa é também a de negros e negras que passaram no Passo. Sim, na voz dos homens e mulheres que habitam o local que foi passagem, estão as negras cordas vocais que entoaram lamentos em dias e noites de dor e desespero. Mas não só. Na voz da mulher negra e dos demais que sentaram àquela mesa da casa grande, estão também as estratégias que a astúcia e a vontade de existência empreenderam.

Não pode ser mera coincidência que dos passos acorrentados dos negros tenha se assentado o chão que virou periferia e que hoje é a cidade dos negros pobres. Lamento olhar e perceber que de formas distintas ainda há naqueles chãos um ponto, porto que confina. Confina a uma situação, confina em cadeias. Lamento que o Passo ainda seja passagem do menino que corre da polícia. Lamento que ainda se ouça em nossa cidade e em outras que o menino corre pois é sua única saída. Lamento e rejeito. Prefiro as palavras que saem da boca da mais antiga das senhoras de minha família. Prefiro a voz vento que subverteu as possibilidades para que eu e alguns dos meus pudéssemos correr em direção ao espaço que arduamente ocupamos. Lamento que muitas vezes esse espaço, essa exceção, seja utilizada contra os outros meninos negros que brincaram comigo e hoje estão presos. Lamento a cada vez que volto e os vejo passando no passo, envelhecidos como seus pais e avós e bisavós. No passo ainda passa a escravidão. No entanto, ela agora vem vestida de outros grilhões. Que essa narrativa que agora ganha ouvidos sirva para inventariar patrimônios. Mas que ultrapasse esse objetivo e auxilie na criação de outros mundos feito de passos possíveis a negros e negras que ainda entoam lamentos nas noites escuras que lhes passa.

Mas de onde falo? Falo dos cruzamentos entre o lugar que saí e os espaços que habito. Em uma cidade que tem como marca seu vínculo com um construído passado glorioso não encontrei, menino, um lugar para me ver. Há mais do que a simples afirmação de que a história da Pelotas gloriosa não me narra. É mais perverso. A pelotas gloriosa não permitiu horizontes que agora lentamente se apresentam. Ainda como névoa, ainda como fantasmas. Horizontes que me permitissem contar histórias para além do negrinho consumido por formigas e salvo pela aparecida nossa senhora. Que história poderia eu contar de mim se só me restavam as narrativas de um negro mate de João Cardoso a repetir ao patrão que o mate acabou? Estabelecer outros relatos como histórias possíveis, é, insisto, incidir em criar o que chamo de horizonte. Horizonte, significa aqui, encontrar-se nas literaturas, nas imagens, nas representações diversas, para além da servidão. Definitivamente tirar o negrinho da parede e colocá-lo no centro da trama.

Durante as décadas de 60 e 70 diversos grupos sociais começaram a questionar onde estavam na grande narrativa do sujeito moderno. Onde estavam as mulheres, onde estavam os negros, onde estavam... não teriam existido negros artistas, negros escritores, negros teóricos? Que condições impediram ou ao menos dificultaram a visibilidade dessas figuras?

Em tempos tão sombrios, como os que nos rondam, parece que a úmida Princesa ao Sul, enfim se esforça para pensar a si mesma. Sentada na praça, olha para o seu passado e tenta ver além do ecletismo dos seus prédios.

Aqui, de longe, acalento a esperança de que nesse tempo a princesa cruze com as negras crônicas de Rodolfo Xavier. Espero que a princesa o escute. Que adormeça ao som de suas histórias e que ao despertar olhe o mundo em cores que durante tanto tempo insistiu em inviabilizar. Que seja o Passo dos negros, um passo, um deslocamento, uma possibilidade, o início de uma nova escrita da terra negra, branca, vermelha. Que a Flor do sal reconheça os inúmeros corpos que se amontoam nas suas histórias de grandeza. Que não os negue, que os encare e surja renovada, adepta das complexidades e das múltiplas possibilidades de ser Pelotas, de ser Pelotense.



DO LADO DE CÁ DA PONTE: NOSSAS HISTÓRIAS SOBRE O PASSO DOS NEGROS

Louise Prado Alfonso
Daniel Vaz Lima
Mateus Fernandes da Silva
Marina Santos Moraes
José Camilo Pires Pereira
Pedro Gonçalves Pereira
Dirceu Moreira Monteiro
Alcy Moraes

A cidade não é uma obra acabada, ela está em constante transformação e existem várias formas de habitá-la. Pelotas é uma cidade que vem sendo construída por diferentes grupos, ao longo do tempo. Cada bairro, cada localidade, tem suas peculiaridades, cada grupo tem sua forma de habitar e de construir seu território e seus trajetos. O Passo dos Negros, localizado às margens do canal São Gonçalo, é um desses territórios que se constrói e reconstrói, escrevendo várias histórias, narrativas e memórias. *Muitos pensam que o Passo dos Negros, aquela vilinha, nasceu ontem. Mas aquilo era uma terra rica, uma terra de família. As pessoas não sabem a história, a dimensão que teve o Passo dos Negros e não podemos deixar morrer esta história.*

Na época das charqueadas, o Passo dos Negros, foi um importante porto, um ponto de travessia do gado, de fiscalização, de cobrança de impostos e comercialização de pessoas escravizadas¹. Um lugar de trocas, de comércio, de movimento de pessoas e animais. Dizem que até Debret passou por lá! E pintou um quadro sobre a

travessia do gado bem na curva do canal. No quadro vemos também muitas casas e pessoas.

Embora sendo um lugar meio para fora, na campanha, naquela época era muito movimentado nos finais de semana e tinha um grande valor aquilo ali.

Muitas marcas na paisagem relacionadas às antigas charqueadas e ao porto estão sendo apagadas ao longo do tempo, algumas de propósito, outras não. Ainda existem na localidade marcos deste período do charque e, tempos depois, dos abatedouros: a "ponte dos dois arcos" e um trecho do caminho das tropas. Como é uma região alagadiça o acesso das tropas de gado e da população apenas era possível por meio de uma pequena ponte de tijolos construída, por mão de obra escrava, no antigo corredor das tropas. A ponte é a memória mais antiga naquela região de algo construído por pessoas escravizadas, que não tiveram suas narrativas valorizadas. Assim, a ponte nos conta um pouco as histórias desses grupos. *As tropas vinham desciam pela Baronesa, passavam nesse pontilhão famoso que tem uma história muito grande, passava defronte as casas de muitos de nós. E tinham umas tropas que atravessavam a balsa na barca. Tinha uma barca que era só de passar o gado que vinha de Santa Vitória do Palmar.*

Já durante o ciclo do arroz, o Passo dos Negros abrigou um dos maiores engenhos de arroz de toda a América do Sul. Trata-se do Engenho do "Cel. Pedro Osório". O engenho pode ser visto até do shopping de Pelotas e é Referência Cultural do Município. *Aquele lugar já foi poderoso no tempo do engenho! O engenho funcionava, em época de safra, dia e noite. O emprego passava de pai para filho, sempre tinha aquela continuação. As mulheres trabalhavam para o engenho como costureiras. Do engenho saíam os sacos que estavam furados, eram colocados em fardos de 25 sacos, e ia para as casas, para as costureiras costurarem à mão. Para a gente que se criou ali, é lamentável ver aquele engenho ser demolido e todos os dias a gente convive com isso.* Junto ao engenho ficava uma antiga peixaria, que também é lembrada pelas/os antigas/os moradoras/es.

A paisagem do Passo também é marcada por algumas figueiras centenárias. No Brasil as figueiras foram apropriadas pelas religiões de matriz africana como árvores sagradas. Encontramos muitas oferendas nos pés destas figueiras. Uma destas figueiras é conhecida como a figueira da noiva. *Dizem que ao passar a meia noite das sextas-feiras de lua cheia aparece a figura de uma noiva que, em uma determinada época do século passado,*

¹Gutierrez, E. (1993) Negros, charqueadas e olarias. Um estudo sobre o espaço pelotense. 1993. Diss. Dissertação (Mestrado em História)–Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

estava no altar esperando o noivo que não apareceu e ela se suicidou naquela figueira. Por isso o pessoal tem medo de passar por lá a noite. Dizem que foi assim e tem aquele ditado: “No creo en brujas, pero que las hay, las hay”.

O Passo é um lugar cheio de histórias e narrativas. O negrinho do engenho é outro "morador" importante do Passo. *Sobre essa história contam que, foi lá na década de 30 mais ou menos, o engenho recebia muito arroz que chegava de barco que vinham pelo canal São Gonçalo, vinha do Santa Isabel pois não tinha a barragem ainda. E, em uma sexta-feira santa o capataz disse para o pessoal que aqueles que quisessem preservar sua crença, poderiam ficar em casa, mas quem quisesse ajudar a puxar o arroz que tinha para secar, ganhariam horas extras para trabalhar. E ficaram alguns. Eles levavam sua alimentação nas viandinhas, que hoje a gente chama de marmita, e botavam sobre o secador, que era uma chapa quente em que secam arroz, mas botavam para aquecer a alimentação deles. Trabalhavam a noite inteira e quando chegou por volta de pegar a alimentação deles, as viandas estavam todas viradas e alguém viu um menino afrodescendente que passou correndo junto às chapas e juntando as viandas que estavam ali e desapareceu em uma fumaça. Assim, ficou a história do negrinho. Ele é um moleque travesso e mexia com as viandas dos trabalhadores na época do arroz. Hoje ele é famoso, é símbolo do Osório Futebol Clube. Parece que ele recentemente deu uma rasteira no Saci, mas essa já é outra história!*

Todo final de semana tem jogos no campo do Osório, a história do Passo e do time está exposta na sede junto aos muitos troféus que representam suas conquistas. O refrão do hino do Osório Futebol Clube resume toda essa história:

*Osório, és forte, és bravo.
És o orgulho do esporte amador.
Das Charqueadas e Engenhos nasceste.
Para sempre mostrar teu valor.*

Passo dos Negros não é só a Chácara da Brigada. Tudo ali é Passo dos Negros: as charqueadas, o engenho, o campo do osório. Tudo são patrimônio! Hoje queremos que esses elementos do Passo dos Negros virem oficialmente patrimônios para que possam ser conhecidos, reconhecidos e preservados como importantes marcos da cidade de Pelotas. Importantes, pois contam histórias das comunidades negras, de trabalhadoras e trabalhadores, de fé, de lutas, de vitórias e de resistências, ao longo do tempo. O patrimônio de uma cidade deve reconhecer muitos grupos, não apenas alguns, deve valorizar diferentes temporalidades e diferentes espacialidades. O pedido de patrimonialização do Passo dos Negros considera não apenas as marcas na paisagem, mas também as histórias e narrativas e as

relações que as moradoras e moradores têm com o território. Patrimônio sem gente não faz sentido!



COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE PELotas: (R)EXISTÊNCIAS QUE ATRAVESSAM O TEMPO

Leandra Ribeiro Fonseca¹
Rosane Aparecida Rubert²

Comemorar um Dia do Patrimônio que tem por tema território, identidade e pertencimento, não poderia deixar de fora algumas notas sobre as comunidades quilombolas de Pelotas. A historiografia registra, ainda no século XIX, a presença negra nos espaços hoje chamados de “colônias”, seja na condição de escravizados, que trabalhavam em chácaras e olarias na entressafra do charque, seja na condição de fugitivos da escravidão. O mais famoso quilombo histórico de Pelotas foi, sem dúvida, o quilombo do Manoel Padeiro, pequeno bando que aterrorizou a elite charqueadora na primeira metade do século XIX. Marcado por uma lógica itinerante de apropriação do território, possuía pontos fixos de ocupação temporária, e era sustentado por uma rede de relações que interligava senzalas, charqueadas e espaços de sociabilidade cujo controle era exercido por negros(as) livres (MOREIRA et. al., 20013).

Mas como já se pontuou alhures (RUBERT, 2008), a categoria remanescentes das comunidades de quilombos, tal como inscrita na Constituição Federal de 1988, não contempla apenas como sujeitos de direitos coletivos que se formaram por meio da fuga. Quando se fala em territórios negros, remete-se para um espaço apropriado por meio das mais diversas ações práticas e simbólicas, passando a servir de suporte para a manutenção de redes de socialidade que, em grande medida, eram alijadas dos espaços sociais convencionais, em consequência do preconceito racial que perdura no pós-abolição. Pertencer a um território quilombola, além de viabilizar a construção de uma identidade étnica peculiar, significa a resistência de modos de vida, formas de cura, racionalidades produtivas, enfim, um rico repertório de bens imateriais ainda pouco reconhecido pela sociedade regional.

Pelotas possui três comunidades que constituíram Associações Quilombolas e que são certificadas enquanto tal pela Fundação Cultural Palmares: Vó Elvira, 20 famílias, localizada no Monte Bonito, 9º distrito de

¹Pedagoga, integrante da comunidade quilombola Vó Elvira (Pelotas/RS).

²Profa. Do Departamento de Antropologia e Arqueologia (ICH/UFPel).

Pelotas; Alto do Caixão, 30 famílias, localizada no 7º distrito; Algodão, 70 famílias, localizada no 4º distrito, Colônia São Francisco. As condições de sobrevivência das famílias que compõe essas comunidades são marcadas pela precariedade, embora mudanças tenham ocorrido desde que se procedeu a auto identificação e políticas públicas específicas passaram a ser acessadas, como o Programa Brasil Quilombola. A pouca (ou nenhuma) disponibilidade de terras para o plantio deixa muitos quilombolas à mercê de trabalhos temporários e mal remunerados na agricultura, sem contar que a terra disponível muitas vezes está localizada em terrenos íngremes e cheios de pedras.

Cada Associação Quilombola agrega famílias negras que estão dispersas nas suas respectivas comunidades, mas que possuem entre si densos elos de parentesco e vizinhança. As três comunidades foram formadas por processos semelhantes de territorialização: a dispersão de famílias e indivíduos isolados no período pós-abolição quando, dispensados de estâncias ou antigos locais onde eram escravizados(as), vagaram até encontrar um local que passaram a ocupar ou por meio da compra, ou por meio do apossamento espontâneo. Este teria sido o caso de boa parte dos ascendentes das famílias que compõe a comunidade Alto do Caixão: apossaram-se de terras devolutas localizadas na localidade de Santa Maria, mas com o tempo, foram sendo desalojados e empurrados para uma área de pedreiras, cujos lotes foram regularizados na década de 1970. Alguns ascendentes de referência desta comunidade, como Pedro Vieira, eram originários de Pelotas: sua mãe Felisberta de Campos teria passado pela escravidão e seu pai seria indígena (RUBERT, 2005, p. 69). Outros, como da família Freitas, seriam originários de Canguçu.

Pertencer a um território quilombola, além de viabilizar a construção de uma identidade étnica peculiar, significa a resistência de modos de vida, formas de cura, racionalidades produtivas

Encontramos em todas as três comunidades tanto pessoas cujos ascendentes eram das redondezas, preservando-se por vezes com acuidade a memória da escravidão pela qual uns e outros passaram, como pessoas cujos antepassados vieram de Canguçu, Piratini, Arroio do Padre, Cerrito, etc. Alguns, inclusive, passaram por este processo de perambulação após serem expropriados de suas terras, por colonos ou fazendeiros, em seus municípios de origem, forma de violência que infelizmente marca a trajetória das comunidades quilombolas de uma forma geral.

A história de Elvira Lima Soares, que dá nome à comunidade de Vó Elvira, é um exemplo desta dinâmica

de perambulação, seguida pelo processo de territorialização. Nascida em 1920 em Cerrito Alegre, trabalhou em fazendas até o casamento com Constantino Ribeiro Viera, mudando-se para o Monte Bonito de carroça quando já tinham filhos, onde passaram a morar numa casa de barro situada em uma área devoluta, sustentando a família por meio do trabalho em lavouras e pedreiras. Vários descendentes residem na comunidade atualmente, como por exemplo, a filha Vanda Ribeiro Fonseca, casada com João Francisco de Matos da Fonseca. João Francisco, assim como seus pais (João Paulo da Fonseca e Onorina Constança de Matos), nasceu na comunidade quilombola Cerro das Velhas, localizada em Canguçu (FONSECA, 2016). Joaquim Antônio Soares, octogenário que ainda vive na comunidade, morava no 2º distrito de Canguçu, na comunidade quilombola de Iguatemi, antes de se mudar para o Monte Bonito com sua esposa Elsa Rodrigues Soares, que por sua vez, tem suas raízes nas comunidades quilombolas de São Lourenço do Sul.

Esta interligação, por meio de vínculos de parentesco, entre comunidades quilombolas situadas em municípios diversos, não é incomum. A comunidade do Algodão, por exemplo, está localizada em região limítrofe com o município de Canguçu, sendo que do outro lado da linha divisória está a comunidade quilombola da Favila. Os vínculos de parentesco entre famílias do Algodão e famílias da Favila são sólidos e se perdem no tempo. Nesta comunidade, destaca-se um cemitério das famílias negras como lugar de memória, além do Cerro do Quinongongo situado nas imediações, local no qual, segundo a historiografia e fontes orais, acorriam escravos fugidos no tempo da escravidão (RUBERT, 2005).

Concluimos ponderando que o território e o pertencimento em comunidades quilombolas, a considerar as três comunidades de Pelotas, não se constroem apenas por meio da fixação a um lugar específico. Esta fixação é importante, e permite a transmissão no tempo de uma série de marcadores da identidade. Mas o território, o pertencimento e a identidade são pensados também a partir destas redes de relações, construídas por séculos de estratégias de sobrevivência, e que interligam várias comunidades ou locais específicos, vários deles situados em outros municípios.

Referências

FONSECA, L. R. **A Educação não Formal no Processo da Construção Identitária da Comunidade Remanescente Quilombola Vó Elvira.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto Superior de Formação Humanística, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2016.

MOREIRA, P. R. S.; AL-ALAM, C. C.; PINTO, N. G. **Os Calhambolas do General Manoel Padeiro: práticas quilombolas na Serra dos Tapas (RS, Pelotas, 1835).** São Leopoldo: Oikos, 2013.

RUBERT, Rosane Aparecida. **Comunidades Negras no RS: o redesenho do mapa estadual.** In: SILVA, G. F.; SANTOS, J. A.; CARNEIRO, L. C. C. (org.). **RS negro: cartografias sobre a**



produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

RUBERT, Rosane Aparecida. **Comunidades negras rurais do RS: um levantamento socioantropológico preliminar.** Porto Alegre: RS-Rural / IICA, 2005.



TERRITORIALIDADES E IDENTIDADE NO BAIRRO SÃO GONÇALO EM PELOTAS, RS

Sidney Gonçalves Vieira¹

Como verificado em Raffestin (1993), o território é a “prisão” que o ser humano constrói para si. Assim, verifica-se que o território é uma parcela do espaço geográfico que se constrói a partir do exercício do poder. É uma demarcação social sobre o espaço. Pode variar desde o território do quintal da casa até o território do Estado-Nação. Em todos os casos, há uma manifesta estipulação de limites imposto sobre os demais. A definição pode se tornar mais complexa quando analisamos a manifestação de territórios voláteis, que têm existência temporária ou variada no espaço, ou, ainda, quando analisamos a situação de territórios em redes e outras situações. Mas, na estrutura interna das cidades, a manifestação mais inequívoca do território se observa nas localidades, vilas e bairros, onde, sob as mais variadas formas, se expressam o poder. Assim, facilmente distinguimos a área de atuação de uma determinada comunidade, de um grupo ou de uma liderança, principalmente porque essas manifestações do poder entram em choque com outras delimitando porções no espaço, reconhecidas como o território de cada uma delas.

O território, em si, manifesta a identidade de quem o constrói/inventa. Desta feita, pode ser entendida como um fenômeno espacial construído socialmente e que está diretamente atrelado à subjetividade. Como argumenta Haesbaert (2002), a identidade social liga-se a identidade territorial. Argui-se do relacionamento das pessoas com o território e a construção da noção de pertencimento. É uma relação conflituosa e afetiva que transforma um espaço genérico e indeterminado, em uma territorialidade particular e específica. É onde nos “sentimos em casa”, reconhecemos nossos objetos e executamos nossas ações. Criamos, ao longo do tempo, uma relação de reconhecimento entre nós e o espaço

físico, mesmo quando nos afastamos, ao voltarmos, nos reconhecemos nas (i)materialidades das histórias narradas e pelos referenciais de memória presentes. Trata-se de uma relação arquitetada na trama do cotidiano, ligado ao trabalho, à família e ao lazer. É um sentimento que diz respeito a nós mesmos e nem sempre pode ser comungado com outros na mesma condição, pois uma territorialidade, presentificada na categoria de lugar no caso da individualidade do pertencer, pode gerar o sentimento de pertencimento ou de estranhamento, definindo nossa identificação ou não.

O Bairro, em uma cidade, é fruto da territorialidade e da identidade. Do ponto de vista da estrutura urbana, é reconhecido como a menor unidade de vizinhança da cidade, o qual se delimita territorialmente por suas características físicas, quando são partes claramente identificáveis da cidade, como acontece quando há a existência de limites naturais como um curso d'água (arroyo, sanga ou canal, p. ex.) ou artificiais (como no caso de uma ferrovia, estrada ou avenida, p. ex.). Mas também a delimitação do bairro pode se dar em função de sua identidade. Nesse caso, identidade conferida pelas características próprias de uma determinada área da cidade (local de moradia de trabalhadores, existência predominante de comércio ou indústria, p. ex.).

No caso de Pelotas, o Bairro São Gonçalo é uma invenção legal, pois foi criado como uma Região Administrativa para fins de planejamento urbano, isto pela Lei Municipal Nº5.502, de 11 de setembro de 2008, que instituiu o III Plano Diretor para o município de Pelotas. Está delimitado, no espaço da área compreendida entre o Arroio Pelotas, à leste, o canal do Pepino (Avenida Juscelino Kubistcheck) à oeste, a Avenida Ferreira Viana, ao norte e o Canal São Gonçalo ao sul. O principal caráter identitário presente nessa delimitação está justamente na presença e na relação com o canal São Gonçalo, como uma chamada de atenção que busca lembrar a todos da existência desse importante fator geográfico natural, cujo reconhecimento histórico e ambiental deveria remeter ao respeito pelo patrimônio natural da área. Segundo lembra o professor Adriano Simon, do Laboratório de Geografia Física do Departamento de Geografia do ICH/UFPEL, o Bairro São Gonçalo se localiza às margens do Canal São Gonçalo, que conecta os dois principais corpos lagunares do Brasil (Lagoa Mirim e Lagoa dos Patos). As superfícies inconsolidadas às margens deste canal se desenvolveram durante o Holoceno (período geológico mais atual da história da Terra). Portanto, o Bairro São Gonçalo se localiza sobre terrenos inconsolidados a parcialmente consolidados, conhecidos como planícies flúvio-lacustres (por serem formadas a partir da

¹Organizador. Texto colaborativo elaborado pelos professores Sidney Gonçalves Vieira, Lucas Manassi Panitz, Robinson Santos Pinheiro e Dione Dutra Lihtnov e pelos estudantes bolsistas Adriel Costa, Everson da Martha e Gilciane Jansen, todos do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEUR), do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

associação de sedimentos dos rios e das lagoas da região). Nas áreas de planície flúvio-lacustre originalmente se desenvolvem formações vegetais pioneiras, ou seja, campos inundáveis e banhados. Os banhados são importantes ambientes, pois suportam as quantidades elevadas de precipitação, prolongando o período de chegada da água até os arroios, equilibrando o balanço hídrico regional. Além do mais, sustentam biodiversidade peculiar e registros arqueológicos que explicam a história recente das sociedades que por aqui viveram. Entretanto, no nosso caso, atualmente os banhados podem ser considerados como ecossistemas vulneráveis e ameaçados devido ao crescimento urbano e ao assoreamento e drenagem para plantio de arroz irrigado. Por este motivo sua proteção é de extrema importância e o planejamento interdisciplinar do uso e ocupação urbano se faz necessário.

De acordo com o IBGE a população registrada no local no Censo de 2010 era de 28.400 habitantes. Mesmo que só tenha sido criado em 2008 aquela área da cidade possui uma tradição em Pelotas reconhecida pelos relacionamentos sociais construídos ao longo do tempo pelas pessoas que vivem nas localidades históricas como Anglo, Balsa, Nossa Senhora de Fátima, Navegantes, Cruzeiro do Sul, Humuarama, Marina Ilha Verde, Mário Meneghetti, Ambrósio Perret e Chácara da Brigada. Ou seja, antes de serem moradores do São Gonçalo, já moravam nesses lugares. A ficção jurídica e a denominação para efeitos de planejamento não alteram as territorialidades e as identidades criadas nesse espaço, apenas dão um nome diferente do qual estamos acostumados a nos referir. Pode-se fazer uma analogia ao que acontece com o nome e o apelido que damos às pessoas: um é oficial o outro é do dia a dia.

Também o nome da Região Administrativa São Gonçalo instituído para lembrar o cuidado que se deveria ter com as ocupações naquele local não teve a capacidade de frear a grande explosão imobiliária que se verificou ali. Fora os loteamentos consolidados na periferia do Centro, como Fátima, Navegantes e Balsa, todo o resto foi, durante muito tempo um vazio ocupado pelas enchentes periódicas contidas pelos diques de drenagem. Depois foram surgindo o Humuarama, Ilha Verde e outros. Mais recentemente a realocização do setor jurídico da centro da cidade para a Avenida Ferreira Viana, trouxe para o lugar juízes, promotores e advogados, que passaram a conviver com os moradores originais. O Shopping Center Pelotas instalou-se no local como uma grande centralidade comercial e imobiliária capaz de gerar grande fluxo de pessoas. O já movimentado caminho para o Laranjal, nas franjas ao sul do bairro Areal passou a ser cobiçado pelos empreendedores imobiliários e uma série de novos lançamentos surgiram naquele trajeto da Avenida Ferreira Viana. Atualmente, o Lagos de São Gonçalo e o Parque Una I e Parque Una II são os

principais loteamentos a ocuparem o que era vazio, estabelecendo um grande conflito com os moradores originais, sobretudo à beira do canal na Estrada do Engenho.

Os vazios urbanos - tônica nas cidades brasileiras - convivem com recortes extremamente adensados e verticalizados e outros rarefeitos e horizontalizados. Tais vazios podem se relacionar, é verdade, com áreas de preservação permanente, mas na prática o que se observa são grandes porções de terra mantidas intactas sob a lógica especulativa. Assim, tais vazios "aguardam" novas frentes de expansão urbana, que serão traduzidas por novas infraestruturas e a conseqüente valorização dos terrenos do entorno. Fruto de uma política de planejamento urbano raramente eficaz, teremos como resultado uma urbanização heterogênea, onde novas parcelas urbanizadas se incorporam no tecido urbano com pouca ou nenhuma conexão com as formas pretéritas, e ainda ignorando as especificidades do território. Os novos ocupantes pouco ou nada tem a ver com a histórica relação com o canal São Gonçalo e sequer criam qualquer identidade relacionada a esse espaço, haja vista que a característica dos atuais loteamentos fechados é a de justamente se fecharem para o entorno, criando áreas enclausuradas dentro da própria cidade.

Os novos ocupantes pouco ou nada tem a ver com a histórica relação com o canal São Gonçalo e sequer criam qualquer identidade relacionada a esse espaço (...).

Na Região Administrativa São Gonçalo, especificamente na Rua Estrada do Engenho, encontra-se uma ocupação que concentra cerca de 60 famílias, denominada Ocupação Estrada do Engenho. No local habitam moradores há mais de 20 anos, sendo que um aumento do número de pessoas aumentou a partir de 2010. As condições socioespaciais daquela localidade são de um grande abandono do poder público em prover os serviços essenciais, como saneamento básico, iluminação, lazer, entre outros. Poucos moradores têm ligação de água e luz, o restante tem que sobreviver com ligações de vizinhos.

Inclusive um processo foi movido pela Promotoria Pública no ano de 2014 contra a Prefeitura Municipal de Pelotas, para que se fizesse uma reintegração de posse dos moradores por se constar que aquela localidade se trata de uma Área de Preservação Permanente (APP). No Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) a Prefeitura Municipal tem o prazo até novembro de 2017 para retirar as pessoas da Ocupação Estrada do Engenho. Em contrapartida, o Poder Público Municipal ofertou cerca

de 20 terrenos no Bairro Getúlio Vargas para os ocupantes. A resistência da comunidade da Estrada do Engenho se sustenta no fato de que primeiro, eles criaram um pertencimento em relação com a espacialidade do local (território e identidade), em função da atividade da pesca que realizam e da reciclagem de resíduos sólidos, o que cria toda uma identidade destes moradores com o território. A retirada deles para o Bairro Getúlio Vargas não é só perda de suas casas, mas sim do seu lugar e da sua identidade, o que também poderá resultar num conflito social entre eles e os já moradores desse bairro. A luta dos moradores é de permanência no local, desejam que se tenha um projeto de urbanização e que se faça a construção de casas populares, ou que pelo menos parte dos moradores fiquem na Vila dos Pescadores, reconhecida como uma Área Especial de Interesse Social (AEIS) no III Plano Diretor do Município. E que o restante possa ir para um terreno em frente ao Veleiros Saldanha da Gama, para que eles possam continuar morando na região do canal São Gonçalo.

O processo movido para a reintegração de posse naquele local, só especifica os integrantes daquela ocupação, os veleiros e os casarões perto da estrada do Passo dos Negros não são citados. O que pode explicar essa intenção é que essa região é muito valorizada pelo capital imobiliário e pelo poder público, como uma crescente urbanização de classe de alta renda com os empreendimentos Lagos do São Gonçalo, Parque Una I e Una II. O que se percebe na retirada da Ocupação Estrada do Engenho, é que por trás do discurso de proteção ambiental vem a força do poder econômico imobiliário que já é muito forte na área administrativa do São Gonçalo.

O Bairro São Gonçalo, área de ocupação imobiliária recente, vive sob a lógica desses conflitos que de um lado colocam a história de seus ocupantes tradicionais e, de outro, os interesses dos novos ocupantes. Há que se salientar que, também do ponto de vista histórico, a área possui relevante importância, haja vista a localização dos primeiros caminhos da cidade que desembocavam no canal São Gonçalo, na localidade do Passo dos Negros, e formaram o Corredor das Tropas, hoje Avenida São Francisco de Paulo, no caminho do gado até o Logradouro Público (A Tablada). Além disso, o conflito ambiental também é evidente, pois se trata de área de amortização das cheias. Há muito o que discuti sobre o uso e ocupação desse Bairro.

Referências:

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.



SIMÕES LOPES, UM AUGUSTO BAIRRO.¹

Guilherme Pinto de Almeida²

As terras sobre as quais se ergueria o bairro Simões Lopes, à margem direita do leito original do Arroio Santa Bárbara - próximo à foz deste com o Canal São Gonçalo - pertenceram ao charqueador **José Vieira Vianna**³, que ali matinha também olaria e fábrica de sebo. Com o falecimento de Vianna, sua charqueada passou à firma Viúva Vianna & Filhos, depois a Manoel Marques das Neves Lobo e deste ao Visconde da Graça (João Simões Lopes), passando por fim aos herdeiros deste, os Simões Lopes.

Até as primeiras décadas do século XX, porém, o local ainda era conhecido por “Campo do Vianna”, e descrito como um

“

*extenso terreno, com orientação norte-sul, situado ao lado oeste da cidade, compreendido no perímetro limitado pela linha da Viação Férrea, Rio São Gonçalo e Lagoa do Fragata: um varzedo arenoso, eivado de inúmeras restingas!*⁴

”

Na década de 1910, Augusto Simões Lopes decidiu lotear aquele espaço. As obras do nominado **Bairro Dr. Augusto Simões Lopes**, também chamado **Villa da Graça** - iniciativa privada pioneira na cidade - tiveram início em janeiro de 1914, com o lançamento da pedra fundamental da primeira edificação. Até dezembro daquele ano já haviam sido construídas quatorze moradias populares: casas com tipologia porta-e-janela geminadas e alguns chalés de planta mais despojada, independentes e com recuo de ajardinamento. Em um destes chalés funcionou a primeira escola do bairro.

No ano seguinte, 1915, foram edificadas mais dezessete habitações, que eram consideradas, no contexto da cidade e da época, de “*excelentes condições higiênicas, com comodidades relativas e aluguéis módicos*”. Essa primeira leva de casas, distribuídas em fita ao longo da via principal, a Avenida Brasil, rapidamente tornou-se “refúgio de uma população proletária”, constituindo uma vila operária. Esta avenida contava inicialmente

¹Pesquisa histórica inicial que serve de subsídio ao projeto de restauração arquitetônica.

²Aluno especial do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador iconográfico do Almanaque do Bicentenário de Pelotas.

³Conforme Ester Gutierrez^(2004, p. 163), o charqueador e juiz José Vieira Vianna e sua filha Joanhina Vianna Lobo, amantes do teatro, foram, possivelmente, os maiores incentivadores da construção do edifício do Teatro Sete de Abril. José Vieira Vianna também foi sócio no empreendimento da Barca Liberal. O Casarão nº 2, que ora sedia a Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, foi, originalmente sua residência urbana.

⁴Almanach de Pelotas VI (para o ano de) 1918.



oitocentos metros, arborizados na totalidade de sua extensão. Em 1916, foram edificadas, em uma rua transversal a ela, mais dez pequenas casas destinadas a trabalhadores. O projeto arquitetônico apresentava casas com quatro metros de testada, divididas em cinco compartimentos, e distribuídas em fita. Os dormitórios eram alcovas, e o banheiro (quando havia), externo.

O bairro, em seu despontar, teve íntima ligação com o futebol. O loteamento contemplava, junto à via principal, o primitivo estádio de futebol do Grêmio Esportivo Brasil⁴, com 135 metros de muros junto ao alinhamento predial da Av. Brasil. Contíguo e perpendicular a este, a norte, disposto na orientação leste-oeste (estendendo-se a oeste), havia o campo do antigo *Sport Club* Rio Branco⁵. Os terrenos destes estádios foram doados por Augusto, que presidiu o G. E. Brasil de 1917 a 1920. Posteriormente o estádio do Brasil foi utilizado pelo Clube Atlético Bancário. Com a extinção deste, o espaço serve hoje ao usufruto comunitário.

O 'Simões Lopes', ou 'Simões' - como é carinhosamente chamado por seus moradores -, quando criado, destacou-se por contar com considerável rede elétrica, uma vanguarda no contexto urbano local. Havia ainda a intenção de dotá-lo de uma linha de bondes, o que não chegou a ocorrer. Possui duas belas praças, contíguas e ricamente ajardinadas, nas quais ocorriam exposições de aves e flores - uma predileção de Hilda, esposa de Augusto. Um ícone do bairro, a Passarela de pedestres sobre os trilhos da ferrovia, que proporciona a comunicação dos moradores do Simões com o centro da cidade, foi construída em 1927⁶.

Símbolo maior do bairro, o **Castelo Simões Lopes**, palacete edificado para moradia de Augusto Simões Lopes⁷ e sua família foi a segunda edificação de maior

porte do bairro. Em 1918 já havia sido ali construída a residência de seu cunhado, Jorge Campello Duarte⁸, um imponente sobrado, mimese de "chalé suíço", denominado "Villa D. Noemia", com intrincada volumetria, grandes panos de telhado em evidência e realçado pela implantação isolada no lote, de miolo de quadra⁹.

Importante 'tribuna' política do sul do Brasil¹⁰, o Castelo Simões Lopes foi local de reunião para discussões que antecederam a Revolução de 1930, recebendo e hospedando atores políticos como Getúlio Vargas e Washington Luís. Construção iniciada em 1920, foi projetado pelo arquiteto de origem alemã Fernando Rullman e inaugurado no ano de 1922. O excêntrico palacete-castelório permanece como principal edificação do bairro¹¹. Muito bem servido por iluminação elétrica, foi palco de muitas festas noturnas, nas quais a elite pelotense confraternizava, em clima feérico, em seus terraços e jardins. Do alto da escadaria que lhe dá acesso, o proprietário costumava proferir inflamados discursos à população pelotense. Mantido como residência da família até o final da década de 1970, na década de 1980 serviu de locação a festas e eventos diversos. Na década de 1980 serviu ainda de palco para festas de réveillon e bailes de carnaval¹².

Em 1990, com a solicitação da Bibliotheca Pública de Pelotas que a Câmara de Vereadores deixasse suas instalações, a Prefeitura Municipal comprou a propriedade com a finalidade de sediar definitivamente a câmara. Com a desaprovação do futuro novo endereço por parte dos edis, que também criaram problemas alegando a necessidade de modificações projetuais para inclusão de um plenário apropriado à nova função, a prefeitura resolve dar outra destinação ao edifício. Em

⁵ Este foi o primeiro estádio próprio do G. E. Brasil, fundado em 1911. A localização próxima da Estação Ferroviária de Pelotas, bem como o caráter popular do clube - que desde o princípio admitiu jogadores afrodescendentes em sua escalação -, rendeu o apelido de "negrinhos da estação" aos seus jogadores, nestes primeiros tempos. Em novembro de 1916, o estádio recebeu a ilustre visita do poeta Olavo Bilac, que deu o pontapé inicial em uma partida de futebol em sua homenagem. Em 1927 o estádio foi vendido ao Clube Atlético Bancário, fundado em 1925.

⁶ Clube de futebol cuja existência não ultrapassou as primeiras décadas do século XX.

⁷ Ou seja, completou 90 anos em 2017. Neste entretanto, precisou de reparos estruturais.

⁸ Augusto Simões Lopes foi o último filho de João Simões Lopes Filho, Visconde da Graça, em segunda núpcia com Zeferina Antônia da Luz, Viscondessa da Graça. Nasceu em Pelotas aos 15 dias de julho de 1880, tendo falecido aos 61 anos, em 15 de outubro de 1941 no Rio de Janeiro. Em 1906 casou-se com Hilda Campello Duarte (1888-1977). Da união nasceram oito filhos. cursou a Faculdade de Direito em São Paulo até o terceiro ano, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde obteve o diploma de Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1905. Em Pelotas desempenhou as atividades de bacharel, promotor público, jornalista, professor, político e administrador, além de exercer cargo diretivo em diversas instituições. Foi homenageado, anos após seu falecimento, com uma escola batizada em seu nome, cujo prédio teve a construção custeada por sua viúva. Posteriormente, durante a gestão do prefeito Joaquim Duval, seu nome também foi dado à avenida de acesso ao aeroporto.

⁹ Jorge Campello Duarte e sua irmã Hilda Campello Duarte (esposa de Augusto Simões Lopes) eram filhos de Plotino Amaro Duarte, um dos fundadores do Banco Pelotense.

¹⁰ Implantado na segunda quadra ao sul da Rua Saturnino de Brito, com frente leste para a Avenida Brasil. Demolido na final da década de 2000. Já em ruínas na ocasião, ameaçava a segurança e a saúde dos moradores, por propiciar espaço para acúmulo de lixo e proliferação de insetos, além de esconderijo para meliantes.

¹¹ Filiado ao Partido Republicano Riograndense (PRR), Augusto foi eleito Intendente Municipal no quadriênio 1924-1928. Após a Revolução de 1930, exerceu novamente o cargo de prefeito de Pelotas (1932-1933), após nomeação pelo Interventor Federal no Rio Grande do Sul, Gal. Flores da Cunha. Posteriormente foi eleito Deputado Federal (1933-1935) pelo Partido Republicano Liberal, tomando parte como líder da bancada rio-grandense na Constituinte de 1834. Foi eleito ainda Senador, alcançando o posto de Vice-presidente do Senado Federal (1935-1937). Trabalhou fortemente para a eleição de Getúlio Vargas à Presidência da República. Sempre ao lado de Vargas, com a instalação da ditadura do Estado Novo em 10 de Novembro de 1937, torna-se desgostoso com o rumo do país e decide abandonar a política, expressando a decisão em carta a Getúlio.

¹² O cimento (terra romana) utilizado na construção foi importado da Europa, aqui chegando em navios a vapor. A planta do castelo demonstra grande compartimentação, com cerca de trinta ambientes distribuídos em dois pavimentos e um porão alto, incluindo adega e garagem. Teria sido uma das primeiras residências pelotenses a dispor de sistema de calefação, importado da Suíça, e que operava através de uma fornalha localizada no porão e de radiadores distribuídos em todas as peças.

1992 foi criada e ali instalada a Casa de Cultura João Simões Lopes Neto, em homenagem ao ilustre escritor regionalista, sobrinho de Augusto Simões Lopes, ambos pelotenses¹³. Diversas entidades dividiram o espaço do castelo: Academia Sul-Brasileira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico, Centro Literário Pelotense, Movimento Tradicionalista Gaúcho (26ª Região) e Casa do Poeta¹⁴. Posteriormente, o espaço foi compartilhado com o Centro de Atenção Psicossocial do bairro, até a década de 2000. No ano de 2012, foi tombado em nível estadual (Portaria nº 12/2012), por iniciativa da Associação Victorino Fabião Vieira, entidade privada local. Desocupado por mais de década, no final de 2016, a Prefeitura Municipal de Pelotas promoveu a Licitação para Uso Criativo da edificação pelo prazo de 15 anos (renováveis por outros 15), tendo sido aprovado permissionário o Instituto Eckart¹⁵. A edificação encontra-se em processo inicial de restauração arquitetônica.

O Bairro Simões Lopes recebeu uma segunda etapa de loteamento, levada a efeito na década de 1950, com traçado orgânico, de ruas curvas. Naquele período recebeu também obras de calçamento. O bairro mantém seu caráter popular e conta com uma comunidade forte e unida, que se empenha em manter sua memória social preservada.

Referências

ETCHEVERRY, José Vieira (org.). **Castelo Simões Lopes: Casa de Cultura**. Coleção Cadernos de Pelotas, nº 21. Pelotas: edição do autor, 1995.

GILL, Lorena Almeida. **Labirintos ao redor da cidade: as vilas operárias em Pelotas (RS) 1890-1930. História UNISINOS**. São Leopoldo, 2006, p. 45-52.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Barro e sangue: mão-de-obra; arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1999)**. Pelotas: Editora da UFPel, 2004.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 imagens da arquitetura pelotense**. 2 ed. Pelotas: Palotti, 2002.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de. **Habitação popular em Pelotas (1880-1950): entre políticas públicas e investimentos privados**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PELOTAS (CIDADE). **Lei Nº 5.502, de 11 de setembro de 2008** [institui o III Plano Diretor de Pelotas]. Disponível em:

¹³No ano de 1985, algumas salas de seu interior serviram de locação a parte das filmagens do longa metragem *Sonho Sem Fim*, do cineasta Eduardo Escorel. Na ocasião, teve sua pintura remodelada.

¹⁴João Simões Lopes Neto viveu entre 1865 e 1916; Augusto Simões Lopes de 1880 a 1941.

¹⁵Por ocasião da instalação da Casa de Cultura João Simões Lopes Neto em 1992, foi para ali transferida a estátua do Negrinho do Pastoreio, obra de Vasco Prado. Retirada de seu local original, a porção oeste da Avenida Bento Gonçalves, nas proximidades do Colégio Municipal Pelotense. Atualmente, a estátua encontra-se reinstalada em seu local original.

¹⁶Instituto de educação, treinamento, palestras e projetos. Entidade sem fins lucrativos com sede em Porto Alegre.

http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/leiiiii_plano_diretor/arquivos/lei_5502.pdf. Acesso em: 22/04/2017.

SIMÕES LOPES, Hilda. **A superfície das águas**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.

SIMÕES LOPES NETO, João. **Revista do 1º Centenário de Pelotas** [Recurso eletrônico]. [Concepção, elaboração e editoração de Guilherme Pinto de Almeida]. Pelotas: edição do autor, 2012. 1 CD-ROM.



A VÁRZEA E SUAS HISTÓRIAS

A.F. Monquelat

Antes de dar continuidade a este trabalho, é preciso destacar que diversos outros pontos de Pelotas tiveram várzeas, por exemplo: a *Várzea do Retiro*, a *Várzea do Pepino*, a *Várzea da Luz*... No decorrer dos anos e tendo elas diminuído ou sumido, deixou a imprensa de fazer referência a elas quando das enxurradas, permanecendo apenas a denominação para a zona do porto da cidade, um dos locais mais repletos de história, desde a sua ocupação.

Apesar de ser a entrada de Pelotas por via marítima e fluvial, a Várzea vivia a clamar dos governantes um melhor tratamento do que o descaso e a desconsideração que sempre recebera, mesmo em épocas de sua opulência comercial e industrial.

A qualquer enxurrada, já estava a Várzea inundada por vastos lençóis de água, como se já não bastasse o sofrimento daquela população com o elevado número de mortes por epidemias, assassinatos, roubos, brigas, assaltos e miséria.

Não fossem suficientes todos os senões que a Várzea sofria, foi ela, nos primeiros dias de janeiro de 1894, assombrada por um Lobisomem, que a noite aparecia embaçada em amplo lençol, e que, dando uivos e roncões, investia contra os transeuntes, alguns dos quais, pegos de surpresa e cheios de pavor, se deixavam despojar pelo Lobisomem espertalhão.

Conhecido o caso, segundo os jornais da época, a credence prontamente fantasiou-lhe uma existência estranha, supondo-o uma dessas criações com que a imaginação popular povoava as noites da idade média, e que sob o nome de lobisomem era o terror de gente crédula daquele tempo.

A autoridade, porém, que era doutro tempo, não se conformando com aquilo, mandou dia 8 de janeiro alguns praças da guarda municipal averiguarem o fato. Constataram que o tal lobisomem não passava de um patife, que durante o dia ocultava-se em uma espécie de

alçapão donde fugiu logo que pressentiu os praças, escondendo-se nos poteiros que iam ter à charqueada do Sr. coronel Pedro Osório.

Assim, pois, tendo sido descoberto o embuste, ninguém mais deveria ter receio, tendo em vista que ele não passava de um “lobisomem Fritz-maquizado” e que qualquer dia cairia em mãos da polícia.

No dia seguinte, voltavam os jornais, adicionando à notícia anterior e com vistas à polícia, que não era um, mas sim dois os lobisomens gatunos que andavam alarmando a população da Várzea, e, aos quais, alguns patuscos criaram uma tradição de atos miraculosos, que estavam sendo aceitos pela credence popular.

Segundo informações obtidas por um daqueles jornais, os dois “lobisomens” da Várzea eram um pardo e “um preto” que residiam à Rua Santo Inácio [atual Gomes Carneiro], onde se ocultavam durante o dia, saindo à noite, para suas “explorações”.

Afirmava o jornal que aqueles indivíduos eram os autores de vários roubos praticados naquelas imediações, entre os quais os de que haviam sido vítimas os Srs. Generoso Alves Branco, Sayão Lobato, Francisco de Souza Bravo e João Laudem.

Assim, pois, aí ficava o fio da meada, pelo qual a autoridade poderia prestar um bom serviço ao público trancafiando na cadeia aqueles dois patifes, que não passavam de reles gatunos e que de lobisomens nada possuíam.

Outra dificuldade, que tanto os moradores quanto os comerciantes da Várzea sempre tiveram, diz respeito ao transporte coletivo. Tanto que no final do século XIX, fizeram esses uma solicitação à companhia dos bondes para que esta ampliasse o horário do último bonde, que era às 20 horas, para mais tarde, pois as pessoas que moravam naquele extremo se viam obrigadas a voltarem mais cedo do Centro da cidade, para não terem de fazer aquele trajeto a pé.

A tragédia das lavadeiras do São Gonçalo

Pouco ou quase nada até hoje sabemos de outras lavadeiras que não as do Arroio Santa Bárbara. No entanto, e infelizmente através de uma tragédia ocorrida com duas delas, acabamos tomando conhecimento de outro local onde havia grande concentração dessas mulheres, que faziam de tal atividade um complemento da renda doméstica ou até mesmo a própria renda.

Nas proximidades da estação do Ramal, margem esquerda do canal São Gonçalo, havia uma área, denominada de Prainha, que era muito usada pelas lavadeiras das redondezas.

Naquele local, já haviam morrido diversas pessoas. Desde a manhã do dia 8 de fevereiro de 1905, quando ali estavam umas doze ou mais lavadeiras na lida diária de

suas atividades, a tragédia começou a dar sinal de sua presença: entre estas se encontrava Marieta Moreira, crioula, de 20 anos, mais ou menos e que, por volta das 9 horas, descuidando-se, caiu na água e logo submergiu.

Em uma das vezes que voltava à tona da água, foi salva por sua companheira Prudência da Silva.

A tragédia continuava rondando o reduto das lavadeiras do São Gonçalo, até que, por volta das 2 horas da tarde, o crioulinho João, de 12 anos de idade, tomava banho no local, quando, perdendo o pé, se afogou.

A mãe, Luzia, e Ana Joaquina, que lavavam na beira do canal, tão logo pressentiram a tragédia, levadas pelo mesmo impulso, jogaram-se na água, na tentativa de salvar o menino.

Infelizmente, seus esforços não lograram êxito, pois, na tentativa de socorrem João, que se afogava, não avaliando o perigo ao qual se expunham, e, dentro de poucos instantes eram tragadas pela água.

Foi naquele momento que Cipriano Silveira Duarte, crioulo, empregado da barraca Thonsen & Cia., num impulso de bondade e coragem, atirou-se à água.

Tardamente chegou ele ao local do sinistro, só lhe sendo possível salvar o menino, causa da dupla desgraça.

Mais tarde, o Sr. Bernardino Barcelos, auxiliado por pessoal do Ramal [terminal da linha férrea da Southern no porto] e alguns catraieiros [tripulantes, também chamados de barqueiros, ou os proprietários de uma catraia, ou de qualquer embarcação de pequeno porte, movida a remo ou a vela], retirou do São Gonçalo o corpo de Luzia, a mãe de João, que ainda apresentava sinais de vida.

Entretanto, inúteis foram os esforços para fazê-la voltar a si.

Luzia era casada, ficando seu filho, que chorava desesperadamente, cercado das atenções de suas companheiras, que o entregaram ao pai.

O corpo foi removido para a Santa Casa.

Quanto a outra afogada, foi ela, mais tarde retirada da água, e levada ao necrotério da Santa Casa.

Jacarés apavoram a zona da Várzea

O primeiro registro do aparecimento de um jacaré na zona da Várzea, ocorreu dia 20 de fevereiro de 1906, às 4 horas da tarde, na chácara do Sr. Bernardo Monteiro, à Rua São Francisco [atual Rua Princesa Isabel], fundos da fábrica de sabão e velas do Sr. F. B. Borraz, quando, capineiros que ali trabalhavam encontraram em uma sanga um jacaré.

O animal foi perseguido e morto. Media metro e meio de comprimento e possuía aguçada serrilha na cabeça e lombo.

Outro registro foi o ocorrido no final de março do ano de 1954, quando Eurico Guerra e Gerson Pereira

capturaram, próximo a ponte, um enorme jacaré após uma série de peripécias, medindo este 2.10 metros de comprimento.

O enorme sáurio, depois de imobilizado, foi manietado.

Após todas as dificuldades encontradas, os dois responsáveis pela captura ataram o jacaré na capota da camioneta, que deixaram estacionada à Rua Álvaro Chaves, esquina Rua Uruguai, onde residia Eurico Guerra.

Aconteceu que, embora aparentemente imobilizado, o jacaré lutava desesperadamente por sua liberdade. E, assim, já altas horas da madrugada, após usar por muito tempo os seus afiados dentes nas cordas que o prendiam, libertou-se e, fugindo do alto da camioneta, saiu arrastando-se pela via pública...

Várias quadras distante da frente da casa de Eurico, local onde se encontrava preso, um transeunte teve inesperada e desagradável surpresa quando, em uma esquina, topou-se cara a cara com o jacaré, que lhe mostrou longos e agudos dentes em atitude pouco cordial.

Aos gritos do transeunte, acorreram outras pessoas ao local e, em poucos minutos, ninguém mais dormia naquelas imediações.

“Olha o jacaré! Olha o jacaré!” – este era o grito dominante. E, enquanto o jacaré, indiferente à gritaria e à massa humana, continuava a se arrastar em direção ao porto, um dos presentes teve a ideia de telefonar para a polícia.

As autoridades policiais compareceram ao local. Diversos policiais da Brigada Militar, munidos de cordas, com o auxílio de outras pessoas, conseguiram, depois de várias tentativas, laçar outra vez o animal, que, novamente manietado, voltou para o mesmo lugar, sobre a camioneta, de onde escapara em busca da liberdade.

O pão-duro do Beco da Praça da Alfândega

No final dos anos trinta do século XX vivia, miseravelmente, em um cortiço localizado no beco nº8 da Praça Domingos Rodrigues, também conhecida por Praça da Alfândega ou Pracinha do Porto, um indivíduo de nacionalidade portuguesa.

Salvador R. de Sá, o morador do cortiço, tinha 70 anos de idade, fora tanoeiro e era parcialmente cego.

Os vizinhos de Salvador, todos operários, já estavam acostumados com ele. Viam-no sempre sujo, sebento e julgavam-no paupérrimo.

Acometido, provavelmente, por erisipela e tendo a doença se agravado dado à falta de higiene e, em consequência da moléstia exalar um cheiro fétido, os vizinhos se distanciaram do indesejável morador.

A doença se agravou e os padecimentos também, o que levou Salvador a ficar acamado.

Não havendo quem dele se aproximasse passava ele

fome e apodrecia vivo.

Uns dias depois, contudo, um menor apiedou-se de Salvador e lhe levou um pouco de alimento.

Como a situação piorasse, a vizinhança apelou para a polícia, pedindo a esta que retirasse Salvador do cortiço.

Naquele mesmo dia, compareceu ao local o inspetor Rubens Pereira Dias, acompanhado pelo cabo Benício Braga e por representantes da imprensa.

De chegada, o inspetor abriu a porta do cortiço de Salvador, e aquele cheiro nauseabundo espalhou-se. Os presentes tiveram um momento de indecisão, pois em cima de um velho catre, no qual se viam alguns sacos de estopa, um vulto de gente vivia em adiantado estado de podridão.

Os policiais, contudo, vencendo a repugnância, penetraram no cortiço e falaram com o homem.

Salvador disse ser sócio remido da Beneficência Portuguesa, declarando a seguir que possuía algum dinheiro na Caixa Econômica e que estava inquieto por esse dinheiro.

De fato, tal como dissera o miserável, pouco depois a polícia encontrava uma caderneta da Caixa Econômica com a quantia de 6:340\$000 e uma latinha contendo a importância de 160\$000 em dinheiro.

Sabedora de que o “pão-duro” do cortiço da Praça era sócio remido da Beneficência, a polícia chamou o carro Ambulância para transportar Salvador ao hospital daquela instituição.

Com surpresa, porém, foi cientificada de que os dois automóveis da assistência estavam em conserto e que, portanto, não poderiam atender ao chamado.

Nesse meio tempo, a Beneficência, avisada, mandou um auto de praça para transportar o enfermo. Entretanto, o chofer do carro ao ver o estado asqueroso do paciente a ser transportado, negou-se a levá-lo para o hospital, alegando que Salvador lhe ia sujar o carro.

Dessa forma, Salvador ainda esperou até tarde da noite, quando finalmente apareceu a Ambulância para transportá-lo.

A imprensa, que acompanhara o caso desde a parte da manhã, denunciou em suas páginas a falta de higiene do beco, que era muito grande, pois este, além de ser formado por cubículos imundos, possuía ainda uma cocheira da qual exalava forte mau cheiro e uma instalação sanitária em ruínas.

Histórias como estas, e outras centenas, fazem parte da linha do tempo da Várzea, pois é esta uma região com muitas e muitas histórias para contar. São poucas as linhas para descrever tantos mistérios de histórias da Várzea.

Histórias essas que pretendo narrar com mais especificidade em momento futuro.





O QUE É PATRIMÔNIO?

17 e 18 de agosto de 2013

O Dia Nacional do Patrimônio Histórico é comemorado em 17 de agosto – data de nascimento do advogado, jornalista e escritor Rodrigo Melo de Franco Andrade, que comandou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN) desde de sua fundação em 1937 até 1967. Seu empenho incansável na preservação do patrimônio cultural do país é lembrado oficialmente desde 1998, quando Rodrigo completaria 100 anos. Inspirados no modelo uruguaio, que em 18 anos transformou o Dia do Patrimônio na principal festa nacional, abriremos dezenas de prédios históricos para a comunidade, combinando as visitas com palestras de especialistas, oficinas, cursos, roteiros, exposições, ações artísticas, concertos, apresentações de teatro dança e música, exibição de filmes, eventos literários, feiras de artesanato e antiguidades, eventos esportivos e rodas de capoeira. Assim como em nosso país vizinho, apresentaremos a cada ano um tema central para que as discussões sejam constantemente atualizadas. Em nossa primeira edição lançamos uma pergunta: o que é patrimônio? Nosso interesse é discutir a abrangência e diversidade desse conceito e promover uma reflexão sobre o patrimônio cultural tanto de natureza material quanto de natureza imaterial e também uma reflexão sobre o patrimônio natural. Este convite para que a comunidade pelotense se reconheça na sua paisagem, nas suas edificações, expressões, saberes, fazeres e práticas é uma homenagem às formas de criar, fazer e viver que vêm construindo nossa identidade cultural. Esperamos que, a partir de 2013, nossos Dias do Patrimônio sejam uma celebração da criatividade que nos identifica com nosso passado, nosso presente e nosso futuro.

Beatriz Araujo

Secretária de Cultura de Pelotas

A HERANÇA CULTURAL AFRICANA

16 e 17 de agosto de 2014

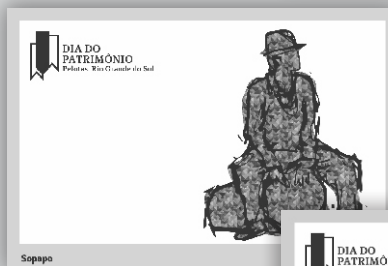
Pela segunda vez a cidade exercita sua identidade coletiva em um evento de características diferentes. As ruas se preenchem de passado, de história e também de contemporaneidade; as pessoas compartilham lembranças individuais e memórias coletivas, prédios históricos, praças e parques, e reavivam a valiosa herança cultural africana em nossa cidade, que celebramos nesta segunda edição do Dia do Patrimônio, em que a cultura negra mostra toda a sua expressão e importância em nossa história. Esse encontro, multiplicado em mais de cem eventos, é nosso reconhecimento a todos os cidadãos negros que contribuíram para a formação da Pelotas de todos nós.

Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite

Prefeito de Pelotas



2013



2014



2015



2016



PELOTAS NATURAL: PATRIMÔNIO DE ÁGUAS

14, 15 e 16 de agosto de 2015

Pelotas veio das águas. Do arroio, patrimônio cultural do Estado, que ganhou a designação das pequenas embarcações em couro que o atravessavam em outros tempos, recebemos nosso nome. Nome inscrito com destaque numa geografia líquida, que nos rodeia, nos distingue e nos alimenta. Nada mais próprio do que homenagear tal origem e legado, que funcionam como um vaticínio, nesta terceira edição do Dia do Patrimônio.

As águas marcam e desenharam nossa cidade. Pelotas dos pescadores da Colônia Z3 ao Pontal da Barra, dali, pela margem do São Gonçalo, passando pela Balsa e chegando ao Quadrado. Pelotas de seus barcos, de suas redes, de sua pesca farta, que já não é.

Pelotas das Charqueadas, pintando de vermelho o rio, sangue e lágrimas misturados na água doce, que às vezes salga. Pelotas de seus riachos, sangas e açudes, das corredeiras, das cachoeiras, enchendo o ar da Serra dos Tapes com aquele barulhinho bom.

Pelotas dos esportes náuticos, dos veleiros e dos caiaques, das pranchas de windsurf, que agora voam, num paraquedas. Pelotas dos remadores, dos nadadores, dos homens do mar de dentro.

Pelotas da gastronomia, dos frutos do mar antecipando os doces, da água limpa, lavando tudo.

Pelotas do Laranjal, do Barro Duro, da lua cheia na lagoa, da conversa, da caminhada, da trilha, da descoberta.

Pelotas das religiões, do encontro único de lemanjá com Navegantes, unindo umbandistas e católicos numa mesma reverência.

Pelotas das águas. Pelotas de todos nós.

Paula Mascarenhas
Vice-Prefeita de Pelotas

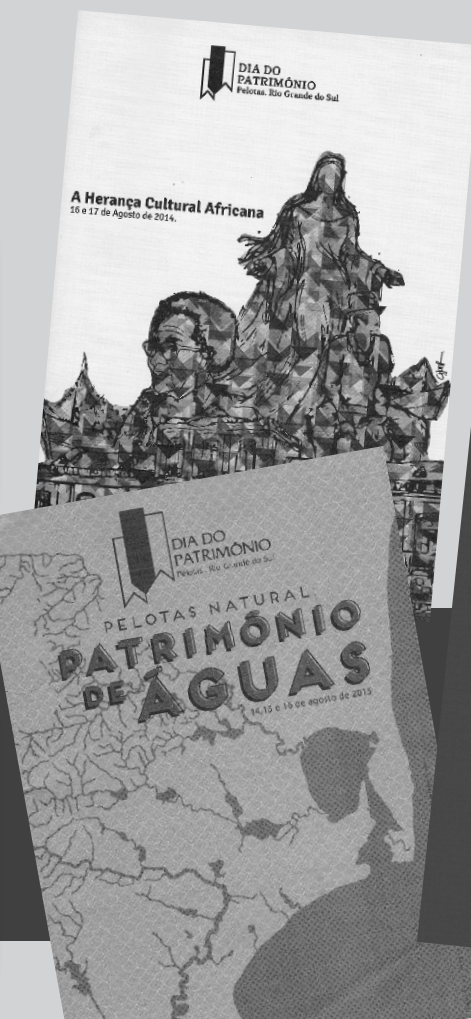
OCUPAÇÃO FEMININA

19, 20 e 21 de agosto de 2016

Certamente que um dos maiores retornos por organizar o Dia do Patrimônio é o movimento de transitar entre os milhares de visitantes desde 2013 celebram em conjunto o nosso patrimônio cultural em um final de semana estendido de agosto. É encantador observar crianças, jovens, adultos e idosos desfrutando das múltiplas ações que lhes permitem experienciar nossa herança cultural a partir de ângulos diversos. É um final de semana onde manifestações culturais ecoam pelas praças, prédios, praias e colônias. Onde a criatividade estimula a produção, o compartilhamento e a difusão do conhecimento. Existe ainda outro grande retorno: observar como o tema proposto a cada ano começa a contaminar pesquisadores, coletivos, artistas e agentes culturais na preparação das atividades que são gestadas com tanto zelo por seus proponentes, na proposição e elaboração dos painéis que integram as Conversas do Dia do Patrimônio, na preparação carinhosa dos Agentes que acompanharão os visitantes em todas as atividades espalhadas por nossa cidade.

É durante as Conversas que a temática é ampliada através de abordagens de extrema seriedade e originalidade. Os participantes que conversam com a comunidade todas as quartas-feiras nos três meses que antecedem o Dia do Patrimônio, na preparação carinhosa dos Agentes que acompanharão os visitantes em todas as atividades espalhadas por nossa cidade. E é durante as Conversas que a temática é ampliada através de abordagens de extrema seriedade e originalidade. Os participantes que conversam com a comunidade todas as quartas-feiras nos três meses que antecedem o Dia do Patrimônio, geram o conteúdo desta revista e trazem para reflexão temas fundamentais para um entendimento adequado de nossa história, memória e condição atual: "A história das Mulheres e o Patrimônio", "Mulheres e trabalho doméstico", "Patrimônio e a produção feminina na arte", "Reflexão sobre o feminismo negro" são alguns dos textos que nos orgulhamos de apresentar aos leitores nesta edição. Do caleidoscópio de imagens, ideias e textos apresentados aqui, além de evidenciar as mulheres célebres e anônimas que construíram e constroem a Pelotas múltipla, dinâmica e cultural em que vivemos desponta também a urgência histórica de reversão de uma cultura de violência física e simbólica. Acreditando no poder transformador da cultura, convidamos toda a comunidade a reconhecer, celebrar e perpetuar esta ocupação das mulheres em todas as esferas da sociedade.

Giorgio Ronna
Secretário de Cultura de Pelotas



*Categoria Iniciativas de
excelência em promoção e
gestão compartilhada do
Patrimônio Cultural*

CASA 2 - CENTRO CULTURAL ADAIL BENTO COSTA

<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Visitação ao prédio histórico</p>	<p>Responsáveis: Secult</p>
<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Exposição Margens – Diferentes Formas de Habitar Pelotas</p> <p>Sala Iná D'Ávila</p>	<p>Resumo: Exposição de projetos de extensão vinculados ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR e ao Núcleo de Etnologia Ameríndia – NETA do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPEL. Todos os projetos de extensão estão dentro da temática de territorialidade, formas de habitar a cidade, identidade e pertencimento; são trabalhos em andamento que vinculam a universidade com diferentes comunidades, procurando compreender o meio urbano e seus/suas habitantes.</p> <p>Responsáveis: Louise Prado Alfonso</p> <p>Contato: louise_alfonso@yahoo.com.br / (53) 98101-2049 ou (11) 97610-0999</p>
<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Rizoma mostra multimídia internacional de arte contemporânea</p> <p>Bistrô</p>	<p>Resumo: Através de um edital foram reunidos vídeos e imagens de mulheres de todo o Brasil e outros países como Chile, Itália, Portugal e México. Dando uma maior visibilidade a um recorte da produção de mulheres artistas contemporâneas, o material seguirá para outros lugares depois de ser exposto em Pelotas.</p> <p>Responsáveis: CATACLISMA, a MAGA & e PET Artes Visuais.</p> <p>Contato: contatocataclisma@gmail.com</p>
<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 9h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Exposição “Possíveis Realidades: Entre Objetos & Histórias no Mercado das Pulgas”</p> <p>Sala Antônio Caringi</p>	<p>Resumo: A exposição apresentará objetos afetivos dos feirantes que deram início ao Mercado das Pulgas. O visitante será convidado a percorrer as memórias dos objetos que buscam despertar a ideia de que um objeto pode ser ator e testemunho de uma ou de muitas existências.</p> <p>Responsáveis: Caio Nogueira Ghirardello, Danilo Amparo Rangel, Joana Scheneider, Professora Drª Juliane Conceição Primom Serres.</p> <p>Contato: nghirardello@gmail.com / (53) 99909-2656</p>

NO DIA 18 DE AGOSTO A PROGRAMAÇÃO É EXCLUSIVA ÀS ESCOLAS MUNICIPAIS MEDIANTE AGENDAMENTO PRÉVIO.

CASA 6

<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Visitação ao prédio histórico</p>	<p>Responsáveis: Secult</p>
<p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Quer Tomar um Café?</p>	<p>Resumo: Venha tomar um café com devaneios incansáveis surgidos de recheadas tardes regadas a bate-papo. Teorias são criadas, filosofias são pensadas. Mexida em sua singularidade criada por outras pessoas essa é a história de uma mulher que vive na contemporaneidade. Espetáculo desenvolvido na disciplina de Montagem de Espetáculo II, curso de Dança/UFPEL.</p> <p>Responsáveis: Jéssica Carvalho e Débora Allemand</p> <p>Contato: ocj.jesss@gmail.com / (11) 94388-4462</p>
<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Exposição Fotográfica Coleção Viva</p>	<p>Resumo: A “Coleção Viva” é um projeto de um museu virtual no Instagram que trabalha com a musealização instantânea de olhares e contrastes do patrimônio com elementos naturais.</p> <p>Responsáveis: Rafael Teixeira Chaves</p> <p>Contato: rafateixeirachaves@gmail.com / (53) 99158-2929</p>
<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Exposição Fotográfica: Algumas Poéticas Urbanas de Pelotas</p>	<p>Resumo: a exposição se propõe a convidar a população da cidade a esta mostra, que tem como objetivo estimular os pensares poéticos sobre a vida urbana, sobretudo, em relação às sensações, cores e rastros de nossas existências, em especial neste série fotográfica, em alguns dos locais icônicos de cidade de Pelotas.</p> <p>Responsáveis: Bibiana de Paula</p> <p>Contato: byaphotos1@gmail.com / (53) 98464-0825</p>
<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Exposição Bairro Cidade</p>	<p>Resumo: Alunos da escola Freinet realizam uma exposição sobre o Bairro Fragata através de fotos mostrando o Fragata antigo e o Fragata Atual.</p> <p>Responsáveis: Coordenadora Pedagógica Rosa Raquel Kirst da Cunha</p> <p>Contato: recepcaoescolafreinet@hotmail.com / (53) 9811-3230</p>
<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Exposição “Museus da Colônia: intérpretes de uma paisagem de imigração”</p>	<p>Resumo: objetos que integram os acervos do Museu Etnográfico da Colônia Maciel e do Museu da Colônia Francesa, com o objetivo de divulgar a região colonial do município de Pelotas, enfocando seu histórico, seus marcos de paisagem, suas memórias étnicas orais, materiais e fotográficas, assim como a dimensão da ruralidade.</p> <p>Responsáveis: Fábio Vergara Cerqueira, Cristiano Gehrke e Luciana Peixoto.</p> <p>Contato: (53) 98483-1790, (53) 99156-0607, (53) 99930-5016</p>

CASA 6

18/AGO. • SEX.
9h às 17h19/AGO. • SÁB.
10h às 17h20/AGO. • DOM.
10h às 17h**Saberes e Sabores da Colônia
(Exposição)****Exposição dos vídeos:**

Saberes e Sabores da Colônia – Pão na Pedra, Terno de Reis, Memórias Negras Sobre Alimentação, Schmier de Melancia de Porco, Família Camelato do vinho e do suco, Carneação de Porco, Peito de Ganso Defumado, Comunidade Católica de São Miguel, Festa na Colônia, Festa de Sant'Ana. e Oficinas Sobre Hábitos Alimentares: Trocas de Saberes.

Resumo: Exposição de 10 banners e 11 vídeos etnográficos, matéria do projeto de pesquisa Saberes e Sabores da Colônia.

Responsáveis: Renata Menasche e Sara Coradi

Contato: renata.menasche@gmail.com / (53) 98137-3369

Estes vídeos apresentam alguns dos resultados da agenda de pesquisa Saberes e Sabores da Colônia, conduzida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (GEPAC), em parceria com o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) e o Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA), com apoio do CNPq e da FAPERGS. O trabalho buscou conhecer, especialmente a partir das práticas alimentares, a cultura compartilhada por camponeses de distintas origens étnicas presentes na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul.

Mais informações: <http://ufrgs.br/pgdr/gepac/>

Contato: gepac.gepac@gmail.com

Bateristas: Vozes do Ritmo

A História nos conta que a figura feminina sempre esteve presente no mundo da música, sobretudo utilizando-se de percussão, desde as eras mais remotas. Entretanto, a participação das mulheres nesta antiga trajetória sofreu várias alterações devido a inúmeros fatores sócio-culturais. É o que se pretende discutir neste documentário. Foram entrevistadas bateristas atuantes no cenário do Rio Grande do Sul, de diferentes gerações e estilos musicais, tais como rock 'n roll, heavy metal, punk, tradicionalista gaúcho, gospel, funk, eletrônico, que relatam suas interações com a sociedade em que vivem, chamando a atenção ao estranhamento social que percebem na sua profissão, nos revelam suas ações de lutas relacionadas às questões de gênero e tudo o que envolve ser mulher e ser baterista. O documentário também conta com depoimentos de professores pesquisadores nas áreas de musicologia, comunicação social e estudos de gênero.

Direção, produção, edição geral: Bibiana de Paula

Contato: byaphotos1@gmail.com

CASA 6 E PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO

19/AGO. • SÁB.
15h**Caminhos da Dança de Rua
(Dança UFPel/AMASETE)**

Resumo: Grandes tecidos são colocados pelos arredores da praça e do porão do casarão 6, gerando um emaranhado de panos que se assimilam a uma teia colorida. Performers ficam utilizando a instalação para dançar, jogar capoeira, fazer parkour, ou simplesmente brincar, afim de criar uma atmosfera de jogo, atraindo o público para que outras pessoas participem deste processo lúdico e interativo com o espaço urbano.

Responsáveis: Debora Souto Allemand e Paulo Takeo Ito

Contato: deborallemand@hotmail.com/53 99110-2482

MEMORIAL DO THEATRO SETE DE ABRIL

18/AGO. • SEX.
8h às 14h19/AGO. • SÁB.
10h às 17h**Exposição fotográfica "Fio da Navalha"**

Resumo: Exposição de quadros com fotografias do artista Luís Fabiano Gonçalves, registrando entre outros, o Projeto Sete ao Entardecer.

Responsáveis: Ana Lucia Alt e Raquel Fontoura

Contato: raquelbibliofurg@yahoo.com.br

BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE

18/AGO. • SEX.
13h às 17h19/AGO. • SÁB.
13h às 17h20/AGO. • DOM.
13h às 17h**Biblioteca Aberta**

Resumo: A Biblioteca Pública Pelotense estará aberta à comunidade local e regional, com exposições no seu Museu Histórico, atividades no seu Setor Infantojuvenil e espetáculos artísticos ao longo do dia.

Responsáveis: Daniel Barbier

Contato: barbier.daniel@gmail.com

19/AGO. • SÁB.
17h20/AGO. • DOM.
17h**As Horas Nuas**

Resumo: esquete/monólogo tem como pano de fundo a trajetória de uma atriz perdida no esquecimento. Abandonada por todos, ela se sente perdida, esquecida no tempo onde sua identidade se confunde com a de seus personagens nesta busca por se encontrar e ser encontrada. O tema busca abordar esta relação de pertencimento e valorização não apenas dos bens materiais tangíveis, mas a importância de valorizar os bens culturais que fizeram parte da história, de Pelotas e do mundo.

Responsáveis: VOCÊ SABE QUEM Cia de Teatro

Contato: ciavocsabequemdeteatro@gmail.com/984183765

19/AGO. • SÁB.
20h**Lançamento do disco:
"Meu jeito de Aprender"
de Rodrigo Madrid**

Resumo: Lançamento do disco de estreia, "Meu jeito de Aprender" do cantor nativista Rodrigo Madrid. Financiamento ProCultura/Pelotas-RS



CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DA UFPEL

18/AGO. • SEX. 9h às 17h	Visitação ao prédio histórico	Resumo: Visitação ao prédio do Conservatório de Música, surgido da iniciativa de um grupo de amigos da arte da música em 1918. É Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul.
19/AGO. • SÁB. 10h30min às 16h30min		Responsáveis: Professora Leonora Oxley Rodrigues Contato: conservatórioufpel@gmail.com/ (53) 3222-2562
19/AGO. • SÁB. 15h	Apresentação de Coral Infante Juvenil	Responsáveis: Professora Leonora Oxley Rodrigues Contato: conservatórioufpel@gmail.com/ (53) 3222-2562

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS - PAÇO MUNICIPAL

18/AGO. • SEX. 9h às 17h	Visitação ao prédio histórico	Responsáveis: Secult
19/AGO. • SÁB. 10h às 17h		
20/AGO. • DOM. 10h às 17h		
18/AGO. • SEX. 9h às 17h	Feira de Artistas Sala Frederico Trebbi	Resumo: Feira de Artistas traz como apelo principal a visibilidade da produção de artistas do município de pelotas e região e de suas obras de diferentes temáticas, técnicas e materiais. HQs, fanzines, esculturas telas, gravuras e postais.
19/AGO. • SÁB. 10h às 17h		Responsáveis: COOPERATE/Jonas Fernando Martins Santos Contato: hwesu43@gmail.com/ (53) 99112-1455
20/AGO. • DOM. 10h às 17h		

MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO

18/AGO. • SEX. 10h às 17h	Visitação ao prédio histórico	Responsáveis: Juliana Correa Hermes Angeli Contato: direcaomalg@gmail.com/ (53) 3225-9144
19/AGO. • SÁB. 10h às 17h		
20/AGO. • DOM. 10h às 17h		
18/AGO. • SEX. 10h às 17h	Exposição Arlinda Nunes - A Trajetória de uma artista e sua atuação nas Artes Plásticas e Leopoldo Gotuzzo "Caricaturas de Gente Boa" e obras do Sul	Resumo: Exposições Arlinda Nunes - A trajetória de uma artista e sua atuação nas artes plásticas e Leopoldo Gotuzzo "caricaturas de Gente Boa" e Obras do Sul, no qual serão abordados aspectos de curadoria, a trajetória e a poética dos artistas.
19/AGO. • SÁB. 10h às 17h		Responsáveis: Maria Consuelo Sinotti Rocha Contato: educativomalg@gmail.com/ (53) 3225-9144
20/AGO. • DOM. 10h às 17h		
19/AGO. • SÁB. 14h às 18h	Oficina de criação de um pedal para a diversidade: novos ares para o corpo e mente Auditório do MALG	Resumo: A atividade faz parte do projeto Pedal Arte - Festival da bicicleta de Pelotas, promovido pela Agência CKCO e será conduzido pelo ciclista e estudante de psicologia, Felipe Gonçalves. Discute os benefícios físicos e psicológicos do hábito de pedalar e propõe a elaboração de um grupo de passeios de bicicleta, que promova a diversidade e o respeito às diferenças entre seus participantes. Além do planejamento de rotas pela cidade, a oficina se encerrará com o primeiro passeio do Pedal da Diversidade. As vagas são limitadas e cada participante deve levar sua bicicleta. Esta atividade conta com tradução e interpretação em Libras
20/AGO. • DOM. 14h às 18h		Responsáveis: Agência CKCO Contato: Inscrições: https://goo.gl/2KtzZb

CATEDRAL METROPOLITANA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA

18/AGO. • SEX. 14h às 17h	Visitar o passado, Vivenciar o Presente e Participar da Construção de um Futuro da Catedral Metropolitana São Francisco de Paula	Resumo: Exposição no Interior da Catedral. Visita Guiada na Torre Norte, subindo até o segundo pavimento onde os visitantes poderão ter acesso ao Coro da Catedral. No acesso ao segundo pavimento, será de dez pessoas por visita.
19/AGO. • SÁB. 14h às 17h		Responsáveis: Everton Lautenschlager Contato: (53) 98435-6159
20/AGO. • DOM. 14h às 17h		

CLUBE CAIXERAL

19/AGO. • SÁB. 10h às 17h	Exposição "Visitando o Clube Caixeral"	Resumo: Móveis e fotos antigas, documentos e atas de fundação do clube, objetos de valor histórico e a visitação ao próprio prédio.
20/AGO. • DOM. 14h às 17h		Responsável: Vitor Hugo Pencarinha Siqueira (Diretoria Executiva) Contato: pencarinha2008@hotmail.com

THEATRO GUARANY

18/AGO. • SEX. 14h, 15h, 16h e 17h	Visita guiada ao Theatro Guarany	Resumo: É contada a história desde a fundação do Theatro Guarany, apresentando acervo de trajes e maquinário, bem como os novos camarins temáticos. Valor promocional de R\$10,00 por pessoa.
19/AGO. • SÁB. 14h, 15h, 16h e 17h		Responsáveis: Andréia Fetter Zambrano Contato: theatroguarany@hotmail.com
20/AGO. • DOM. 14h, 15h, 16h e 17h		

GRANDE HOTEL

19/AGO. • SÁB. 14h às 17h	Visitação ao prédio histórico	Resumo: A Atividade contará com monitores treinados com profissionais da área do Patrimônio.
20/AGO. • DOM. 14h às 17h		Responsáveis: Noris Leal Contato: noris.leal@ufpel.edu.br / (53) 3921-6291
19/AGO. • SÁB. 10h às 17h	Exposição do projeto "Caminhando por Pelotas" - Escola Mario Quintana	Resumo: Exposição dos trabalhos dos alunos dos 3ºs anos do ensino fundamental da Escola Mario Quintana
20/AGO. • DOM. 10h às 17h		Responsáveis: Professora Sílvia Gill Contato: (53) 98125-2535

RESIDÊNCIA SENADOR JOAQUIM AUGUSTO DE ASSUNÇÃO

19/AGO. • SÁB. 10h às 12h - 14h às 17h	Visitação ao prédio histórico	Responsáveis: Maximiliano Sérgio Cenci Contato: crinter@ufpel.edu.br / (53) 3225-3943
20/AGO. • DOM. 10h às 12h - 14h às 17h		

ESCOLA ELISEU MACIEL-LICEU

19/AGO. • SÁB. 14h às 17h	Visitação ao prédio histórico	Resumo: A Atividade contará com monitores treinados com profissionais da área do Patrimônio.
20/AGO. • DOM. 14h às 17h		Responsáveis: Noris Leal Contato: noris.leal@ufpel.edu.br / (53) 3921-6291

MERCOSUL

19/AGO. • SÁB. 14h às 17h	Visitação ao prédio histórico	Resumo: A Atividade contará com monitores treinados com profissionais da área do Patrimônio.
20/AGO. • DOM. 14h às 17h		Responsáveis: Noris Leal Contato: noris.leal@ufpel.edu.br / (53) 3921-6291

MUSEU DO DOCE - CASA 8

18/AGO. • SEX. 14h às 17h	Visitação ao prédio histórico	Resumo: A Atividade contará com monitores treinados com profissionais da área do Patrimônio.
19/AGO. • SÁB. 14h às 17h		Responsáveis: Noris Leal Contato: noris.leal@ufpel.edu.br / (53) 3921-6291
18/AGO. • SEX. 14h às 17h	Educação para o Patrimônio no Museu do Doce da UFPel	Resumo: serão aplicados jogos e atividades desenvolvidas pelo LEP - Laboratório de educação para o Patrimônio do Curso de Museologia da UFPel-como forma de conhecer e desfrutar do patrimônio.
19/AGO. • SÁB. 14h às 17h		Responsáveis: Carla Rodrigues Gaustaud Contato: museudodoceaufpel@gmail.com / (53) 3921-6291

SEDE DO QUILOMBO DO ALGODÃO

19/AGO. • SÁB. 14h30min às 23h30min	Mocotó no Quilombo do Algodão	Resumo: Tradicional mocotó servido pela comunidade com horário especial para a edição do Dia do Patrimônio 2017. Artesanato Local. R\$ 12,00 o prato de mocotó.
		Responsáveis: Nilo Dias Contato: diasnilo2016@gmail.com / (53) 98409-6440

SEBRAE - FÉLIX DA CUNHA, 618

19/AGO. • SÁB. 10h às 12h e 13h às 17h	Exposição de figurino do grupo Tholl e de vestidos da corte da FENADOCE	Resumo: Ficará exposto no local, manequins com figurinos do grupo Tholl e vestidos da corte da FENADOCE.
20/AGO. • DOM. 10h às 12h e 13h às 17h		Responsáveis: Rosâni Boeira Ribeiro Contato: rosanir@sebrae-rs.com.br / (53) 999761559

INSTITUTO JOÃO SIMÕES LOPES NETO

18/AGO. • SEX. 9h às 12h e 14h às 18h	Visitação ao Instituto João Simões Lopes Neto	Resumo: Visitação à casa de João Simões Lopes Neto, a qual contém exposições do acervo do autor pelotense.
19/AGO. • SÁB. 9h às 12h e 14h às 18h		Responsáveis: Antônio Carlos Mazza Leite Contato: institutojsln@gmail.com
20/AGO. • DOM. 9h às 12h e 14h às 18h		

PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO

19/AGO. • SÁB. 9h às 12h	Tour e Explicação sobre prédios históricos	Resumo: Explicação teórica sobre os prédios do Patrimônio Histórico de Pelotas na Faculdade de Tecnologia do SENAC Pelotas, e Tour com os participantes pelo Centro. Saída da Praça José Bonifácio às 10h30m com encerramento no Mercado Central de Pelotas.
		Responsável: Arquiteto Fábio Caetano e Secovi/Zona Sul-RS Contato: secovi@secovizonasul-rs.com.br

MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA

<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 9h às 17h</p>	<p>Visitas mediadas Exposição: "Parque Annibal, Chácara da Baronesa, Parque da Baronesa: uma trajetória de memórias no Bairro Areal".</p>	<p>Responsáveis: Annelise Montone Contato: museudabaronesa@gmail.com</p>
<p>20/AGO. • DOM. 13h15min</p>	<p>Sombra de Marte</p>	<p>Bairro: Areal Resumo: Apresentação de músicas autorais e covers sem restrições de idade ou público. Responsáveis: Erick Lemos Contato: (53) 98429-8039</p>
<p>20/AGO. • DOM. 14h</p>	<p>Show J. Will e Banda Rima Vivida</p>	<p>Bairro: Simões Lopes Resumo: Show voltado a todas as idades e públicos que visa quebrar o preconceito existente ao rap e unir estilos e gostos musicais em uma só sintonia. Responsáveis: J. Will Contato: josemarwill@gmail.com</p>
<p>20/AGO. • DOM. 14h45min</p>	<p>Grupo Musical de Idosos do Círculo Operário Pelotense</p>	<p>Bairro: Areal Resumo: Grupo Musical de idosos com repertório variado. Responsáveis: Renata Borges Contato: renata.sul@gmail.com/98116154</p>
<p>20/AGO. • DOM. 15h30min</p>	<p>Luana Moâne</p>	<p>Resumo: Apresentação de Música Popular Brasileira Responsáveis: Luana Moâne</p>
<p>20/AGO. • DOM. 16h15min</p>	<p>Os Ambientais - Projeto Canção dos Bichos - Rock & Natureza</p>	<p>Bairro: Areal Resumo: Composições que aproximam as pessoas da fauna e flora nativa que existe no município de Pelotas ao som de rock, jazz, reggae e funk. Um de seus diferenciais é que as canções foram criadas para alcançar todos os públicos e faixas etárias, proporcionando a interação entre crianças, jovens e adultos. Responsáveis: Solano de Vasconcellos Ferreira Contato: (53)981142931</p>
<p>20/AGO. • DOM. 17h</p>	<p>Da Cor do Samba</p>	<p>Bairro: Areal Resumo: Apresentação de músicas de Pagode, Swing, Samba e Sertanejo. Responsável: Marcus Vinicius Medeiros Barbosa Contato: marquinhosvbarbosa@hotmail.com / (53) 98445-1661</p>

ESTAÇÃO FÉRREA DE PELOTAS

<p>18/AGO. • SEX. 10h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p>	<p>Visitação a Estação com o Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas</p>	<p>Responsáveis: IHGPEL</p>
<p>18/AGO. • SEX. 17h às 18h30min</p>	<p>Palestra "Caminhos de Ferro do Sul" com Prof. Gilberto Demari Alves</p>	<p>Responsáveis: IHGPEL Contato: ihgpel@gmail.com/ (53)999828804</p>
<p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p>	<p>Exposição: Coleção de Carros Antigos</p>	<p>Responsáveis: IHGPEL Contato: ihgpel@gmail.com/ (53)999828804</p>
<p>18/AGO. • SEX. 10h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 10h às 17h</p> <p>20/AGO. • DOM. 10h às 17h</p>	<p>Memorial da Estação férrea de Pelotas</p>	<p>Resumo: visitação e exposição de objetos que farão parte do futuro memorial da Estação Férrea de Pelotas. Responsáveis: Secult</p>

MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS

<p>18/AGO. • SEX. 9h às 17h</p> <p>19/AGO. • SÁB. 9h às 17h</p>	<p>Exposição "ESSE PATRIMÔNIO É MEU TAMBÉM" imagens realizadas com crianças e mulheres do CRAS Centro</p> <p>Palácio do Comércio - Sala 601</p>	<p>Resumo: Exposição resultante de projeto de alunas da disciplina de Educação Patrimonial do bacharelado em História/UFPel, e implantado junto do MACP contemplando o CRAS. Esperam-se novos olhares e interpretações sobre o espaço da praça Cel. Pedro Osório, para além do patrimônio consagrado, caminhando para um profundo posicionamento e apropriação de tal espaço. Responsáveis: Andréa Barbosa Viana Contato: memorialacp@outlook.com/ (53) 98101-3640</p>
---	---	---

ZONA RURAL DE PELOTAS

18/AGO. • SEX. 18h às 12h30min	11º Jantar em Comemoração ao dia do Vinho - Comunidade Sant'Ana	Resumo: Passeio Turístico por adesão e pagamento. O roteiro tem como foco o jantar e baile na Colônia Maciel, com gastronomia italiana, tábuas de frios, degustação de vinhos e sucos de uva derivados da produção local. Responsáveis: Terrasul Turismo Contato: josette@terrasulpelotas.com.br/ (53) 3227.9973 e (53) 3227.6371
20/AGO. • DOM. 9h às 20h	Pelotas Colonial na Temporada dos Pessegueiros em Flor	Resumo: Passeio Turístico por adesão e pagamento. O roteiro contempla a zona rural com foco na simplicidade, gastronomia colonial e a possibilidade de visualizarmos os pessegueiros floridos. Visitação a Família Camelato, Restaurante Grupelli, Cachoeira Arco-íris e Sítio Panamar. Responsáveis: Terrasul Turismo Contato: (53) 3227.9973 e (53) 3227.6371

CRAS-SÃO GONÇALO

18/AGO. • SEX. 8h às 12h e 14h às 17h	Exposição: A Comunidade do Anglo Olhares diversos de um cotidiano	Resumo: Exposição de fotos de sete fotógrafos de Pelotas que através de suas lentes mostram diferentes aspectos dos bairros da Balsa e do Navegantes. Fotos de Paulo Rossi, Moizes Vasconcellos, Jeronimo Gonzales, Andrus Viana, Arlindo Martins, Ubirajara Cruz e Francisca Michelin. Responsável: Noris Leal Contato: noris.leal@ufpel.edu.br / (53) 3921-6291
19/AGO. • SÁB. 8h às 12h e 14h às 17h		
20/AGO. • DOM. 8h às 12h e 14h às 17h		

JOCKEY CLUB (SPAZIO AUGURI, CARTÓRIO LORENZI)

19/AGO. • SÁB. 10h às 17h	Chá e Bazar da Sociedade Espírita Assistencial Dona Conceição	Resumo: Bazar da SEA Dona Conceição, visitaçao ao prédio histórico. Responsável: Olga Vieira da Cunha Contato: (53) 99982-1035
20/AGO. • DOM. 10h às 17h		
19/AGO. • SÁB. 16h	Chá e apresentação do Grupo Musical Cantarolando	Responsável: Olga Vieira da Cunha Contato: (53) 99982-1035

MERCADO CENTRAL

19/AGO. • SÁB. 10h às 17h	Mercado das Pulgas	Resumo: Feira de Antiguidades, coleções e brechós com o objetivo de expor, vender e/ou trocar objetos. Responsáveis: Secult
20/AGO. • DOM. 10h às 17h		
20/AGO. • DOM. 13h30min	Torneio de Xadrez – Dia do Patrimônio 2017	Resumo: Em comemoração ao Dia do Patrimônio, o Clube de Xadrez Pelotense promove, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo, um torneio único que premiará os participantes conforme suas categorias: geral, sênior, máster, feminino, sub-18, sub-16, sub-14, sub-12 e sub-10. As inscrições devem ser feitas antecipadamente pelo e-mail xadrezempelotas@gmail.com. Responsáveis: Augustin Jardel Ribeiro Contato: jardelribeiro@gmail.com/ (53) 98427-7770

PÁTIO 1 DO MERCADO CENTRAL

19/AGO. • SÁB. 14h	B Boy Soul Beat Crew	Bairro: Lindóia Resumo: Apresentação de danças urbanas, dos bailarinos de break dance, Bruno Quadros e Lucas Falcão, da cidade de Pelotas. Responsáveis: Bruno Quadros, Lucas Falcão Contato: (53) 98468-7904
19/AGO. • SÁB. 14h15min	Geovana Silva Carvalho	Bairro: Centro Resumo: É um solo criado no curso de dança da UFPel, desenvolvido sobre inspiração no cotidiano de um amor inspirado no video clip do cantor Johnny Hooker "Quero ser seu homem". Responsável: Geovana Carvalho Contato: carvalhouvva13@gmail.com / (53) 99107-6621
19/AGO. • SÁB. 14h30min	Cia Personae Atoom	Bairro: Centro Resumo: Apresentação de dança contemporânea dos bailarinos Roberta Pires, Athila Cassuriaga e Miriam Brockmann. Responsável: Roberta Pires Contato: robertaprangle@gmail.com
19/AGO. • SÁB. 14h45min	Composição Coreográfica A Mula Sem Cabeça pela UFPel	Bairro: Centro Resumo: É uma coreografia criada para ser apresentada para conhecimento geral do público tanto artístico e dos cidadãos, uma forma de atração pra cultura da cidade de Pelotas. Responsável: Geovana Carvalho Contato: carvalhouvva13@gmail.com

PÁTIO 1 DO MERCADO CENTRAL

19/AGO. • SÁB. 15h	Grupo Ballet de Pelotas	Bairro: Centro Resumo: Apresentação de Ballet Responsável: Daniela Souza Contato: balletdepelotas@yahoo.com.br
19/AGO. • SÁB. 15h30min	Street Soul	Bairro: Jardim das Tradições Resumo: Apresentação de danças urbanas com bailarinos, coreografia que ganhou 1º lugar no Festival de Arroio Grande, destaque em danças urbanas. Responsável: Francine Lemos Contato: francine-dancaderua@hotmail.com/ (53) 98120-9557
19/AGO. • SÁB. 15h45min	Never Stop	Bairro: Três Vendas Resumo: Coreografias feitas por alunas e ex-alunas da Escola Estadual Franklin Olivé Leite Responsáveis: Jessica V. Munhoz e Daniela S. Martinez Contato: (53) 99131-9737/ (53) 98441-2889
19/AGO. • SÁB. 16h	Rita Maurício	Bairro: Laranjal Resumo: Interpretação e leitura de poesias de José Braga Maurício – Pai da atriz e autor do livro “Notícias do Jardim” Responsável: Rita Maurício Contato: (51) 98293-2244
19/AGO. • SÁB. 16h45min	Banda Marcial Franklin Olivé Leite	Bairro: Lindóia Resumo: Apresentação de músicas populares, com a regência dos professores Leonardo Meneses e Mateus Pinho. Responsável: Viviane Faria Dutra Contato: (53) 98425-8979

EXPRESSO QUINDIM

20/AGO. • DOM. Saída às 10h e às 14h30.	Especial Charqueada Santa Rita com Terrasul Turismo	Resumo: Passeio Turístico por adesão e pagamento. O city Tour histórico cultural tem o foco na história e as curiosidades de Pelotas, contemplando a visita interna do Museu do Charque, a Charqueada Santa Rita. Tudo isso a bordo do Expresso Quindim. Responsáveis: Terrasul Turismo Pelotas Contato: josette@terrasulpelotas.com.br
---	--	--

RUA LOBO DA COSTA (entre Félix da Cunha e Gonçalves Chaves)

20/AGO. • DOM. 14h às 21h	Lançamento do Roteiro Noturno de Turismo e Gastronomia	Resumo: Evento de rua para lançamento do Roteiro Noturno de Turismo e Gastronomia. Os dez estabelecimentos participantes do Roteiro terão um espaço onde comercializarão os seus produtos e atrações musicais, para que o público participante do evento possa conhecer o que os bares de Pelotas têm a oferecer. Responsáveis: Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo – Mariana Veiga Contato: sdet.turismo@pelotas.rs.gov.br (53) 98119-1610
-------------------------------------	---	--

COHAB LINDÓIA

20/AGO. • DOM. 14h às 16h30min	Cultura Popular na Praça da COHAB Lindóia	Resumo: Comemorando os 10 anos de Vivência Griô da Mestra Griô Sirley Amaro em conjunto com o Mestre Griô Dilermando Freitas, leva ao bairro COHAB Lindóia uma exposição de material cultural construído e constituído durante toda a caminhada como Griô nestes 10 anos de ações. Terá início às 14hs com o Cortejo Griô ao som do Tambor de Sopapo do Mestre Griô contará suas brincadeiras de infância e fará uma roda de brincadeiras com a criançada. A segunda parte será dedicada às vovós e vovôs com uma roda de poesia, versinhos, valsas e marchinhas. Responsáveis: Sirley da Silva Amaro Contato: sirleyamaro@gmail.com/felipedasmartins@hotmail.com
--	--	--

Por se tratar de um evento colaborativo com várias atrações e diversos responsáveis a programação (horários e datas) pode sofrer alterações pelos organizadores a qualquer momento, sem aviso prévio ou qualquer outra condição, especialmente por motivo de força maior ou caso fortuito.

ENDEREÇOS:

CASA 2 - CENTRO CULTURAL ADAIL BENTO COSTA

Praça Coronel Pedro Osório nº 2

CASA 6

Praça Coronel Pedro Osório nº 6

MEMORIAL DO THEATRO SETE DE ABRIL

Rua Quinze de Novembro nº 560a

BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE

Praça Coronel Pedro Osório nº 103

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DA UFPel

Rua Félix da Cunha nº 651

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS - PAÇO MUNICIPAL

Praça Coronel Pedro Osório nº 101

MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO

Rua General Osório nº 725

CATEDRAL METROPOLITANA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA

Praça José Bonifácio nº 15

THEATRO GUARANY

Rua Lobo da Costa nº 849

MUSEU DO DOCE - CASA 8

Praça Coronel Pedro Osório nº 8

ESTAÇÃO FÉRREA - (IHGPEL-CEREST-PROCON)

Praça Rio Branco nº 7

INSTITUTO JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Rua Dom Pedro II nº 810

PARQUE MUSEU DA BARONESA

Avenida Domingos de Almeida nº 1490

MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS

Rua Sete de Setembro nº 274

CRAS - SÃO GONÇALO

Rua Dona Darcy Vargas, 212, Navegantes II

GRANDE HOTEL

Rua Lobo da Costa nº 51

RESIDÊNCIA SENADOR JOAQUIM AUGUSTO DE ASSUNÇÃO

Rua Félix da Cunha nº 570

ESCOLA ELISEU MACIEL - LICEU

Praça Sete de Julho nº 180

MERCOSUL

Rua Andrade Neves nº 1529

SEDE DO QUILOMBO DO ALGODÃO

Colônia Triunfo 4º Distrito

SEBRAE

Rua Félix da Cunha nº 618

JOCKEY CLUB (SPAZIO AUGURI, CARTÓRIO LORENZI)

Rua Sete de Setembro nº 151

MERCADO CENTRAL

Praça 7 de Julho

PRAÇA COHAB LINDÓIA

Rua Ernani Osmar Blass s/n

CLUBE CAIXEIRAL

Praça Cel. Pedro Osório nº 106



PAISAGEM URBANA: AV. DUQUE DE CAXIAS E SUA FÁBRICA

Jossana Peil Coelho¹
Mirella Moraes De Borba²
Francisca Ferreira Michelin³

O conceito de patrimônio cultural vem sendo ampliado de modo que novos tipos de atores e áreas do conhecimento ingressaram neste campo de investigação. Igualmente, distintos conceitos passaram a ser articulados ao de patrimônio, tal como os de paisagens culturais e fábricas, conteúdos inerentes ao estudo que ora apresentamos. O alargamento do conceito implicou, também, no seu processo de democratização, no qual passam a ser visto como patrimônios culturais ambientes da vida cotidiana, espaços de trabalho, moradias e lazer.

No que tange à Paisagem Cultural, vale lembrar que essa foi lançada definitivamente como uma categoria de patrimônio em 1992, pela UNESCO⁴. Entendida como um produto da história, a paisagem também a reproduz, uma vez que mostra as características próprias dos homens que a constituíram. Sob tal viés, a paisagem é a manifestação formal da vida cotidiana. Nela podemos encontrar, também, elementos da identidade da sociedade que a produziu.

No Brasil, as discussões sobre paisagem cultural se intensificam na década de 2000, sobretudo com a aprovação da carta de Bagé em 2007, que de forma precursora, defendia as paisagens culturais. Após dois anos, é promulgada a Portaria n. 127 pelo IPHAN⁵ que institui a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Neste documento, ela foi definida como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (art. 1º).

Outro resultado da ampliação do patrimônio é o Patrimônio Industrial, que a partir de 1978 começa a contar com o Comitê Internacional de Preservação do Patrimônio industrial (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage – TICCIH). Porém, apenas em 2003 o principal documento referente a esse patrimônio é redigido e aprovado, a Carta de Nizhny Tagil, que define o Patrimônio Industrial como expressão da cultura industrial, assim definido pelos seus valores históricos, tecnológicos, sociais, arquitetônicos

e/ou científicos, englobando as edificações de espaços fabris e das atividades sociais, os maquinários e demais elementos definidores dos modos de uso e trabalho no lugar.

Na legislação municipal de Pelotas, podemos observar que esse patrimônio vem sendo discutido e valorado com ênfase nos últimos anos, tal como se observa no Brasil.

Ao analisarmos as legislações referentes ao patrimônio cultural, podemos perceber que há um pensamento preservacionista da história e da memória da cidade, presente em duas leis, a primeira: Lei nº 4568/2000⁶, que declara as Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC), lista os bens inventariados do patrimônio cultural de Pelotas e observa sua preservação.

Embora a lei aponte as zonas culturais, o seu foco é nos bens edificados, assim verificado quando a lei determina que apenas os bens integrantes desse Inventário devem manter sua volumetria preservada, e as construções que lhe forem confrontantes pelas laterais devem manter a compatibilidade volumétrica e tipológica com o bem inventariado. As edificações que estão listadas no Inventário são determinadas por serem representativas da arquitetura da cidade e por compor o espaço urbano com esse quesito.

Uma abordagem preocupada com a conservação integrada dos valores históricos, culturais, sociais, estéticos, artísticos, turísticos, arquitetônicos, arqueológico, urbanísticos e paisagístico, de uma área como um todo, é apresentada na segunda lei citada, o III Plano Diretor de Pelotas⁷, de 2008, no qual percebemos uma ampliação do conceito de patrimônio. Evidencia-se a demanda por uma extensa discussão da questão dos valores envolvidos nesses bens a serem preservados.

Atentando para essa nova visão presente na legislação pelotense, é possível notar a existência de preocupação com vários patrimônios de diferentes valores, não apenas estéticos. Desponta, neste cenário, a paisagem cultural da cidade e os patrimônios industriais, mesmo que o plano diretor não cite especificamente esses conceitos, a lei nos remete a termos como paisagístico e práticas sociais, que podem perfeitamente ajudar no entendimento desses bens.

Esses termos aparecem como características das Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEIAC), que são “aquelas que apresentam patrimônio de peculiar natureza cultural e histórica” (PELOTAS, 2008). Também são essenciais das AEIAC, as características arquitetônicas, históricas e urbanísticas.

¹Arquiteta & Urbanista, Museóloga e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

²Conservadora & Restauradora e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

³Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas e Pró-Reitora de Extensão e Cultura da mesma Universidade.

⁴Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

⁵Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

⁶Pelotas. Lei municipal nº 4568 de 7 de julho de 2000, que declara áreas da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas (zppc's) e lista seus bens integrantes.

⁷Pelotas. Lei municipal nº 5502 de 11 de setembro de 2008, que institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências.

O Plano Diretor apresenta treze AEIAC. Cita-se a sexta, a do Parque Linear Bairro Fragata, que corresponde a extensão da Praça 20 de Setembro e da Avenida Duque de Caxias. No trecho, são notadas as características de uma paisagem cultural, notáveis por seus valores históricos, arquitetônicos e urbanísticos.

Segundo o III Plano Diretor, o Parque Linear Bairro Fragata se configura como a principal via do Bairro Fragata, com as principais atividades e serviços locais, e o canteiro central é o espaço público aberto na forma de parque linear muito utilizada pela população, com potencialidades urbanas, paisagísticas e culturais.

Um exemplo dos seus valores históricos, é o cemitério que conta com vasto patrimônio artístico presente nos túmulos e mausoléus, como estátuas, vasos e santos, alguns de artistas conhecidos da cidade, e também por estarem ali sepultadas pessoas importantes para a história de Pelotas. Por outro lado, a arborização da Av. Duque de Caxias confunde-se com o valor histórico do bairro, razão que advoga vir a ser estudada e preservada. Quanto ao seu valor natural, diz-se que muitas das árvores são centenárias e a presença de eucaliptos se deve a uma alameda plantada por Carlos Ritter⁸.

Ao longo da avenida encontramos edificações singulares que contribuem para o seu valor social e histórico, como o prédio do 9º BIMtz (Batalhão de Infantaria Motorizado) construído na década de 1920, a Faculdade de Medicina, a Antiga Fábrica Laneira Brasileira S.A.⁹, e o prédio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Mariana Eufrasia, a primeira escola municipal do Bairro Fragata, inaugurada em 1924. Esses quatro exemplares fazem parte da lista de imóveis do Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural, regulamentada pela Lei nº 4568/00, do qual, ao todo se encontram 85 imóveis inventariados na Av. Duque de Caxias.

Com a citação de alguns poucos exemplos dos eventos históricos, de patrimônios edificados e de espaços construídos e ocupados com práticas culturais e sociais de valor memorial, a Avenida Duque de Caxias torna-se notável pelos seus valores culturais, históricos, artísticos e naturais. Mesmo com as várias transformações que ocorreram no local e no seu entorno, é possível ir além do que ainda resta na materialidade e buscar a imaterialidade e as memórias desses espaços que hoje já não existem mais ou mudaram de uso, e junto do que há no presente, pensar a Av. Duque de Caxias como uma gem urbana.

Segundo o III Plano Diretor, em cada AEIAC possuem Focos Especiais de Interesse Cultural (FEIC), que são pontos específicos com “características peculiares que denotam maior relevância sob o aspecto cultural”

(PELOTAS, 2008). Na AEIAC Parque Linear Bairro Fragata há duas FEIC: a primeira é o Foco da Fábrica de Chapéus, por se tratar de uma referência histórico-cultural, que conta com um conjunto arquitetônico, que compreende o prédio da antiga Fábrica de Chapéus, galpões e sua vila operária. O segundo foco é a Faculdade de Medicina e Quartel do 9º BIM, por apresentarem elementos referenciais na paisagem com significado histórico e social, com unidades tipológicas com características formais relevantes.

Um exemplo dos seus valores históricos, é o cemitério que conta com vasto patrimônio artístico presente nos túmulos e mausoléus, como estátuas, vasos e santos, alguns de artistas conhecidos da cidade, e também por estarem ali sepultadas pessoas importantes para a história de Pelotas.

Outros FEIC's poderiam ser facilmente incorporados à legislação vigente, como por exemplo, a Laneira Brasileira S.A., considerada patrimônio industrial, está localizada no início da Av. Duque de Caxias, sob o nº 104. A Laneira foi sede de uma importante indústria de beneficiamento e comércio de lã, que começou seu funcionamento em 1949, e acabou tornando-se um referencial para a cidade e impulsionando o crescimento do bairro Fragata. No final da década de 1990, a fábrica entra em declínio, desativando setores da indústria, até que em 2003 decreta falência e tem o encerramento total de suas atividades, e em 2010 a UFPel adquiri seu imóvel. Sua instalação, por estar na malha urbana, se aproxima da comunidade do entorno e se destaca na paisagem por conta de suas características fabris, que difere do resto do conjunto, marcando o seu uso inicial. Hoje é um ponto de referência na avenida.

Em pesquisa realizada¹⁰ sobre a fábrica desativada, foram feitas entrevistas com ex-funcionários, que indicam a importância que esta empresa possui, tanto para a memória pessoal quanto para a memória coletiva. Os relatos nos mostram que a maioria dos trabalhadores da fábrica morava (e muitos ainda moram) nas adjacências e lembram, sempre com muito carinho, da época que frequentavam esse espaço. Também lamentam o seu estado atual de abandono, destacando como sua fachada chama a atenção no contexto.

Devemos salientar que há, por parte da UFPel, sua atual proprietária, a preocupação e a intenção de que as

⁸Carlos Ritter era proprietário de uma cervejaria, estudioso da natureza e morador do Bairro Fragata. Sua residência localizada na Av. Duque de Caxias, foi construída em meio a um grande jardim na década de 1900, com a morte de seu proprietário foi vendida ao município para abrigar o Instituto de Higiene Borges de Medeiros, em 1958 foi doada a Faculdade de Medicina. A propriedade desde então tem o mesmo uso.

⁹Incluído no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas através do Decreto nº 5.685, de 08 de novembro de 2013, que dispõe sobre os bens integrantes do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas, e dá outras providências.

¹⁰Dissertação de mestrado da autora Jossana Peil Coelho no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural.

instalações da Laneira tenham um uso adequado, levando em conta todos os seus valores. Busca-se manter não apenas a edificação, mas os símbolos que nela estão agregados, o imaterial que está presente na memória da comunidade e em todos essas significações.

Quanto a proposta de novo uso, há um projeto arquitetônico de reciclagem e requalificação da edificação intitulado Laneira Casa dos Museus que ocupa o complexo industrial da fábrica com um centro interdisciplinar, no qual está prevista a instalação de três museus universitários, uma biblioteca retrospectiva, área de ensino e área de eventos, além do próprio memorial da Laneira.

Esse projeto, além de trazer a proposta de transformar o espaço fabril em espaço universitário, também busca a valorização do patrimônio industrial e da sua paisagem. Importa destacar que o projeto vai ao encontro da lei do Plano Diretor e contribui com as ações nele previstas para o desenvolvimento urbano e a proteção do patrimônio. Assim, a Laneira Casa do Museus é um projeto importante não só para a Universidade, mas para toda a comunidade pelotense que irá contar com um ambiente qualificado para zelar pela memória da fábrica, do bairro e da sua paisagem cultural.

Referências

BIASOLI, Carmem Lúcia Abadie. **Viagem na memória do Fragata**: Estudo sobre a história e cultura de um "bairro cidade". Monografia (Especialização) - Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2007

COELHO, Jossana Peil. **Os significados do lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN). **Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento - A convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972 : para saber o essencial**. Brasília, DF: IPHAN, 2008.

TICCIH. **Carta de NizhnyTagil sobre o patrimônio industrial**, TICCIH, 2003.



PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NA ZONA DO PORTO: NOVOS USOS PARA A ANTIGA FÁBRICA FIAÇÃO E TECIDOS PELOTENSE¹

Melina Monks da Silveira²
Douglas Emerson Deicke Heidtmann Junior³

O patrimônio das cidades industriais permite reconhecer as formas de produção presentes em determinados territórios e as suas transformações. Tanto

as edificações quanto os equipamentos e ferramentas são testemunhos de como os cenários foram sendo modificados, em prol da otimização da produção. Mais além da arquitetura e dos objetos, os traçados urbanos, percursos e cotidianidades formam uma composição de paisagens únicas, que acabam por ser ofuscadas. Segundo a carta de Nizhny Tagil, se entende por patrimônio industrial como aquilo que “compreende os vestígios da cultura industrial que possui valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico”.

A atividade industrial é um grande fenômeno de transformação do território e da paisagem urbana, resultado de uma estreita relação entre sociedade e território e suas atividades em um certo período histórico. No bairro do Porto, em Pelotas, não seria diferente. Neste contexto, as zonas portuárias representam um cenário de grandes transformações das cidades industrializadas.

A valorização do patrimônio industrial no Brasil ainda está em andamento, apesar de esforços em prol do reconhecimento dos sítios urbanos industrializados, que ainda são insuficientes para preservar o grande acervo existente no país. Um dos maiores desafios da gestão urbana é a degradação e abandono de certas zonas em cidades históricas, principalmente em zonas portuárias e industrializadas.

A cidade de Pelotas teve uma intensa industrialização no final do século XIX e início do século XX para atender as demandas do mercado nacional. A maioria das indústrias se instalaram próximas ao acesso portuário e ferroviário da cidade. A zona do Porto abrigou diversas indústrias, como a Cervejaria Sul-Rio-Grandense, o Moinho Pelotense, a Companhia Fiação e Tecidos, o Frigorífico Anglo, entre outras.

A Companhia Fiação e Tecidos Pelotense foi fundada em fevereiro de 1908 por Alberto Roberto Rosa e Plotino Amaro Duarte. Começou a operar em 1910, quando a construção do parque industrial foi concluída, com uma área de 9.984m² e com 346 funcionários, ocupando um quarteirão entre as ruas Uruguai, Almirante Tamandaré, Xavier Ferreira e Uruguai. Fabricava fios, tecidos de algodão, brins, riscado, todos exportados para São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba.

A Fábrica foi fundada para resolver um problema econômico, pois os navios que levavam o charque de Pelotas para o Nordeste do País retornavam vazios, somando um "frete morto" aos custos. Assim, resolveu-se

¹Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso 1 em Arquitetura e Urbanismo (UDESC): NOVAS TECITURAS PARA O TRABALHO: ESTUDO PARA REABILITAÇÃO DE EDIFICAÇÃO DE INTERESSE HISTÓRICO CULTURAL COMO CENTRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E CRIATIVA EM PELOTAS/RS

²Estudante de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

³Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

que os navios voltariam carregados de algodão e na cidade se instalaria uma fiação e tecelagem de algodão na zona portuária da cidade. A construção ficou sob a responsabilidade do engenheiro Benjamin Gastal e todo o maquinário foi fornecido pela firma inglesa Brooks & Doxei (POETSCH, 2002).

A edificação, em linguagem industrial, possui quatro pavilhões construídos em alvenaria, rebocada, estrutura interna de ferro com perfil "I" e cobertura de também de ferro com "sheds" que oferecem uma iluminação zenital organizada em uma malha estrutural com módulos de 21x7m. Os galpões abrigavam a fiação e tecelagem. A edificação sofreu algumas modificações, mas no geral permanece sem grandes descaracterizações.

A Fiação e Tecidos possui uma rua interna que dividia as funções da fábrica: de um lado um pavilhão maior os setores de tecelagem, fiação, expedição, depósitos caldeiras, passadeiras e fardação. Paralelos à essa construção, do outro lado da rua interna, existiam prédios menores destinados à tinturaria, oficinas e a administração. Atualmente a edificação está subdividida em diversos espaços, alugada para serviços. Porém, muitos espaços estão ociosos dentro da edificação. Em um dos ambientes da edificação, o proprietário utiliza o espaço para seu próprio negócio, uma cervejaria, onde originalmente funcionava o setor de urdição.

O Patrimônio industrial da antiga Fábrica de Fiação e Tecidos na cidade de Pelotas teve um papel importante no desenvolvimento da cidade. A edificação de interesse histórico cultural está localizada no bairro portuário da cidade, à margem do Canal São Gonçalo. A edificação representa mais do que a memória de uma indústria, e sim a história e vida de diversos trabalhadores que durante anos dedicaram seus dias à indústria. As relações sociais criadas a partir do ambiente de trabalho eram de companheirismo e se estendiam para fora do convívio do ambiente fabril, surgindo muitas amizades e casamentos. Muitos operários acabaram fixando residência próximo à fábrica e essas lembranças permaneceram na memória dos ex-operários (ESSINGER, 20019).

A valorização desse patrimônio pelos próprios moradores de bairros portuários e industrializados é um grande desafio. Outro desafio é adequar essas edificações de interesse histórico cultural para as questões contemporâneas. Uma alternativa para a ocupação e valorização desses prédios ociosos é adequar essas edificações para espaços de feiras, exposições e eventos culturais, destinando um uso onde os moradores possam se sentir inseridos. Além desses usos, pode-se também propor que essas edificações, que possuem grandes ambientes, possam se tornar espaços de trabalho colaborativos.

Atualmente a fachada da Fábrica Fiação e Tecidos voltada para a Rua Uruguai possui muros que poderiam ser retirados para proporcionar uma maior integração com os moradores do entorno. Antigos galpões industriais

oferecem grandes extensões de muro junto ao passeio público e tende a gerar espaços públicos obsoletos. Ou seja, as atividades inseridas na edificação podem se tornar uma alternativa de renda para os próprios moradores do entorno, permitindo um uso mais adequado para a realidade atual.

Restaurar a edificação apenas não basta, e sim reabilitar para torná-la algo habitável para a contemporaneidade e devolver o seu uso para a população da região, onde muitos são descendentes dos trabalhadores da fábrica que ocuparam e desenvolveram o bairro. Existe uma potencialidade em relação ao Bairro Porto por ser próximo ao centro da cidade e com várias ruas que conectam com os campus da Universidade Federal de Pelotas, que trouxe vida cultural ao bairro.

Nesse sentido, cabe incentivar novas centralidades com capacidades de atrações distintas do centro convencional e criar estratégias para inserir os moradores à vida urbana do bairro, dinamizando-o em todos os períodos do dia, dando novos usos aos edifícios obsoletos além do universitário e, assim, criando um espaço de união e interação entre os moradores do entorno.

Referências

ESSINGER, Cíntia Vieira. **Entre a fábrica e a rua: a Companhia Fiação e Tecidos e a criação de um espaço operário. Bairro da Várzea, Pelotas, RS (1953 – 1974)** 2009. Dissertação de Mestrado em Memória e Patrimônio Social. UFPel

KÜHL, Beatriz Muqayar. **História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos.** Revista CPC, São Paulo, v.1, n.1, p. 16-40, nov. 2005/abr. 2006.

GUTIERREZ, E. J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** Pelotas: Ed. UFPEL, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **III Plano Diretor.** 2008.

POETSCH, Marta Costa. **Zona do Porto de Pelotas e sua Identidade.** Tese de Doutorado em Integração Regional. UFPel. Pelotas. 2002.

RUBIRA, Luís (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas. / Luís Rubira (Projeto LIC: Gaia Cultura & Arte).** v. 1: *fac-símile da "Revista do 1º Centenário de Pelotas / João Simões Lopes Neto", textos diversos e fotografias da cidade.* – Santa Maria/RS: PRO-CULTURA RS / Gráfica e Editora Pallotti, 2012.

TAGIL, N. **Carta sobre o Patrimônio Industrial.** Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial. 2003.



TRÊS, TREZENTAS, TREZE MIL – A IDENTIDADE E OS BAIRROS EM PELOTAS

Arthur de Siqueira Brahm
Jonas Tenfen

O título do Dia do Patrimônio de 2017 traz duas palavras bastante carregadas: identidades e pertencimento. Ponderando essas duas palavras e a sua

experiência como alguém que nasceu e cresceu nas Três Vendas, o autor se perguntou: qual é a identidade das Três Vendas? E o que é pertencer a ela?

São perguntas sem respostas imediatas. O leitor que for morador do bairro talvez associe as Três Vendas com a rua onde mora ou a casa onde cresceu. Mas, pensemos, isso realmente engloba o bairro? Até onde nossa percepção pessoal do que é as Três Vendas é semelhante à dos outros habitantes? Mas para falarmos dessas questões, precisamos falar sobre como essas identidades surgem.

As identidades são filhas de múltiplos pais, sendo gerada por fatores sociais, biológicos, étnicos e históricos. O motor por trás destes fatores é o convívio em comunidade. Para a identidade de um lugar surgir, é necessário que nele haja o convívio da população, onde se trocam experiências, ideias, costumes e sentimentos. Através do convívio, a comunidade solidifica seus pontos comuns, construindo pontes que a une entre si e a diferencia de outras comunidades. Desde os homens paleolíticos em torno de fogueiras até a idade contemporânea, são nesses lugares que as identidades são estabelecidas.

No caso de Pelotas, os locais onde o convívio ocorreu (e ainda ocorre) de forma mais intensa estão próximos uns dos outros. São a Praça Coronel Pedro Osório, nexo de ruas principais, o Mercado Público, local de atividade comercial e social, a Catedral São Francisco de Paula, onde a convivência em torno da religião reúne a comunidade. Faz sentido que esses locais sejam os mais simbólicos de Pelotas. Prestando atenção nos cartões postais, panfletos turísticos, fotos de visitantes da cidade, imagens em material oficial do governo, fotos no Facebook e assim adiante, vemos que esses locais deixaram de ser apenas espaços e paisagens e se tornaram símbolos da cidade. Carregam consigo a identidade de Pelotas. Mas estão todos localizados no Centro.

Em uma cidade em que os símbolos de identidade são quase que monopolizados pelas figuras do Centro, o que resta aos bairros? Essa diferença fica ainda mais acentuada quando levamos em consideração as dimensões dos bairros pelotenses. Pelotas é, acima de tudo, uma cidade de bairros. A cidade não está concentrada, está espalhada por centenas de quilômetros de bairros que se desdobram sobre a planície do Extremo Sul. Só as Três Vendas possui em torno de 70 mil habitantes. Se fosse uma cidade, seria maior que 467 dos 497 municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

Mesmo os bairros tendo enormes dimensões físicas e populacionais, eles figuram pouco na identidade pelotense. Como chegamos nisso? Creio que o motivo principal seja o fato de não existir tanta história acumulada nos bairros, nem uma identidade bem formada em comparação com o Centro.

A primeira observação se confirma quando consideramos a brevidade da história dos bairros e suas

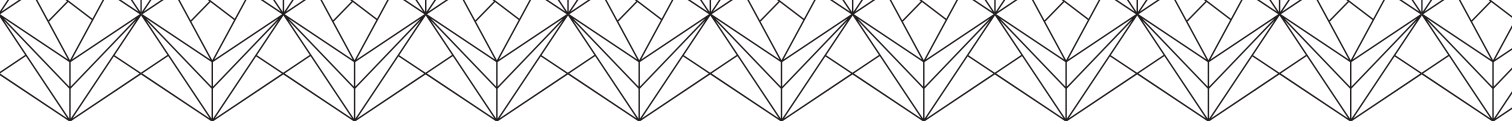
sub-regiões. Muitas das vilas características das Três Vendas possuem apenas um punhado de décadas. A Lindoia, Sítio Floresta e Pestano, por exemplo, se originaram na década de 60. São crianças comparadas à Catedral ou às charqueadas idosas nas margens do São Gonçalo. Seria desonesto comparar o peso que esses locais distintos têm na identidade de Pelotas. A segunda observação se confirma convivendo com habitantes das Três Vendas. Se escuta as pessoas dizendo que são da Tablada, ou do Lindoia, ou do Py Crespo. Mas raramente, dizem que são das Três Vendas. A identidade de bairro é fragmentada. Os habitantes não têm um senso de pertencimento tão forte em relação às Três Vendas como tem em relação ao pedaço das Três Vendas onde moram.

O motivo dessa fragmentação é claro quando consideramos de quantas regiões é constituída as Três Vendas. O bairro inclui tanto casas nobres na Dom Joaquim ou condomínios cada vez mais altos na Juscelino Kubitschek assim como casebres de tábuas no Pestano ou na Getúlio. É lar tanto de descendentes de alemães, portugueses e africanos que estão no bairro há gerações, como de moradores recém-chegados de outras regiões da cidade e do mundo. Em poucas quadras passamos por igrejas católicas, luteranas, pentecostais e terreiros de umbanda. São muitas realidades, muito distintas, lado a lado. Como apontar o dedo para aquela que representa verdadeiramente o bairro inteiro?

As identidades são filhas de múltiplos pais, sendo gerada por fatores sociais, biológicos, étnicos e históricos.

Podemos falar não apenas sobre o quão recente é a história das Três Vendas, mas também como ela se desenvolveu diferentemente da do Centro. Octavio Paz contrastava as construções do século XIX com as do XX, indicando que as segundas careciam do valor simbólico intrínseco das primeiras. As grandes obras urbanas do século XIX costumavam pertencer à Igreja ou ao Estado e eram emblemáticas dessas instituições. Representavam na própria arquitetura e decoração os grandes temas da Fé, de Deus, da Nação, da História, do Povo. Quando olhamos para uma igreja ou um quartel, sabemos o que é uma igreja ou um quartel, qual o papel deles, mesmo sem saber nada sobre aquela igreja ou aquele quartel específico.

Em Pelotas, estes prédios simbólicos se concentram no Centro. Exemplo maior é o da Catedral São Francisco de Paula, que carrega histórias vivas na tinta de suas paredes e dos seus vitrais. Independente da religião do visitante, ao ultrapassar as colunas da entrada se encontra cercado de narrativas, histórias, parábolas e ideias. São imagens carregadas de significado que ajudam a construir a identidade dos que convivem ali. Em contraste, as



grandes construções do século XX não contam com essa mesma herança simbólica. São fábricas, rodoviárias, depósitos, condomínios, escritórios e arranha-céus.

Mas isso não quer dizer que eles não têm papel em construir a identidade de um local. O próprio Paz resolve o problema que propôs ao afirmar que o ser humano está sempre criando significados. Nas Três Vendas, os principais pontos de convívio são macro atacados, postos de gasolina, condomínios e pracinhas pouco movimentadas. Não possuem o glamour do centro histórico da cidade, mas fazem parte da história e da identidade das comunidades. É onde convivemos com vizinhos, amigos, familiares, conhecidos e até inimigos. São frequentados a trabalho ou a lazer, por necessidade ou opção, sozinhos ou acompanhados. O importante é que os frequentamos e assim eles se inserem na nossa memória e, consequentemente, na da comunidade.

O próprio nome das Três Vendas é exemplo disso, já que surgiu a partir de três vendas localizadas onde a Av. Salgado Filho e Fernando Osório se encontram. Essas vendas não eram mais do que estabelecimentos comerciais. Não eram monumentos, nem possuíam um altar com santos, ou estátuas dos patriarcas da cidade. E mesmo assim marcaram a memória da população a ponto de viverem para sempre através do nome do bairro.

Sem catedrais, palácios ou grandes prédios oficiais, os bairros e suas divisões constroem sua identidade em suas ruas lentas, seus mercadinhos e praças sem bustos de bronze. Longe do holofote que recai sobre Centro, comunidades crescem e se desenvolvem dentro do Fragata, Areal e, especialmente, das Três Vendas. São únicas na sua diversidade. Suas paisagens não estão em cartões postais ou panfletos turísticos, mas isso não os torna menos parte de Pelotas. Que este dia do patrimônio sirva para os pelotenses descobrirem isso.



SABERES E SABORES DA COLÔNIA

Renata Menasche¹
Carmen Janaina Machado²
Vania Grim Thies³

Desde 2011 a equipe multidisciplinar reunida em torno da agenda de pesquisa *Saberes e Sabores da Colônia* tem percorrido a Serra dos Tapes, tomando o estudo das práticas relacionadas à alimentação como forma de entender esses contextos rurais. A Serra dos Tapes é uma região situada ao sul do Rio Grande do Sul, delimitada por áreas que foram historicamente ocupadas por grupos indígenas, negros fugidos ou libertos da escravidão e

camponeses com origem na imigração europeia, os *colonos*. No mapa apresentado abaixo, estão indicadas algumas das localidades em que se realizaram as inserções de pesquisa, nos municípios de Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul.

Esse estudo se desenvolve em um quadro em que podemos notar, por um lado, uma ansiedade urbana contemporânea em relação à alimentação e, por outro, a expressão, nas classificações da alimentação operadas por consumidores urbanos, de um rural valorado positivamente, idealizado, que ao demandar alimentos – mas também paisagens, costumes, festas, história, turismo –, interfere na conformação do rural vivenciado pelos que nele habitam. O trabalho conduz o olhar às práticas alimentares para mostrar diluições e redefinições de fronteiras, dentre outras aquelas entre campo e cidade. Nesse quadro, receitas herdadas, pratos tradicionais, produtos e ingredientes locais, espécies e variedades nativas, práticas da alimentação cotidianas ou rituais, utensílios e objetos que conformam a cultura material relacionada à produção e consumo de alimentos, mecanismos de sociabilidade em que se dá sua circulação e, ainda, espaços em que se realizam atos associados ao comer são percebidos enquanto elementos que compõem sistemas culinários, cuja diversidade é expressão de modos de vida e visões de mundo de grupos sociais específicos, marcando pertencimentos e distinções identitárias.

Entre as diversas iniciativas de pesquisa realizadas, no contexto das colônias Maciel e São Manoel, município de Pelotas, elegemos a cozinha como espaço privilegiado de observação para estudar práticas alimentares cotidianas de famílias rurais descendentes de imigrantes italianos. A inserção de pesquisa se deu pela cozinha da Comunidade Católica Sant'Ana, no preparo e realização de festas, seguindo para as cozinhas de algumas das famílias pertencentes a essa comunidade.

Na localidade, realizam-se diferentes tipos de festa. Há aquela preparada por e para os membros da comunidade, a Festa de Sant'Ana, comemoração religiosa. Nela a comida é elaborada a partir de produtos da colônia e de itens industrializados: os *bolos de caixinha* são preparados tendo a temperatura do forno medida com folhas de bananeira. Aí a tradição – reafirmando identidades – se faz presente, ainda que atualizada a partir de técnicas e ingredientes modernos⁴. E há a festa preparada pela comunidade para um público externo, a

¹Doutora em Antropologia Social, Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS

²Mestre e Doutoranda em Desenvolvimento Rural pela UFRGS

³Doutora em Educação, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel

⁴Assista ao vídeo Festa na colônia, festa de Sant'Ana, que mostra esta festa: <https://vimeo.com/108127792>



Festa do Dia do Vinho, quando a comida é elaborada a partir de produtos da colônia para um público urbano, ávido por consumir o vinho, a comida e, mais que tudo, por travar contato com o rural de seu ideário.

Da cozinha da comunidade conduzimos o olhar à cozinha das famílias, atentando para o cotidiano de trabalho, seus saberes e práticas alimentares. No contexto de mudanças advindas com a modernização da agricultura, observamos que assim como a lavoura passou por processo de transformação, com aquisição de máquinas, equipamentos e produtos químicos, também a cozinha sofreu alterações, o que é evidenciado pela aquisição de fornos elétricos, máquinas de preparar pão, liquidificadores, batedeiras, entre outros eletrodomésticos que hoje estão presentes. A intensificação na utilização de produtos industrializados está presente também nos ingredientes utilizados, conformando o que podemos considerar um “cardápio híbrido”, conformado por produtos da colônia e industrializados.

A polenta e o vinho, apresentados nas festas como símbolos da cultura italiana, também estão presentes na alimentação diária das famílias e são alimentos culturalmente valorizados. O vinho é comumente produzido para o consumo familiar, sendo que algumas famílias o produzem em maior escala, para comercialização. Mas vinho e polenta, símbolos da culinária italiana, estão à mesa das famílias de descendentes de imigrantes italianos e também de alemães e brasileiros, evidenciando que, nas localidades estudadas, a italianidade pode ser interpretada como elemento que constitui uma “identidade colona compartilhada”.

Entre outros temas que têm recebido atenção da equipe de pesquisa Saberes e Sabores da Colônia estão os panos de parede, encontrados na localidade de Nova Gonçalves, no município de Canguçu/RS, localidade de origem predominantemente pomerana. Os panos de parede, bordados por mulheres pomeranas, ficavam pendurados na parede das casas para enfeitar a sala ou a cozinha, atrás do fogão à lenha, sendo ainda usados no dia de festas de casamento, com dizer específico referente à data. Além de apresentar flores, ramos, animais ou os próprios utensílios de cozinha, muitos apresentavam escritos em alemão, que assim eram porque na época em que foram bordados não se tinha ainda o conhecimento da escrita pomerana. Atualmente, os panos de parede podem ser considerados patrimônio da localidade, presente na memória de sua gente. Mais recentemente, temos iniciado a estudar cadernos de receita, que trazem a alimentação como um saber fazer das mulheres camponesas.

Este trabalho é conduzido a partir do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (GEPAC). Os artigos e vídeos produzidos podem ser acessados no site

do GEPAC (<https://www.ufrgs.br/gepac/>) e ali também são encontradas informações sobre o livro produzido a partir destas iniciativas de pesquisa, *Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural*.



BALNEÁRIO DOS PRAZERES / BARRO DURO: ENTRE PRÁTICAS ESPACIAIS, DEMANDAS NO TERRITÓRIO, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES

Keli Siqueira Ruas¹

O Balneário dos Prazeres, popularmente conhecido como Barro Duro, localiza-se às margens da Laguna dos Patos, ao norte do Balneário Santo Antônio, distante aproximadamente uns 15 km do centro urbano de Pelotas. Os balneários fazem parte da região administrativa Laranjal, zona prioritária de atuação das incorporações imobiliárias destinadas a setores de alta renda da população.

O Balneário dos Prazeres, foi criado em 1953 no contexto de formação das segundas residências, por conta das melhorias na via de acesso à orla lagunar, mas se constituiu como um bairro majoritariamente residencial. Por ser mais afastado da cidade, pela demanda por segundas residências já ter sido sanada com a comercialização de lotes na Vila Residencial Balneário Santo Antônio e Vila Residencial Balneário Valverde, ou mesmo por estratégias territoriais, seus terrenos possuíam menor valor.

Dessa forma, o Balneário dos Prazeres acolhe uma população de classe média à baixa, tanto de residentes, quanto de veranistas, visto a possibilidade que se tinha até pouco tempo atrás, de acampamentos sazonais em seu bosque.

Dentre os balneários, esse foi o que recebeu menos investimentos, tanto por parte dos loteadores, como da municipalidade. Conforme consta em Escritura Pública de Doação, os loteadores desse balneário doaram um terreno para o Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP) em contrapartida das responsabilidades com as infraestruturas básicas de saneamento e abastecimento de água. A falta de atenção às condições

¹Doutoranda em Geografia pela UFRGS

naturais das paisagens na escolha dos sítios a serem loteados e a não realização das obras de drenagem de forma correta, ocasionou a formação de voçorocas, que se intensificaram com o passar dos anos, atingindo a mata nativa e, conseqüentemente, o cotidiano dos moradores, veranistas e frequentadores. Estes fatos mostram que este balneário já na sua formação foi vítima do descaso com o meio ambiente e sociedade.

Na memória social da cidade é visto como um espaço aprazível de lazer, da presença de terreiros, dos acampamentos em seu bosque de figueiras centenárias, do Campeonato Praiano na Praça Aratiba, do Culto às Águas na Festa de Iemanjá. No entanto, também é percebido como um bairro deficitário de infraestruturas urbanas e de praia, com diversos problemas sociais e ambientais, abandonado pelo poder público local e estigmatizado como relatam seus moradores:

“ *o nosso bairro tem lá fora uma fama, fama de bairro pobre, e sem cultura, mas não é, é o inverso. A gente até muitas vezes preza por isso para não ter muito avanço, mas não é o ideal.* ”

Estas representações pejorativas encobrem o bairro como produto da luta pelo direito à cidade, pelo cuidado ambiental e pelo respeito.

Trata-se de um bairro litorâneo com características diferenciadas, tanto no que se refere a constituição do seu espaço social, quanto no que se refere a sua paisagem urbana e dinâmica natural. O espaço social deste bairro envolve as práticas sociais e identidades na relação dos sujeitos com o ambiente construído, com a laguna e matas. Por estar situado na franja da área urbanizada, nele observa-se a coexistência de diferentes tipos de estilos de vida tanto nas atividades econômicas, quanto nas relações socioculturais: urbana, rural e pesqueira. É comum as pessoas trabalharem no centro urbano, criarem pequenos rebanhos, cultivarem pequenas hortas e também pescarem na laguna. Ser morador do bairro, banhista, pescador, veranista, praticante de esportes náuticos, devoto de Iemanjá ou Nossa Senhora dos Navegantes ou tudo isso junto, são identidades intensificadas pela representatividade da laguna na vida desses sujeitos, o que não significa ausência de conflitos.

Na produção deste espaço, ocorre o entrelaçamento de práticas espaciais dos moradores, dos veranistas, dos praticantes de religião de matriz africana e do poder público local. Estes grupos de atores e agentes possuem distintos interesses de usos e vínculos territoriais, que se sobrepõem e se hierarquizam no espaço-tempo, formando um amplo campo de significações, as quais, mediam as relações ora conflitivas, ora em cooperação entre os grupos sociais e entre eles e a materialidade do espaço lagunar.

No entanto, é na sazonalidade do verão com a chegada

da população flutuante, que o conflito territorial fica mais evidente, pois, as disputas pela apropriação da orla se intensificam, bem como, as resistências, os desvios e insurgências (CERTEAU, 2009) associadas às transgressões dos códigos da linguagem e do comportamento dos grupos. Este conflito territorial interfere justamente no elemento de atração social – a paisagem costeira lagunar.

Os moradores e frequentadores vem observando desde os anos 1980, uma transfiguração da paisagem costeira, com o avanço da laguna, a diminuição do espaço recreacional e o tombamento das figueiras. Trata-se de uma erosão costeira, fenômeno natural, intensificado pela ação humana, o qual, está relacionado a sua toponímia “Barro Duro”.

Toponímias são marcas culturais que expressam uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural, se originam de duas formas básicas, verticalizadas e horizontalizadas (SANTOS, 1999). A primeira é quando o nome é implantado em um lugar sem vínculo, enquanto a segunda o nome surge, não por uma imposição, mas pela interação geográfica. Nesse sentido, a toponímia Barro Duro, apesar de ser anterior a formação do Balneário, não consta na história oficial é em grande parte coletada da tradição oral. Está associada a percepção das antigas gerações de proprietários e frequentadores, das características naturais do solo da orla, endurecido em alguns trechos dessa praia. A raspagem da encosta pela água direcionada pelo vento Nordeste, faz a areia ser levada pela correnteza, levando a mata ali presente ao tombamento. O acúmulo de matéria orgânica vegetal foi sendo soterrada iniciando o processo de transformação em turfa, dando ao solo uma consistência argilosa com aspecto de “barro duro”, daí o nome. Já a toponímia Nossa Senhora dos Prazeres, é uma repetição do nome da estância, herdada pela família Assumpção, loteadores dos balneários. Esse nome, teve origem na primeira imagem católica trazida da Europa no período Colonial. A imagem esculpida em madeira de Nossa Senhora dos Prazeres encontra-se em uma gruta em propriedade dessa família, próxima ao Balneário dos Prazeres. Essa marca europeia e católica, faz parte da história oficial, mas não das vivências dos moradores e veranistas desta praia.

O nome Barro Duro tem sido alvo de disputas no campo das representações, em 1993 ele aprece resignificado, através do conto literário “Mito de Nioro”, escrito por Maria Helena Vargas da Silveira no livro “Odara- Fantasia e realidade”. Esse conto fala da presença negra nessa praia e traz uma experiência do sagrado para essa etnia, visto que as relações escravistas vão além da violência. Este tem sido usado por educadores e educadoras para tratar de questões afirmativas e patrimonial, valorizando a cultura afro-brasileira.

Posteriormente em 1998 uma matéria da imprensa

local registra o descontentamento de uma moradora e empresaria com a toponímia Barro Duro “[...] peço respeitosamente, que em nome da história e do povo não seja modificado esse nome Balneário dos Prazeres por Barro Duro, seria um desrespeito com o lugar e com as pessoas que lá vivem, [...] pois na entrada desse Balneário dos Prazeres, lê-se o nome Barro Duro” (DIÁRIO DA MANHÃ, fev. 1998). Esse pedido foi atendido, mas as reivindicações de maior urgência ainda estão por vir.

O bairro tem uma apropriação territorial negra marcada materialmente e simbolicamente conforme o relato de Carlos Alberto Pereira, que é afro-brasileiro frequentador e participante ativo da Festa de Iemanjá:

“*ouvi histórias de meus antepassados de que na época da escravidão a mata foi abrigo de negros fugitivos, [...] ao entrar no mato e sentir o contato com a natureza se sente a espiritualidade e a presença desta ancestralidade*”

Nesse sentido, esse bairro é um espaço geossimbólico (BONNEMAISON, 2002) sendo também sagrado para alguns veranistas e visitantes, dada a força do sincretismo brasileiro, manifestado na homenagem mútua para Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes nas águas da Laguna dos Patos. O encontro das duas imagens que ocorre todo o dia 2 de fevereiro, em frente a gruta de Iemanjá, é planejado por representantes da Federação de Cultos Afro-brasileiros e da Igreja Católica. Conforme a antropóloga Marília Floor Kosby (2008): “o que de fato emerge nesse encontro lacustre é a intensidade depositada no não-território que a água representa [...] Se as águas têm dono, nesse campo, a Lagoa dos Patos é domínio de Iemanjá, Nossa Senhora dos Navegantes, Iara”. Enquanto que em terra apesar de predominar o valor de uso deste território, esse é marcado pelas relações de poder, expressas pela desigualdade socioespacial, preconceitos e imputações de estigmas, como bem salientou o ex. vereador Velocino Cardoso em proposição verbal na sessão Nº015 Ata Nº003/93 da Câmara Municipal de Pelotas, em 18 de janeiro de 1993, p.10:

“*[...] A praia que hoje frequento e continuarei frequentando é o Barro Duro, minha praia do coração. Trata-se de uma praia muito bonita e arborizada, mas hoje vamos ao Barro Duro e nos sentimos tristes. Eu sou negrão e assumo minha raça e origem. Essa praia é chamada de “Planeta dos Macacos” e por isso está atirada as traças. A prefeitura investe todos os seus recursos nos outros balneários o que é uma lástima.*”

Os umbandistas e africanistas reconhecidos como povos e comunidades tradicionais de terreiros, se julgam injustiçados frente as ações do poder público local, de

restringir seus acessos as matas da orla e das tentativas de retirar a festa de Iemanjá da beira da praia:

“*[...] existem as leis de APPs, mas porque não existe para os condomínios fechados, porque existe para nós que amamos e adoramos aquele balneário Nossa Senhora dos Prazeres, que gostamos daquela terra abençoada.*”
Carlos Alberto

“*[...] temos enfrentado vários preconceitos que dizem que a religião está estragando o Balneário dos Prazeres, aonde eu digo não somos nós, a gente tira a nossa energia daqui. Na verdade, isto aqui nunca foi cuidado.*”
Moradora e dona de casa de religião conhecida como Preta de Oxum.

Cabe ainda nesta breve caracterização do Bairro Balneário dos Prazeres destacar o espaço de luta dos seus habitantes, são iniciativas positivas de práticas socioespaciais que visam amenizar as carências do bairro, são também esforços para um reconhecimento do lugar como espaço turístico da cidade.

A comunidade do Balneário dos Prazeres tem criado estratégias e projetos para desenvolver qualitativamente seu bairro: a) Um projeto de recuperação da orla através de engordamento artificial foi solicitado pelos moradores ao Laboratório de Oceanografia Geológica da FURG e apresentado aos órgãos competentes, que o ignoraram; b) Projeto: Replantando o Barro Duro”, com apoio das crianças da comunidade; b) Projeto: Tornando jovens ecologistas, através de aulas com biotécnicos, palestras, gincana ecológica, aulas de pesca e canoagem; c) Projeto: Tornando uma adolescente feliz, realiza festa comunitária de 15 anos no clube local; d) Projeto: Biblioteca comunitária; e) Confeções de cartazes de conscientização ambiental e lixeiras improvisadas espalhadas pela mata. Esses projetos têm apoio do morador e presidente do Oásis Praia Clube Sr. Valdir Oliveira. Destaca-se ainda o Projeto: Oficina de esculturas para crianças carentes, no ateliê do escultor e morador Elvadir Santos Caldeira, “Vandico”, conhecido no meio artístico pela criação de peças em grandes dimensões, usando materiais recicláveis, autor de diversas obras importantes no Estado.

Os moradores, do bairro também participaram de audiências públicas e solicitaram ações do Ministério Público, sobre o abandono do poder público local para com o bairro e praia, visto tratar de uma Área de Preservação Permanente.

A escuta dos atores sociais do bairro, evidenciou que apesar das divergências entre eles, há o consenso de que o lugar é invisibilizado e discriminado pelo poder público local. Também revela a importância de se entender melhor os significados da apropriação dos territórios para

evitar a destruição dos espaços de coexistência, de solidariedade e resistência cultural.

Referências

BONNEMAISON, Joël. *Viagem em torno do território*. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

CALLIARI, L. J. (Coord). **PROJETO: Recuperação de uma praia da localidade de Barro Duro através de engordamento artificial**. Laboratório de Oceanografia Geológica, Departamento de Geociências, julho de 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

KOSBY, M. F. *Cruzamentos, territórios e patrimônio religioso: sobre a doçura como referência cultural nas comemorações de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes nas praias do Laranjal, Pelotas/RS, em 2007*. **Cadernos de campo**, São Paulo, n.17, p. 1-348, 2008

OÁSIS PRAIA CLUBE. **PROJETO: Replantando o Barro Duro**. Pelotas, 2012-2016.

OÁSIS PRAIA CLUBE. **PROJETO: Tornando Jovens Ecologistas**. Pelotas, 2016.

OÁSIS PRAIA CLUBE. **PROJETO: Biblioteca Comunitária**, Pelotas, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 384 p.

SILVEIRA, M.H.V. 1993. **Odara: fantasia e realidade**. Porto Alegre, Texto digitado, p. 15.

Entrevista com Carlos Alberto Pereira, concedida a autora em maio de 2017

Entrevista com Marilene Janes (Preta de Oxum), concedida a autora em julho de 2016.



PROJETANDO LUGARES COM IDOSOS: RUMO ÀS COMUNIDADES AMIGAS DO ENVELHECIMENTO

Adriana Araujo Portella¹
Sirlene de Mello Sopena²

Este projeto nasceu da vontade de entender o que as pessoas querem das suas cidades, como elas enxergam sua participação na sociedade, nas decisões políticas e também qual as memórias que elas possuem dos seus bairros. Atualmente, projetos de revitalização urbana muitas vezes não consideram o simbolismo dos lugares e acabam por descaracterizar as memórias da cidade. Respeitar as opiniões dos nossos adultos mais experientes, dos nossos '60 mais', quando projetamos a cidade é fundamental para a manutenção das identidades e histórias do lugar. Esta pesquisa coordenada no Brasil pela Universidade Federal de Pelotas, pela Profa. Adriana

Portella, é uma parceria internacional com a Universidade Heriot-Watt de Edimburgo, no Reino Unido, sendo lá coordenada pelo Prof. Ryan Woolrych. O estudo é financiado pelo Fundo Newton e ESRC num total de £808.289 libras esterlinas.

O envelhecimento populacional no Reino Unido e no Brasil tem gerado novos desafios na forma de projetar os ambientes urbanos para que estes apoiem e promovam envolvimento social cotidiano e vida urbana saudável para os adultos com mais de 60 anos. À medida que envelhecem, as pessoas enfrentam o declínio de suas capacidades físicas e cognitivas, mudanças nos arranjos de vida e a perda de apoios sociais. Em resposta a essas questões, o 'Guia Global: Cidade Amiga do Idoso' (2008), documento de autoria da Organização Mundial da Saúde, defende que o ambiente ideal para envelhecer é aquele onde as pessoas podem permanecer ativas, engajadas, socialmente conectadas e independentes. No entanto, para envelhecer - [com sucesso] - é necessário que os moradores vivam num local onde é possível ter participação social, mobilidade e vida ativa com a cidade. Entretanto, os ambientes urbanos de hoje muitas vezes desencorajam o envelhecimento ativo, colocando as pessoas em risco de isolamento e solidão dentro de suas próprias residências. As cidades contemporâneas podem ser "não amigas" e "hostis" as pessoas com mais de 60 anos, agindo como uma barreira ao acesso à oportunidades sociais, econômicas e cívicas. Ao abordar esta questão, as políticas e a práticas internacionais estão focadas na promoção de cidades e bairros 'amigos da idade', que incentivem o envelhecimento ativo. Entende-se como envelhecimento ativo como 'o processo de otimização de oportunidades para saúde, participação e segurança, para melhorar a qualidade de vida das pessoas à medida que envelhecem' (Guia Global: Cidade Amiga do Idoso, 2008, p.10).

Desse modo, esta pesquisa reconhece que simplesmente mudar a forma construída não é suficiente para criar um ambiente mais inclusivo para o envelhecimento, pois os lugares são mais do que espaços físicos. As cidades são articuladas através de um forte sentido de lugar, definido como os vínculos sociais, psicológicos e emocionais que as pessoas têm com seu ambiente. Um forte sentido de lugar resulta do acesso a apoios para a participação ativa, oportunidades para construir e sustentar redes sociais e assumir um papel significativo na comunidade/bairro. Em contrapartida, um sentimento de deslocamento ou "falta de espaço" está associado à alienação, isolamento e solidão, muitas vezes gerando resultados adversos de saúde e bem-estar. Socialmente, a criação de ambientes urbanos amigáveis à idade, que apoiam o sentido de lugar é parte integrante do envelhecimento bem-sucedido, assegurando que as pessoas possam continuar ativas na cidade e com melhor qualidade de vida.

¹Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas

²Gerente de Projeto, Universidade Federal de Pelotas

Em Pelotas estamos estudando as memórias e histórias dos moradores do bairro Navegantes, Fragata e Centro. O estudo será concluído em 2019 e conta com várias etapas participativas com a comunidade e poder público. Quem desejar maiores informações é somente consultar o site da pesquisa (<http://placeage.org>) ou vir nos visitar na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pelotas, no Laboratório de Estudos Comportamentais, sala 108.

A seguir apresentamos alguns trechos de uma carta escrita por um participante ativo na nossa pesquisa, senhor Jorge Linhares. Nesta carta ele nos faz refletir um pouco sobre o que significa o “sentido de lugar”.

A vida! Vista da minha janela

(Por Jorge Linhares, 2017)

Pelotas é privilegiada geograficamente e culturalmente. Área onde vivo! Gostaria de escrever um livro. A vida! Vista da minha janela. O verde das árvores frondosas da praça, com revoar de pompas, pássaros em geral e até de caturritas... O amanhecer é lindo...! ...e ao anoitecer recolhem-se os pássaros e começa o revoar dos morcegos, saindo dos telhados antigos e indo caçar insetos e tomar água no canal São Gonçalo.

Ao levantar os olhos contemplamos o “céu”, como pano de fundo, para os prédios históricos de uma cidade culta e saudosista: Prefeitura, Biblioteca, Mercado Público, Antigo Banco do Brasil, Grande Hotel que no passado foi cassino de jogos; e muitos prédios históricos.

Mais ao longe, a ponte sobre o rio São Gonçalo que nos une ao Município de Rio Grande.

A vida na praça tem muito aspectos! Debruçado em minha janela observo: o trânsito de carros, muitas vezes engarrafado. Flanelinhas atuando em sua profissão, jugado de “chatos” por algumas pessoas. Muitos pelos atritos apelam para vícios. Porém dialogando com eles sentimos que são seres humanos, cada um com sua história. Costumo citar a de um que atacava frente ao Teatro Sete de Abril. “Fulano de Tal”, tendo como esposa uma senhora, tiveram sete filhos, às vezes traziam alguns. Talvez por não terem com quem deixar. Os mais velhos até que ajudavam na orientação das manobras dos carros e sempre com aquele pedido: “Consegue uma moeda tio?”.

Olho os bancos da praça, no inverno, os que estão no sol, recebem namorado sentado e a namorada deitada com a cabeça no colo do amado.

Pessoas idosas que aproveitam para descansar ou bater papo com os amigos. Jovens skatistas treinando no largo frente ao Teatro ou falando ao celular. Pessoas sentadas na grama ou levando seu cachorrinho para passear.

Temos também uma pracinha com balanços, escorregador e área com areia. Minha netinha leva algum brinquedo, empresta para os amiguinhos, mas gosta mesmo é dos brinquedos dos outros. Esta praça “vale ouro”!



CICLOATIVISMO E OUTROS ENCONTROS: DESACELERAR É A CULTURA DO FUTURO

Patrick Tedesco

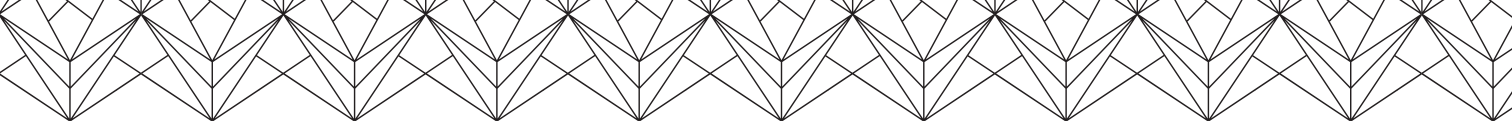
O planejamento urbano da maioria das cidades brasileiras se deteve, desde muito tempo, a pensar o espaço em prol do estímulo à utilização do automóvel particular como meio de transporte prioritário, em detrimento de outras possibilidades de locomoção, como por exemplo o transporte público com utilização de veículos coletivos. Basta passear pelas regiões centrais de qualquer cidade brasileira para se ter ideia dessa desproporção: vias destinadas quase que exclusivamente ao tráfego e estacionamento de carros, com pouco ou nenhum planejamento referente à construção de calçadas confortáveis, ciclofaixas seguras e vias ou estruturas de transporte coletivo.

Tem se tornado cada vez mais evidente que tal descuido é uma política pouco inteligente, visto que, em tempos de luta por ideais de sustentabilidade, o automóvel é o principal personagem do engarrafamento das cidades e um dos primeiros vilões da poluição do ar e sonora. Por conseguinte, mais do que uma forma equivocada de planejamento urbano, tal modelo pouco democrático é símbolo de uma realidade ainda mais devastadora: muitas vezes as cidades se tornam não-lugares, espaços que se destinam apenas à passagem, onde os momentos de troca, convívio e relação interpessoal são pobres ou inexistentes.

Você já teve a sensação de que estar dentro de um carro é como estar dentro de uma bolha?

O mundo de hoje não é muito aberto à práticas que se proponham a instalar rupturas na rotina vertiginosa do dia a dia. Mais do que nunca é necessário ser ágil e eficiente nas atividades do trabalho ou estudo, cumprir com metas e objetivos, e preencher todo o tempo disponível com atividades úteis e produtivas. Os currículos escolares nos ensinam essencialmente a resolver problemas da ordem da ciência e engenharia (questões de cunho matemático, de compreensão das leis da física, de entendimento sobre o funcionamento do corpo etc), porém, quase sempre, passam longe de nos ensinar atividades que seriam, tanto quanto, importantes ao exercício de ser-se gente: aprender a produzir e a preparar alimentos saudáveis, arrumar a casa, exercitar o corpo, praticar atividades ligadas ao exercício da criatividade, entre outras tantas possibilidades de busca por um ideal de cultura e bem-estar.

A noção de vida civilizada está, assim, consideravelmente descarrilhada. O Século passado não foi lá dos mais agradáveis, ao passo que o atual parece seguir em um rumo semelhante. Conforme comenta o



historiador Eric Hobsbawm, no livro “A era dos extremos – o breve século XX”, e como todos nós sabemos, o século XX foi catastrófico: duas grandes guerras, polarização econômica, implementação de ditaduras e consumação de um capitalismo virulento (aquele cujo o objetivo final é sempre encontrar maneiras cada vez mais inteligentes de melhor explorar os pobres em benefício dos ricos). Como se não bastasse, questões ambientais, tais como o aumento da poluição, a devastação das florestas e a ocorrência de grandes desastres naturais causados pelo homem têm se tornado cada vez mais preocupantes.

Na corrente de sucessivas revoluções, um desejo ambicioso foi a passos largos tornando-se necessidade e se transformando em um símbolo máximo de uma duvidosa ideia de progresso: a busca pela velocidade. Começou com a industrialização, a serialização dos meios de produção e saberes, a conquista da energia elétrica e do motor à combustão, a invenção de novos meios de transporte (do trem, do automóvel, do avião). Logo apelou-se para sonhos um pouco mais extravagantes que não apenas o ideal de locomover-se pelo nosso mundo: desenvolver foguetes, conquistar o espaço, visitar a lua, pousar em marte. Criamos ainda uma outra maneira de chegar em qualquer lugar e à qualquer tempo: o mundo virtual, com o desenvolvimento dos computadores pessoais e a implementação da internet. Com tudo isso, o próprio corpo humano tornou-se um corpo veloz.

Por outro lado, certa parcela das pessoas têm se dado conta de que o caminho do bem-estar está, justamente, no extremo oposto desta lógica. Em nossa cidade, por exemplo, têm surgido inúmeros grupos que se envolvem em atividades as quais, de forma silenciosa mas veemente, representam uma retomada da ocupação do espaço urbano e luta por um cotidiano menos apressado e mais democrático. São atividades instituem um exercício de pausa, que geram momentos de conforto e saúde frente à frenética ligeireza do cotidiano. É, assim, cada vez mais frequente observar turmas de amigos que passam as tardes reunidos em praças da cidade, eventos culturais que ocorrem nas ruas aos finais de semana e grupos de pessoas que se reúnem no entorno de acontecimentos de rua, que remetem a um envolvimento vagaroso mas intenso com a cidade e seus espaços públicos, como por exemplo a realização de feirinhas agroecológicas, de piqueniques culturais e a prática de atividades como o grafite, o skate e o parkour.

Dentre essas ações de apropriação do espaço urbano, aparece também, com grande evidência aqui em Pelotas, a valorização da bicicleta como meio de transporte e lazer. Nos últimos dez anos vivenciamos o surgimento de grandes reuniões populares no entorno do uso da bike, exemplo disso é a organização de alguns grupos de “pedal’ que fizeram história da cidade, através dos quais, a prática do ciclismo se tornou fator central para o construção de novas amizades, a descoberta e exploração de locais até

então afastados e a prática de um esporte altamente benéfico à saúde. Além disso, tem-se, aí, o envolvimento com ações de cicloativismo, ou seja, de efetivação de ações que carregam consigo um ideal um mundo, que reivindicam a democratização da mobilidade urbana, a maior segurança nas vias públicas e filiam-se a práticas de sustentabilidade.

Dentre essas ações de apropriação do espaço urbano, aparece também, com grande evidência aqui em Pelotas, a valorização da bicicleta como meio de transporte e lazer.

Por fim, percebe-se que, a partir dos momentos de encontro e de troca interpessoal, ocorre um acontecimento maior, de construção de cultura e de identidade da população e reflexão política sobre a cidade que queremos. Tal efervescência está acontecendo aqui, nesse momento, na emergência de novas culturas, como por exemplo a cultura da bicicleta, do skate, do parkour, das reuniões de rua de de outras formas de produção cultural. Cabe a nós dar prosseguimento à apropriação dos espaços e deixar acontecer. Mais do que uma cidade com rico patrimônio histórico e conhecida nacionalmente pela qualidade de seus doces, a população de Pelotas busca, assim, aprender a se construir como uma cidade cosmopolita, na qual coexistem, com respeito e interação, inúmeros tipos, tribos e práticas urbanas.





AGRADECIMENTOS

Adão Monquelat, Adriana Portela, Adriel Costa, Alberto Danda, Alcir Nei Bach, Alcy Moraes, Alessandra Braga Carvalhal, Andrew Falchi, Angela Tavares, Angelita Neves, Angelita Soares Ribeiro, Antônio Leonel Soares, ARPA-SUL – Associação Regional de Produtores Agroecologistas da Região Sul, Arthur De Siqueira Brahm, Beatriz Araujo, Ben Hur Alves Flores, Bianca Weber dos Santos Neves, Biscoitos Zezé, Carlos Oliveira, Carmen Janaina Machado, Centro de Tradições Gaúchas Coronel Thomaz Luiz Osório, Cesar Porto, COP – Círculo Operário Pelotense, Daniel Vaz Lima, Claudia Turra Magni, Dione Dutra Lihtnov, Dirceu Moreira Monteiro, Douglas Emerson Deicke Heidtmann Junior, Eduardo Arriada, Eduardo Leite, Elisa Guimarães, Eva Regina Pereira Campos, Éverson da Martha, Florismar Thomaz, Fototeca Memória da UFPel, Francine Marques, Francisca Ferreira Michelin, Gilciane Jansen, Gisele Pereira, Guilherme Pinto de Almeida, Guilherme Rodrigues, Herbeto Mereb, Igor Simões, Jean Souza, Jonas Tenfen, José Camilo Pires Pereira, Joseane da Silva Almeida, Kauane Gomes, Keli Siqueira Ruas, Kiko Xavier, Lar da Criança São Luiz Gonzaga, Lar da Criança São Luiz Gonzaga, Leandra Ribeiro Fonseca, Leonardo Tajés Ferreira, Liane Cordeiro, Lígia Maria Ávila Chiarelli, Lisete Sousa, Louise Prado Alfonso, Lucas Manassi Panitz, Marcelo Soares, Maria Helena Rosa da Silveira, Marina Santos Moraes, Mateus Fernandes da Silva, Melina Monks da Silveira, Mirella Moraes De Borba, Myryam Viegas, Neuza Ribeiro, Nilo Dias, Noris Leal, Patrick Tedesco, Pedro Curi Hallal, Pedro Gonçalves Pereira, Rafael Zorzoli, Renata Borges, Renata Menasche, Robinson Santos Pinheiro, Rosa Maria Mota Souza, Rosane Aparecida Rubert, Sara Coradi, Jossana Peil Coelho, Sidney Gonçalves Vieira, Simone Magalhães, Simone Martins, Sirlene Sopena, Tanara Costa, Tanize Garcia, UPACAF - União Pelotense de Associações Comunitárias e Associações Afins de Pelotas, Valdir Duarte, Vania Grim Thies, Vera Coelho, Verinha Garcia.

A Secult agradece imensamente a todos os proponentes das atividades, aos agentes do patrimônio, aos colegas das secretarias municipais e às instituições que gentilmente abriram suas portas durante o final de semana.

Todos os conteúdos e opiniões expressas são de inteira responsabilidade dos autores.

Todos os eventos da programação são de inteira responsabilidade de seus proponentes.

Design: 
prefeitura de
Pelotas
vamos compartilhar a cidade

